



Instituto Politécnico de Leiria

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Escola Superior de Saúde

Mestrado em Intervenção para um Envelhecimento Ativo

**A Abordagem à Obra de Arte na Promoção de um
Envelhecimento Ativo**

Ana Filipa Moniz Cunha

Leiria, Março, 2016



Instituto Politécnico de Leiria

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Escola Superior de Saúde

Mestrado em Intervenção para um Envelhecimento Ativo

**A Abordagem à Obra de Arte na Promoção de um
Envelhecimento Ativo**

Relatório de Projeto

Ana Filipa Moniz Cunha, nº: 5140317

Professor Orientador:

Doutora Lúcia Grave Magueta

Leiria, Março, 2016

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar o meu agradecimento à Professora Doutora Lúcia Grave Magueta pela sua generosidade em alicerçar este projeto de trabalho mostrando sempre forma de motivar através do desafio constante e rigor.

Testemunho o meu apreço aos Idosos e Instituição que permitiram levar a cabo este estudo e cuja participação ativa me entusiasmou sempre a continuar.

À minha família próxima agradeço a sabedoria de escolherem entre os momentos de silêncio e os momentos de incentivo, constituindo um exemplo de força e coragem para mim.

Àquele que com a sua doce calma me transmite sempre ânimo e confiança para continuar.

A todos aqueles que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

RESUMO

Um dos fenômenos mais significativos da sociedade contemporânea, com tendência a acentuar-se, é o aumento da população idosa, que tem vindo a constituir um sério desafio, não só na área da saúde mas também no campo social, cultural, económico e político, ao qual ninguém pode ficar indiferente.

Com o projeto que concebemos e implementámos pretendemos dar o nosso contributo na área da animação sociocultural, não apenas como agentes de mudança mas, sobretudo no desenvolvimento de ferramentas para enriquecer e formar os idosos promovendo o seu envelhecimento digno, saudável e ativo.

Neste âmbito, pretendemos verificar que o contacto entre os idosos e as imagens de obras de arte lhes faculte a aquisição de novas aprendizagens, infundindo ânimo e participação crítica, favorecendo o crescimento não só pessoal mas também grupal.

Seguindo uma metodologia de investigação-ação, desenvolvemos uma sequência de atividades, em contexto de lar, envolvendo idosos com idades entre os 59 e os 88 anos. A avaliação do projeto permitiu-nos constatar que os idosos que convivem com o mundo das artes (imagens de pinturas de obras de arte) aprendem não só a “olhar” mas sim a refletir e a apreciar, estimulando assim a sua capacidade cognitiva. De igual modo, através da promoção do diálogo, mantêm a sua vida social ativa.

Palavras-chave:

Arte, Arte-Terapia, Animação Sociocultural, Envelhecimento Ativo

ABSTRACT

One of the most significant phenomena of contemporary society, with a trend to increase, is the growth of elderly population, which has been a serious challenge, not only in the health sector but also in the social, cultural, economical and political areas, to which no one can remain indifferent.

The aim of the project which was created and implemented is making a contribution to the area of social-cultural animation, not only as agents of change but also in developing tools to enrich and form elderly people in order to promote their decent, healthy and active aging.

In this regard, it was intended to verify that the contact between elderly people and the images of works of art provides them with the acquisition of new learning, instilling mood and critical participation, by encouraging personal and group growth.

Following a methodology of research-action, a sequence of activities have been developed, in care home context, involving elderly people aged between 59 na 88. The evaluation of the project has allowed us to note that elderly people who live together with the world of arts (images of paintings of works of art) learn not only “to look” but also to think over and appreciate, thus stimulating their cognitive skills. Similarly, they keep their social life active, through the promotion of dialogue.

Key-words:

Art, Art Therapy, Social-Cultural Animation, Active Aging

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO 3

1 – TERCEIRA IDADE 3

1.1- O Idoso - Elemento ativo da sociedade 3

1.2 - Envelhecer com arte 4

2 – A ABORDAGEM À OBRA DE ARTE – EM TORNO DOS CONCEITOS 5

2.1 - Educação Estética e Artística 5

2.2 - Arte: Para se ver e compreender 7

2.3 - o olhar de Parsons e Housen sobre a arte em prol de um envelhecimento ativo 8

3 - ANIMAÇÃO – EM TORNO DOS CONCEITOS 9

3.1 - Animação Sociocultural – Aspetos pertinentes 9

3.2 - A Animação Sociocultural na Terceira Idade 10

3.3 - A Animação Sociocultural em prol de um envelhecimento ativo 11

II - OPÇÕES METODOLÓGICAS 14

1 - MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO 14

2 - TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS 15

3 - CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA 17

4 - DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO E DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO 19

4.1 - Identificação do problema 19

5 – OS OBJETIVOS 20

5.1 – Os objetivos do projeto de intervenção 20

5.2 – Os objetivos e a questão de partida da investigação-ação 20

6 - PLANIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO 21

7 - IMPLEMENTAÇÃO - DESENVOLVIMENTO DAS SESSÕES 23

7.1 - Primeira sessão 24

7.2 - Segunda sessão 27

7.3 - Terceira sessão 30

7.4 - Quarta sessão 32

7.5 - Quinta sessão 34

7.6 - Sexta sessão 37

7.7 - Sétima sessão 40

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS 42

1 – AVALIAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO 42

1.1 - Avaliação da 1ª Sessão 42

1.2 - Avaliação da 2ª Sessão 43

1.3 - Avaliação da 3ª Sessão 43

1.4 - Avaliação da 4ª Sessão 44

1.5 - Avaliação da 5ª Sessão 45

1.6 - Avaliação da 6ª Sessão 46

1.7 - Avaliação da 7ª Sessão 47

2 - AVALIAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS OBSERVADAS NO CAMPO DE INTERVENÇÃO 47

CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO DE RESULTADOS 53

1 – CONFIRMAÇÃO DOS RESULTADOS FACE AOS OBJETIVOS PROPOSTOS 53

2 – PONTOS DE CONVERGÊNCIA E DE DIVERGÊNCIA ENTRE OS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO E A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA REALIZADA 55

3 – LIMITAÇÕES DO ESTUDO E RECOMENDAÇÕES FUTURAS 56

4 – EM SÍNTESE 57

CONCLUSÕES 58

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 60

ANEXOS 66

ANEXO I – DIÁLOGOS COM OS IDOSOS AO LONGO DAS SESSÕES

ANEXO II – NOTAS DO DIÁRIO DE BORDO

ANEXOS III

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1: CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA 18

TABELA 2: CALENDARIZAÇÃO DAS SESSÕES 22

TABELA 3: IDENTIFICAÇÃO DA IMAGEM DA PRIMEIRA SESSÃO 24

TABELA 4: PLANIFICAÇÃO DA PRIMEIRA SESSÃO 24

TABELA 5: IDENTIFICAÇÃO DA IMAGEM DA SEGUNDA SESSÃO 27

TABELA 6: PLANIFICAÇÃO DA SEGUNDA SESSÃO 27

TABELA 7: IDENTIFICAÇÃO DA IMAGEM DA TERCEIRA SESSÃO 30

TABELA 8: PLANIFICAÇÃO DA TERCEIRA SESSÃO 30

TABELA 9: IDENTIFICAÇÃO DA IMAGEM DA QUARTA SESSÃO 32

TABELA 10: PLANIFICAÇÃO DA QUARTA SESSÃO 32

TABELA 11: IDENTIFICAÇÃO DA IMAGEM DA QUINTA SESSÃO 34

TABELA 12: PLANIFICAÇÃO DA QUINTA SESSÃO 34

TABELA 13: IDENTIFICAÇÃO DA IMAGEM DA SEXTA SESSÃO 37

TABELA 14: PLANIFICAÇÃO DA SEXTA SESSÃO 37

TABELA 15: IDENTIFICAÇÃO DA IMAGEM DA SÉTIMA SESSÃO 40

TABELA 16: PLANIFICAÇÃO DA SÉTIMA SESSÃO 40

*TABELA 17: COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS PROMOTORAS DE UM
ENVELHECIMENTO ATIVO 49*

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 - PRIMEIRA SESSÃO 24

FIGURA 2 - SEGUNDA SESSÃO 27

FIGURA 3 - TERCEIRA SESSÃO 30

FIGURA 4 - QUARTA SESSÃO 32

FIGURA 5 - QUINTA SESSÃO 34

FIGURA 6 - SEXTA SESSÃO 37

FIGURA 7 - SÉTIMA SESSÃO 40

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho de projeto surgiu do interesse em verificar o modo como o Idoso compreende a arte partindo, especificamente, da necessidade de entender como é que o Idoso “olha” as imagens de obras de arte e daí advém o despertar de inquietudes que infunde ânimo e potencia o desenvolvimento das capacidades cognitivas de cada um, em contexto social.

Partindo do contacto direto com os idosos fez-se uma reflexão acerca de diversas questões pertinentes, disputadas pelo mundo da arte, que são muitas vezes descoradas pelos agentes de intervenção e, como tal, constatou-se que, atualmente, não se implementam estratégias transformadoras que promovam o desenvolvimento do pensamento divergente, nem se estimula o confronto com a arte, quer a nível individual quer de grupo, sendo por isso relevante desenvolver um projeto que evidenciasse os benefícios do contacto com as artes.

Neste sentido, situámos o projeto de intervenção e o desenvolvimento da investigação-ação nos campos de estudo que se constituem como paradigmas dominantes em benefício de um envelhecimento ativo: a educação artística e a animação sociocultural e a sua relação com o Idoso.

Neste trabalho apresentam-se os resultados práticos traduzidos pela discussão e trabalhos levados a cabo nas sessões, onde se coordenaram os conteúdos programáticos e se proporcionou um ambiente favorável ao desenvolvimento pessoal e grupal.

Apresenta-se igualmente o referencial teórico que enquadrou o projeto e a investigação desenvolvida. Foi seguida uma metodologia de investigação-ação, que incorporou experiências práticas de animação sociocultural com o intuito de promover a literacia dos idosos na área das artes.

Tendo em consideração que a iliteracia acentua-se particularmente ao nível da Educação Artística, então na primeira parte deste trabalho proceder-se-á à análise das correntes vigentes e conceitos paradigmáticos que se disputam no mundo da arte em coligação com a dinamização sociocultural para idosos.

A segunda abordagem, referente à metodologia aplicada, procurará averiguar a relação existente entre os idosos e a sua compreensão das imagens de obras de arte, tendo como

principal objetivo, fomentar o interesse dos idosos pela arte e contribuir, com esta proposta de atividade, para um envelhecimento ativo ao incrementar a literacia visual bem como fomentar o relacionamento social.

Neste contexto, após o trabalho de campo direto, observa-se que quando o Idoso é confrontado com uma imagem de obra de arte sobrevêm-lhe referências díspares, quer de ordem estética (uma vez que este se dispõe a processar sistemas de símbolos indutores de pensamento criativo), quer de ordem cognitiva (uma vez que incita ao pensamento crítico).

Como tal, a prática artística realizada toma relevância na medida em que se torna reguladora de sentido crítico para cada idoso, permitindo o estímulo cognitivo, o bem estar psicológico e, perante a partilha de saberes e sentimentos, proporciona a socialização. Deste modo, a arte ocupa um lugar de destaque para o entendimento de conceitos fundamentais que estão na base de formação de cada indivíduo e dá lugar à expressão livre de sentimentos.

Numa terceira parte, será apresentada a avaliação das sessões de campo realizadas, sendo analisados os resultados e discutidos os pontos comuns.

Posteriormente, numa quarta fase, serão nomeados os objetivos alcançados, será feita a análise dos pontos de divergência entre os resultados da investigação-ação e a fundamentação teórica inicialmente aprofundada e serão apresentadas as limitações do estudo e recomendações para investigações futuras.

Devido às características dos participantes, com um baixo nível de desenvolvimento artístico, sobressaem estratégias de inquirição e visionamento de diversas imagens para agilizar os processos cognitivos de divergência e convergência de cada idoso demonstrando, deste modo, que a arte pode transformar, desenvolver e enriquecer as capacidades de cada indivíduo em qualquer etapa da sua vida.

Finalizamos a apresentação do projeto com as conclusões que derivaram da investigação -ação e com uma reflexão em torno de todo o processo vivenciado.

Como Parsons (1992) cita Collingwood (1958, p.317) “E não há nenhum momento da vida em que um homem possa dar por concluída a tomada de consciência de si enquanto pessoa. Esta consciência está constantemente a ser reforçada, desenvolvida, está sempre a encontrar novas aplicações”.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Nota introdutória

Com o presente capítulo pretendemos prover alguma fundamentação teórica por ordem a integrar e contextualizar o leitor nas temáticas: Terceira Idade; A abordagem à obra de arte – em torno dos conceitos e; Animação – em torno dos conceitos, que justificarão o trabalho de investigação proposto. Neste sentido, o aprofundamento teórico foi imprescindível para a realização do projeto de intervenção e do processo de investigação-ação. Estes trouxeram para a dimensão das práticas os temas abordados, dando-lhes concretização.

1 – TERCEIRA IDADE

1.1- O Idoso - Elemento ativo da sociedade

À medida que o indivíduo cresce e contacta com o mundo que o rodeia, este verifica que a sua perceção muda e, sem exceção, a pessoa idosa, apesar da idade avançada, continua constantemente a reinterpretar as suas experiências. Sendo também a velhice um fenómeno natural ligado ao processo de vida, ela não é um “acidente de percurso” mas sim, o resultado de um programa de crescimento e maturação, em várias esferas, que varia de pessoa para pessoa.

Embora as alterações físicas do Idoso sejam o foco mais evidente, há que ter em consideração que estas podem ser influenciadas pelo estilo de vida de cada um, pelas características do meio ambiente e pelo estado de nutrição e, como tal, o envelhecimento deve ser entendido, na sua totalidade, perante as dimensões: psicológica, biológica, social e existencial.

Seguindo a linha de observação de Vieira (1996), efetivamente, constata-se que os primeiros conflitos psicológicos enfrentados pelo Idoso referem-se à dificuldade de este se adaptar às mudanças físicas e sociais decorrentes da passagem dos anos. Todavia, a mentalidade da sociedade que se revela pouco tolerante com a velhice também ressalta como contributo negativo.

Contudo, cada vez mais, valoriza-se o estatuto da pessoa mais velha, sendo oferecidos novos caminhos, por ordem a que o Idoso desfrute da sua fase de maturidade, investindo nos seus objetivos e, como afirma Jaeger (1999, citado por Schambeck, 2004, p.18), o Idoso tende a

procurar "(...) viver com criatividade, satisfação e qualidade, pois não importa o tempo que se tem para sonhar, mas o resultado é a qualidade daquilo que se sonha".

Deste modo, como denota Veras (1995), a velhice não tem de ser, necessariamente, um período de declínio e decadência. Se for vivida de maneira saudável, poderá ser uma fase natural da existência do ser humano com possibilidades de renovação, mudança e realização.

Neste sentido, não menos importante, Rodrigues (2011) assinala o quão necessário é que os profissionais da Gerontologia Social percebam o momento histórico-cultural em que o Idoso de hoje vive e lhe proporcionem os mais variados recursos para gerar novas aprendizagens sendo que, novos saberes promovem novos fazeres.

Neste encadeamento, intervir para um envelhecimento ativo pressupõe ajudar o Idoso a buscar sentido na sua vida, zelando pela sua autoestima, alegria, descoberta de potencialidades, conferindo oportunidades para este se expressar e ser ouvido enquanto elemento ativo na sociedade.

1.2 - Envelhecer com arte

Em benefício da população mais velha, o campo da arte torna-se bastante favorável pois, através das múltiplas perspetivas que a arte presenteia, surgem boas oportunidades que permitem ao Idoso exercitar a sua criatividade e outras competências e capacidades.

Neste âmbito, perante a simples apreciação de uma obra de arte, verifica-se que o Idoso poderá ter ideias mais claras sobre a sua experiência e sobre si próprio conseguindo falar de si, de se fazer compreender e de ser compreendido pelo outro. Como tal, a "(...) arte é basicamente expressão - conhecimento e revelação - do eu" contudo, no "(...) conjunto, levamos a arte muito menos a sério do que a ciência ou a moral." (Parsons, 1992, p.15).

Segundo a visão de Andrade (2000) a arte permite que o Homem se expresse e, ao mesmo tempo, perceba os significados atribuídos à sua vida numa eterna busca de equilíbrio com o meio em que vive. Por intermédio da arte, cada indivíduo pode unir o seu Eu limitado ao Outro, o qual, deste modo, permite-lhe beber de novas ideias, ideias essas experienciadas pelo Outro. Como o referido autor afirma:

"A arte salva o homem da banalidade do dia a dia. Através dela o indivíduo pode dar à sua vida um contexto maior, alterando-lhe o ângulo de visão. A arte possui a virtude

de aliviar o ser humano, e conseqüentemente toda a vida deste planeta, da violência, da insensibilidade, do absurdo, da loucura e da miséria em suas mais diversas e variadas formas. Ela é capaz de unir forças opostas dentro da personalidade bem como favorecer a reconciliação das necessidades do homem com o mundo externo. Daí sua função tão importante e essencial para o desenvolvimento humano." (Andrade, 2000, p.32)

Neste campo de ação, prepondera-se que a arte pode adquirir funções de arte-terapia tornando-se, como Camargo constatou, um:

"(...) recurso que possibilita a reconciliação do homem com as suas raízes mais profundas, como ser íntegro e total, tornando-o capaz de atingir o prazer no fazer e no viver. Essa reconciliação é um direito e uma necessidade do ser humano. Deste modo, incentivar o indivíduo e em especial o idoso, por meio de processos que possibilitem exercitar a sua sensibilidade artística, é abrir-lhe caminhos de renovação espiritual, através da vitória da originalidade sobre o hábito, da ousadia sobre o conformismo." (Camargo, 1999, p.69)

Neste sentido, "Envelhecer com saúde, autonomia e independência, o mais tempo possível, constitui portanto, hoje em dia, um desafio à responsabilidade individual e coletiva(...)" (DGS, 2004, p.3) sendo que, "Cada dia deve ser marcado por atividades estimulantes, o amanhecer ser diferente do anoitecer, uma semana distinta da outra" (Netto, 2002, p.322) por ordem a contribuir para um envelhecimento ativo da sociedade.

2 – A ABORDAGEM À OBRA DE ARTE – EM TORNO DOS CONCEITOS

2.1 - Educação Estética e Artística

Os termos «estético» e «artístico» parecem associar-se de forma arbitrária à palavra «educação» que, por sua vez, instigam referirem-se à mesma realidade: o ensino das artes. Contudo, aprofundando conhecimentos, verifica-se que os termos em questão apontam diferentes componentes apesar de se correlacionarem.

Deste modo, analisando, o termo «estético» derivado da palavra grega *aísthesis*, aponta para a percepção sensível, na qual se alude à experiência da “apreciação, percepção e gozo por parte do sujeito estético.”, estando “mais do lado daquele que consome do que daquele que produz o objecto estético.” enquanto que o termo «artístico» “diz respeito ao que é criado ou

conseguido intencionalmente com a finalidade de obtenção de valor estético.” (Fróis, 2000 p.45).

Associados os termos à «educação» também existe diferenciação entre os conceitos de «educação estética» e «educação artística» sendo que:

- o primeiro conceito incentiva à sensibilização do Homem para os valores do belo e da arte, que podem ser estimulados face à contemplação de obras de arte;
- o segundo conceito diz respeito à prática artística (nas mais diversas áreas) e ao desenvolvimento da capacidade expressiva e crítica do sujeito.

Porém, uma vez que a educação artística, segundo Fróis (2000, p.489), “envolve a experiência da formação do gosto e de apreciação estética e artística, assim como as questões relativas à materialização das práticas artísticas”, esta deverá compor-se “como uma área global na qual se integram as várias expressões artísticas, tendo cada uma delas afirmado a sua autonomia a partir das concepções filosóficas e psicológicas, de teorias da arte e de modelos de desenvolvimento educacional” (Fróis, 2000, p.489).

Neste sentido, será pertinente falar-se de uma educação estética e artística quando se tem por intenção fazer referência a uma educação que se prima por desenvolver as capacidades de percepção, fruição e reflexão das obras de arte (seja qual for o tipo de dimensão), bem como proporcionar o conhecimento e o estudo da arte ao longo da vida.

Como tal, sendo que uma “das finalidades da arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos” (Fróis et al., 2000, p.201) então, educar para “a sensibilidade é desenvolver tanto o sensível como o intelectual, sendo a sensibilidade entendida não tanto como a capacidade de sentir as coisas, mas como a capacidade para «sentir» a nossa sensação sobre as coisas” (Rodrigues, 2011, p.102).

Contudo, tal como Leontiev(2000) constatou, a percepção artística pressupõe um trabalho mental complexo e difícil que não atrai todos os sujeitos. Assim sendo, um

“receptor que jamais procura qualquer coisa para além do enredo das emoções, tem muito poucas hipóteses de colher algo mais profundo – digamos, significado ou prazer do estilo. A actividade mental percepção artística é substituída, neste caso,

pela aplicação passiva de simples esquemas mentais, em que todo o processo da percepção é atalhado e reduzido.” (Leontiev, 2000, p.141)

2.2 - Arte: Para se ver e compreender

Quando se fala em Arte entende-se que esta se baseia em imagens ou ações produzidas pelo Homem com a intencionalidade de exprimir ideias e/ou emoções. Neste sentido, a Arte (produção, expressão ou domínio de uma capacidade relacionada com os princípios estéticos) reflete, direta ou indiretamente, sonhos, preocupações, anseios do Homem que são experimentados, em determinado momento histórico, perante as variáveis existentes do contexto social, político e económico.

Apesar de uma obra de arte advir de uma expressão interior do artista que integra uma mensagem de teor cultural, histórico e social, a obra artística é digna por si só, ou seja, para além de edificar um elo de comunicação entre os homens, a obra de arte também se pode granjear de vida através da sua forma, do seu valor cromático, das suas relações entre elementos, da sua composição ou da sua expressividade de materiais existentes que a definem como um facto estético.

Assim sendo, admitindo que uma linguagem é todo o sistema de signos que permite a dois indivíduos comunicarem entre si então, torna-se evidente que a atividade artística também toma parte importante na interação e sociabilização de cada indivíduo, em suma, apura-se que a arte se insere num processo de comunicação que se inicia na ação criativa do artista (emissor) que teve a intenção de comunicar um sentimento, fazendo passar através da obra (canal) uma mensagem que se completa no destinatário (observador/recetor).

Porém, “Associar a arte à vida não significa só a tradução e expressão de sentimentos, mas um encontro (estético e artístico) que envolva diálogo e questionamento.” Neste âmbito, para que surja diálogo e compreensão entre as sensações é preciso ter tempo e disponibilidade pois, “Sem a focalização do olhar, a apreensão da obra é mantida ao nível superficial de contacto e de leitura” (Rodrigues, 2011, p.104). Assim sendo, as competências de cada sujeito variam perante a maior ou menor envolvimento do contacto direto e da experiência pessoal exercida face às obras de arte.

Como Rodrigues(2011) constata: observar arte exige pensar e, por isso, é uma boa maneira de cultivar e refinar o pensamento.

2.3 - o olhar de Parsons e Housen sobre a arte em prol de um envelhecimento ativo

Segundo Parsons (1992, p.13) “se nos interessamos pela forma como as pessoas compreendem a arte, isso significa que deve haver na arte algo digno de ser compreendido”.

Neste sentido, Parsons dedicou parte do seu tempo a apresentar obras de arte às mais variadas pessoas, com o intuito de as entrevistar, perguntando-lhes o que pensavam sobre a obra exibida. Por intermédio de perguntas como: De que trata o quadro?; É um bom quadro?; Porquê?; Como descreve as cores, a forma e a textura?, o autor prova que os indivíduos reagem e compreendem de forma desigual perante a visualização da mesma obra.

Como tal, constata-se que a forma de compreender a arte (pintura) assoma-se, mais ou menos, a uma sequência de desenvolvimento, na qual se destacam vários níveis de compreensão. Tal como o autor expressa, esta sequência operacionaliza-se em estádios desenvolvimentais na qual estes são aglomerados de ideias, e não características desta ou daquela pessoa, sendo que, cada conjunto de ideias é uma estrutura de pressupostos relacionados entre si.

Como o autor afirma, existem quatro grandes ideias próprias da arte: tema; expressão; meio, forma e estilo; e juízo, que estão presentes em quase todos os estádios.¹ Cada estádio, sequencialmente mais ajustado ao seu objeto, é analisado quer ao nível estético quer psicológico. Neste sentido, quanto ao nível estético, cada estádio interpreta a pintura de forma mais perfeita que a anterior e, quanto ao nível psicológico, os estádios assentam de forma crescente na capacidade de o indivíduo assumir os pontos de vista dos outros.

Neste sentido, o contributo de Parsons torna-se relevante uma vez que o importante não é a visão psicopatológica da arte ou do artista mas sim de que forma é que as ideias que os indivíduos têm sobre a arte se desenvolvem e se estruturam.

Tal como a teoria de desenvolvimento cognitivo, os indivíduos, começando com o mesmo estado cognitivo, vão adquirindo estádios que derivam de uma sequência de etapas, que se tornam progressivamente mais complexas, conforme a experiência de cada um.

¹ Estádios de Desenvolvimento de Parsons. Ver Anexos III

Assim sendo, relativamente aos pressupostos que a arte implica, verifica-se que à medida que o indivíduo vai envelhecendo e contactando com o mundo que o rodeia, a sua perceção muda. Em suma, averigua-se que a arte não se limita apenas a um conjunto de objetos belos (despojados de valor) mas é sim um meio que permite colocar o indivíduo a falar de si, de se compreender e de ser compreendido.

Neste sentido, complementando ideias, para estudar as reações estéticas dos indivíduos salienta-se ainda a técnica de entrevista de Housen (2000).

Através do seu programa Visual Thinking Strategies, influenciado pelos trabalhos de psicólogos e teóricos educacionais como Bruner, Arnheim e Vygotsky, Housen aponta que, para se estudar a reação estética dos indivíduos, se deve:

- criar um ambiente de grupo, pois a exposição ao pensamento dos pares facilita as transições face à forma de pensar;
- apresentar um estímulo, mostrando uma sequência de obras de arte criteriosamente selecionada, tendo em consideração o grupo em questão;
- focar a atenção dos indivíduos, por intermédio de uma sequência de perguntas e;
- apoiar um processo de diálogo construtivo, valorizando a importância da verbalização e linguagem no desenvolvimento do pensamento.

Como tal, perante este contexto, só depois de adquirida alguma experiência é que se solicita que os indivíduos desenvolvam os seus próprios pensamentos escrevendo sobre a arte.

Em suma, a arte, independentemente da faixa etária dos indivíduos, favorece o uso da cognição e estimula as relações da experiência Humana adivinhando um envelhecimento ativo.

3 - ANIMAÇÃO – EM TORNO DOS CONCEITOS

3.1 - Animação Sociocultural – Aspetos pertinentes

Apesar de não adquirir estatuto de ciência, a Animação Sociocultural caracteriza-se pela sua natureza procedimental e estratégia metodológica do processo, na qual, face a múltiplos âmbitos, se destaca por intermédio de ideias simples mas preponderantes. Acima de tudo, mais importante que fazer é saber como fazer e, neste âmbito, perante os vastos meios de atuação, Gillet (2006, citado por Reis (2012, p.24) sublinha o intuito de informar que a

Animação Sociocultural surge para que uma pessoa “possa reagir contra os constrangimentos insuportáveis que vai sofrendo e agir para afirmar, ao mesmo tempo, o seu lugar na relação social e coletiva (...) e também, o carácter irreduzível da sua singularidade individual”.

Como Calvo (2004) acredita, no âmbito de um território concreto, a Animação Sociocultural tem por objetivo promover nos seus membros uma atitude de participação ativa no processo do seu próprio desenvolvimento quer social, quer cultural. Por vezes, “ao permitir completar as formações anteriores e, ao mesmo tempo aprofundar interesses culturais específicos” (Canário, 2000, p.76), a Animação Sociocultural torna-se como uma entidade escolar paralela que promove e canaliza a participação de cada indivíduo para divergentes tipos de atividades, programas e espaços.

3.2 - A Animação Sociocultural na Terceira Idade

Desde os seus primórdios que a Animação Sociocultural emergiu face a diversos factores, entre os quais: o aumento do tempo livre; a necessidade de formação permanente e; o aumento do fosso cultural. Atualmente, a somar-se a estes factores, surge a preocupação de intervir para um envelhecimento ativo pois, como constata Pimentel (2006), até ao séc. XIX existiam poucos indivíduos a atingirem a idade avançada e, como tal, a velhice não constituía um problema social digno de reflexão.

Tal como Merino (1993, citado por Benet, 2002,) constatou, a animação necessita de um projeto real e concreto que responda a uma conceção e que se fundamenta na realidade específica onde se vai desenvolver com as suas necessidades, as suas possibilidades e alternativas.

Neste sentido, a Animação Sociocultural torna-se imprescindível na medida em que é uma estratégia de educação, não formal, capacitada de fundamentos teóricos e técnicos, adjacentes das ciências sociais, que são aplicados em contextos sociais reais com objetivos práticos. Neste âmbito, como constata Ander-Egg (1999), a animação atua sob uma forma de ação sociopedagógica com a intencionalidade de gerar processos de participação e, como refere Merino (1993, citado por Benet, 2002,) esta: regenera as redes de relação de participação comunitária; propicia espaço/tempo para desfrutar do ócio e da cultura e; inevitavelmente, potencia a solidariedade.

Após o que foi dito, há que salientar que a Animação Sociocultural deve, acima de tudo, realçar a capacidade de ajuda perante os mais fragilizados adotando uma atitude favorável, por ordem a incentivar que estes reaprendam a conviver e estabeleçam os alicerces necessários para se adaptarem a uma nova forma de vida.

3.3 - A Animação Sociocultural em prol de um envelhecimento ativo

O processo de envelhecimento é extremamente complexo sendo que, cada indivíduo tem a sua própria forma de envelhecer, quer fisicamente quer enquanto Ser.

Com o avançar do tempo, e com o aumento da esperança média de vida, as pessoas mais idosas tendem a usufruir de imenso tempo livre que, em muitos casos, passado a “sós”. Neste âmbito, quando o tempo não é preenchido de forma proveitosa, o idoso tende a fechar-se e a isolar-se. Nestes casos, a Animação Sociocultural, por intermédio das suas estratégias pode proporcionar as mais variadas e diferenciadas experiências para salvaguardar que o Idoso não se isole e sinta só.

Sendo o envelhecimento e o desenvolvimento processos que coexistem ao longo do ciclo vital, então a animação é uma das melhores maneiras “de atuar em todos os campos do desenvolvimento da qualidade de vida dos mais velhos, sendo um estímulo permanente da vida mental, física e afetiva da pessoas idosa” (Jacob, 2007, p.31).

Neste âmbito, a Animação Sociocultural quando é utilizada em prol do Idoso possibilita que este, através de pequenas tarefas/ações, revele qualidades intrínsecas conferindo-lhe valorização pessoal, sendo que, o Idoso ao se sentir capacitado e útil irá sobrepor estes valores positivos perante as perdas que, no geral, atingem grandemente cada indivíduo nesta etapa da vida.

Verificando que a animação abrange varias áreas de atuação, esta possibilita que os idosos transmitam as suas ideias, preocupações e emoções por intermédio dos mais diversos meios e, através deles, demostrem as suas capacidades e criatividade. Assim sendo, ocorre que a animação pode amparar cada indivíduo, através de inúmeras práticas, por ordem a que este: ultrapasse as dificuldade existentes; aceite o seu envelhecimento e; alcance novos rumos. Como Cunha (2009) verifica, a animação tem revelado ter potencialidade de afirmação e adaptabilidade a uma sociedade em mudança e aos ritmos acelerados da contemporaneidade.

Como Hermann Hesse (1952) afirma:

“Aquele que envelhece e que segue atentamente esse processo poderá observar como, apesar de as forças falharem e as potencialidades deixarem de ser as que eram, a vida pode, até bastante tarde, (...) ainda ser capaz de aumentar e multiplicar a interminável rede das suas relações e interdependências (...) desde que a memória se mantenha desperta, nada daquilo que é transitório e já se passou se perde”.

Neste campo de ação, verifica-se que a animação tende a harmonizar a vida do idoso facultando, perante uma vida sedentária, a oportunidade de este se encruzar com uma vida mais ativa e criativa, melhorar as relações com os outros e, não menos importante, a animação ajuda a desenvolver a sua personalidade e autonomia. Como constata Benet (2002), a Animação Sociocultural tem como âmbito dar vida, no sentido de criar e despertar inquietudes, iniciativas e tomar consciência dos problemas, estimulando para o desenrolar de uma ação autónoma, independente e responsável.

Porém, para se proporcionar um envelhecimento bem sucedido é necessário que exista uma substituição das intransigentes perdas por ganhos, sendo que, será preciso responder às necessidade sociais de cada idoso e criar os meios necessários para o apoiar na renovação dos seus projetos de vida. Neste sentido, para além de dar vida, Benet (2002) acrescenta que, a Animação Sociocultural deve ter adjacente o sentido de ânimo e deve potenciar algo que existe oferecendo as ferramentas necessárias para favorecer a construção crítica da realidade, tendo em consideração o sentido de partilha e ajuda perante o crescimento pessoal, ou grupal, dos indivíduos, beneficiando a participação ativa dos mesmos na sociedade.

Mais do que animar, os objetivos da Animação Sociocultural, devem passar por intervir e transformar. No âmbito da Terceira Idade, a Animação Sociocultural deve pôr em relacionamento os indivíduos e a sociedade em geral, com tecnologia adequada, mediante determinados instrumentos que potenciem os esforço e a participação social e cultural, contribuindo como uma técnica social preventiva adequada pois, como afirma Simões (2006, citado por Oliveira e Barradas, 2015, p. 9) “quer queiramos quer não, o mundo de hoje não é dos jovens, mas dos adultos e cada vez mais dos adultos mais velhos – os idosos”.

Tendo em consideração os aspetos até agora referidos, não será menos importante refletir sobre a afirmação de Munhoz (2007, p.763) quando este refere que a Animação Sociocultural é:

“uma ferramenta propícia e de suma utilidade para a intervenção positiva neste sector da população. Isto justifica-se pelo facto de que a sua finalidade não é mera ação-investigação, mas que esta seja encaminhada para gerar uma transformação na realidade. O que em definitivo suporá a melhoria da qualidade de vida destes indivíduos.”

Neste contexto, uma boa Animação Sociocultural deverá rentabilizar os serviços e recursos para: favorecer a formação ao longo da vida; proporcionar uma vida dinâmica e atrativa para o envolvimento do idoso (incrementando à ocupação adequada do tempo livre para evitar o aumento do tempo do ócio); promover a inovação e novas experiências e; valorizar as capacidades, saberes, competências e cultura de cada idoso (contribuindo para a sua autoestima e confiança).

Perante este campo de intervenção que apresenta uma realidade complexa, a Animação Sociocultural tende a procurar modificar e melhorar a sua prática, sob um ponto de vista humano e integral. No entanto, não menos importante, também deverá caber ao animador parte da responsabilidade para incitar no Idoso a vontade de participar nas atividades.

II - OPÇÕES METODOLÓGICAS

Nota introdutória

O projeto de intervenção que concebemos, implementámos e avaliámos correspondeu a um processo investigativo, no qual se seguiram procedimentos da investigação-ação. Assim sendo, apresentamos neste capítulo os aspetos metodológicos do estudo desenvolvido fazendo uma abordagem: ao conceito de «investigação-ação»; às técnicas e instrumentos de recolha de dados; à caracterização da amostra e ao desenvolvimento do projeto de intervenção e do processo de investigação-ação.

1 - MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

Apesar da noção de investigação-ação gerar múltiplas discussões, devido ao seu carácter complexo e indefinido, esta evidencia-se pela sua metodologia de processo contínuo que tem como intuito relacionar conhecimentos tentando enredar uma teoria (processo de compreensão) e uma ação (prática com intenção de transformação) expressando-se por intermédio de um conjunto de experiências dinâmicas e, ao mesmo tempo, reflexivas. Neste sentido, Serrano (1998) distingue quatro fases sendo que, afirma ser necessário: diagnosticar/descobrir uma preocupação temática (“problema”); construir um plano de ação; fazer uma proposta prática do plano de observação, indicando como funciona e; exercer uma reflexão, interpretação e integração dos resultados (replanificação).

Neste âmbito, face a esta aplicação metodológica é pretendido granjear respostas para a resolução de interrogações problemáticas que são previamente enunciadas e levadas a cabo as vontades estratégicas dos investigadores.

Com o objetivo de conhecer e melhorar a realidade em observação, na investigação-ação, o investigador procura produzir distintas experiências, servindo-se dos mais variados recursos, para levar à compreensão, conhecimento científico e exploração das mudanças sociais patentes. Neste sentido, a investigação-ação:

“(…) impede a rotinização e a repetição de “receitas” de acção “importadas” de outros contextos. As metodologias de investigação-acção permitem, em simultâneo, a produção de conhecimentos sobre a realidade, a inovação no sentido da singularidade de cada caso, a produção de mudanças sociais e, ainda, a formação de competências dos intervenientes.” (Guerra, 2002, p.52)

A metodologia de índole cíclica e processo em espiral pretende, no contexto da investigação-ação realizada, fazer cruzar as diversas fases revistas e melhoradas perante as reflexões e compreensões de estratégias de ação, efetuadas face a uma planificação, ação, avaliação e teorização. Nesta trajetória, o foco principal está remetido ao problema em questão, no qual se reflete, e se sente necessidade de apreender e melhorar, determinado contexto ou situação. Como tal, para a compreensão e melhoramento das práticas e situações sociais, pretende-se colocar questões que levem à reflexão, de modo interativo, no qual o investigador consiga gerar um novo conhecimento sobre o sistema social e se esforce por mudá-lo.

Assim sendo, tendo como problemática “A abordagem à obra de arte na promoção do envelhecimento ativo”, e sendo este um projeto de intervenção, prontamente sobressaiu a importância de optar por uma metodologia de investigação-ação para se poder contemplar diferentes momentos da ação, refletindo e avaliando os seus efeitos, e redirecionar a planificação em consideração aos resultados obtidos e às necessidades evidenciadas pelos idosos participantes no projeto.

Em suma, o projeto de intervenção ganhou forma ao se:

- diagnosticar que parte dos idosos institucionalizados não participavam nas atividades de animação com a linguagem plástica, pois não exerciam qualquer tipo de ligação com esta linguagem artística;
- formular um plano de ação que estimulasse à participação em atividades com a linguagem plástica;
- fazer uma proposta prática, oferecendo aos idosos imagens de obras de arte (pintura) por ordem a estes poderem exercitar (através da observação) o seu pensamento crítico e partilhar as suas experiências e conhecimentos com os outros elementos do grupo e;
- refletir que a atividade prática interveio para aproximar o Idoso às atividades plásticas, cooperando para um envelhecimento ativo.

2 - TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

No processo investigativo recorreremos a diferentes técnicas e instrumentos de recolha de dados, tais como:

- a observação participante, durante a realização das sessões de trabalho, tendo sido escritas as mais diversas notas no diário de bordo;
- a gravação de som, durante a realização das sessões de trabalho, sendo que “a utilização de máquinas de gravação torna o registo dos dados independente das perspetivas – tanto do investigador como dos sujeitos do estudo(...) [obtendo-se assim] um registo naturalista dos acontecimentos(...)” (Flick, 2005, p.170), garantindo “a conservação intacta da informação «em bruto»” (Lessard-Hébert, Goyette & Bouttin, 2005, p.155) ;
- a pesquisa documental, através da análise de registos individuais arquivados na instituição;
- uma entrevista em *focus group*.

Através da observação dos artefactos escritos, que funcionam “como pano-de-fundo que fornece pistas para dirigir o estudo (mas também) permite a contextualizar os novos resultados” (Bogdan & Biklen, 1994, p.65), pode-se averiguar a identificação pessoal, a rede social e a autonomia física de cada participante sendo que, para analisar as expectativas de vida futura e opiniões pessoais apenas se realizou um inquérito grupal. Neste âmbito, os participantes não foram importunados com as mais diversas questões pessoais e, de forma agilizada, responderam aos objetivos da entrevista em *focus group*.

Perante os registos de arquivo e a entrevista grupal pretendeu-se averiguar que aspetos do quotidiano dos idosos se relacionavam com o conceito de envelhecimento ativo e, como tal, foram elaboradas várias tabelas de orientação, bem como outro tipo de registos escritos (diário de bordo) e registos orais (intermédio de um gravador) para se conferir os resultados.

Neste sentido, em primeira mão, foram analisados as pastas de arquivo, de cada interveniente, para posteriormente, se passar à elaboração de uma entrevista. Como tal, após a verificação de dados recolhidos, conferiu-se que não seria necessária a implementação de um questionário individual pois, todas as informações essenciais estavam presentes, no processo individual de cada idoso e, assim sendo, formulou-se apenas um inquérito coletivo para afinar alguns pontos de informação.

Posteriormente, depois da análise de dados, foram elaboradas as sessões de campo, previamente estruturadas, tendo por objetivo a integração holística de diferentes imagens de

obras de arte, por ordem a proporcionar ao Idoso participante, a liberdade de expressão, análise e momentos de convívio perante as diversas imagens.

Aquando a implementação das sessões de campo, estas foram gravadas na íntegra para, futuramente serem investigadas, bem como as notas de campo assentes no diário de bordo.

De certa forma, para não reprimir os idosos, não foram programadas entrevistas ou questionários individuais pós sessões, sendo apenas observado o grupo durante o determinado período de tempo estabelecido para cada sessão (cerca de 60/90 minutos).

Neste sentido, foi estruturado um plano de ação, no qual foi estabelecido que se fariam duas sessões semanais, durante quatro semanas (após feito um pedido, por escrito, à direção do lar em questão²), apresentando diferentes imagens de obras de arte por forma a explorar diversos conteúdos nomeadamente, observar o nível de literacia visual do grupo e avaliar, no decorrer do projeto, se existiria evolução em mais alguma capacidade que contribuísse para o envelhecimento ativo do Idoso.

3 - CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Ao pretender realizar um projeto que conciliasse o Idoso com o campo artístico averiguou-se, de antemão, que esta temática carecia de um trabalho de campo minucioso no qual, teria de se efetuar várias pesquisas para, posteriormente, providenciar em cada sessão as ferramentas essenciais aos idosos.

Contudo, sendo que a realização da investigação empírica requer que o investigador siga orientações éticas, por ordem a informar e respeitar os elementos participantes então, o presente projeto foi previamente exposto ao grupo participante, sendo formulado no anonimato mantendo assim a confidencialidade dos dados recolhidos.

Neste sentido, perante a petição de autorização para desenvolver um projeto de intervenção e um estudo de investigação-ação, pode-se proceder à recolha de dados inerentes a cada participante, através dos arquivos existentes da instituição, sendo que, desta forma, apenas foi necessário fazer uma entrevista de grupo por ordem a apurar mais algumas informações.

² Ver anexos III

Como tal, para uma leitura mais perceptível e transparente, apresenta-se uma tabela informativa relativamente à amostra em estudo.

Tabela 1: Caracterização da amostra

Idoso (código)	Sexo	Idade	Estado Civil	Tempo em lar	Participação em atividades de:
J.	Masculino	88	Casado	4 anos	Ginástica e Música
L.	Feminino	85	Casada	4 anos	Ginástica, Música
E.	Feminino	86	Viúva	5 anos	Ginástica e Música
F.	Feminino	86	Viúva	4 anos	Ginástica e Música
Lz.	Feminino	59	Solteira	1 ano	Ginástica, Música
C.	Feminino	82	Viúva	2 anos	Ginástica e Música
A.	Feminino	78	Casada	3 anos	Ginástica e Música
An.	Masculino	76	Casado	3 anos	Não participa em nenhuma atividade

Após a leitura da tabela, verifica-se que os idosos participantes não estabelecem qualquer contacto com as atividades plásticas e perante o inquérito de grupo, constatou-se também que os idosos não possuem conhecimentos estruturados no campo artístico.

Neste âmbito, a investigação-ação foi implementada, em contexto de atividade de animação, perante idosos, com idades compreendidas entre os 59 e os 88 anos, sendo dois participantes do sexo masculino e seis do sexo feminino, residentes num lar do concelho da Batalha.

Assim sendo, foram realizadas 7 sessões, estipuladas com duração de 60/90 minutos, nos dias 23, 26 e 30 de novembro e dias 3,11,16 e 21 de dezembro tendo o início das sessões começado pelas 14:00h. A imagem representativa de uma obra de arte referente a cada sessão era impressa em tamanho A4 disponibilizando-se uma para cada dois idosos. Para registar cada sessão foi feito um diário de bordo (no qual estavam assentes algumas questões de apoio) e foi utilizado um gravador de som.

4 - DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO E DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

O projeto de intervenção, partindo de objetivos delineados, instituiu-se com base na construção de variadas fases e suas conseqüentes tarefas. Neste âmbito, as etapas desenvolveram-se entre: a identificação dos problemas; a definição dos objetivos de ação; a descrição das estratégias de intervenção; a programação, preparação e implementação das atividades e; avaliação do trabalho de intervenção.

4.1 - Identificação do problema

Para desenvolver uma investigação-ação é necessário identificar o problema com o qual se tem o intuito de exercer uma aplicação futura com possíveis dinâmicas de mudança de ação. Posteriormente, é feita a avaliação do projeto, identificando os seus efeitos face ao problema inicial e ao diagnóstico traçado. Neste âmbito, é de salientar, a necessidade de conhecer as realidades onde se vai intervir. Estas requerem suportes de reflexão, de carácter teórico e metodológico, de modo a delinear intervenções verosímeis, executáveis e prováveis. Não menos importante, é de salientar a importância dos atores envolvidos que contribuem para o desenho do projeto e desempenho em prol do seu bom funcionamento.

Sentindo necessidade de incentivar o Idoso à participação em experiências com as linguagens artísticas, nomeadamente com a linguagem plástica, não como atividade meramente lúdica mas sim com carácter de desenvolvimento pessoal, o presente projeto pretendeu fomentar o equilíbrio entre as atividades de cariz artístico, cultural e social em prol de um envelhecimento ativo.

Neste sentido, ao se verificar que alguns idosos não participavam nas atividades lúdicas propostas pela instituição, mostrando que havia um vazio no que respeita a estímulos que favorecessem os seus interesses pessoais, sentiu-se a necessidade de criar uma nova proposta de animação que evidenciasse mais o cariz social e cultural. Como tal, de acordo com os interesses dos idosos em estudo, importava seleccionar uma atividade que induzisse ao diálogo, por ordem a estimular as suas capacidades cognitivas nos mais diversos assuntos.

Tendo em consideração que a experiência artística pode ser vivida através da: apreciação (contacto com as obras); criação (fazer algo de novo) e execução (aplicar técnicas) então, a intervenção visou facultar certas ferramentas com o objetivo de favorecer a aproximação do

Idoso com a arte, num ambiente descontraído, por ordem a facultar um diálogo construtivo e estimulante.

5 – OS OBJETIVOS

5.1 – Os objetivos do projeto de intervenção

A intervenção, numa escala mais abrangente, propôs-se alcançar objetivos que permitissem uma posterior verificação, através da qual os idosos, perante as diferentes imagens, ficassem capazes de:

- fazer uma análise denotativa e conotativa;
- exprimir emoções;
- adquirir novos conhecimentos sobre diferentes técnicas artísticas;
- encontrar respostas para as suas dúvidas, através da observação pormenorizada das imagens e do diálogo com os idosos participantes;
- explicar de que falam as imagens para encontrar significado(s);
- comparar e distinguir as características de cada imagem.

Assim sendo, perante os objetivos delineados e estruturados, a intervenção pode iniciar-se com o intuito de auxiliar os idosos a alcançar novos conhecimentos aproveitando o seu tempo de lazer.

5.2 – Os objetivos e a questão de partida da investigação-ação

O presente projeto de intervenção foi permeado pelo processo de investigação-ação que se orientou pela seguinte questão: Em que medida a abordagem à obra de arte pode promover um envelhecimento ativo?

Neste sentido, para responder a esta questão, formularam-se os seguintes objetivos:

- Averiguar em que medida a observação, análise e apreciação de obras de arte, representadas em imagens, promove um envelhecimento ativo.

Com o presente objetivo, pretendeu-se, por intermédio do desenvolvimento de um processo de investigação-ação, fazer uma detalhada verificação da relação entre as diferentes dimensões em estudo: a observação, análise e apreciação de obras de arte e competências estéticas, culturais e sociais.

- Planificar, implementar e avaliar experiências de abordagem à obra de arte, realizadas no contexto do desenvolvimento de atividades de animação, procurando estudar e compreender os seus contributos para a valorização das capacidades, competências e saberes do Idoso.

Quando se aborda uma imagem de obra de arte surgem diálogos díspares, conforme o entendimento de cada indivíduo. Tendo o Idoso a oportunidade de olhar com mais ponderação e tempo para as imagens, este adquire igualmente, mais capacidade para refletir, questionar e, quiçá, apreciar um pouco mais o mundo artístico.

Neste sentido, à medida que o Idoso tem mais contacto com imagens de obras de arte, este torna-se mais capaz de exercitar juízos racionais e adquire maior independência a interpretar as imagens. Ao auto-propor as suas questões, o Idoso partilha as suas ideias e, ao mesmo tempo, dá resposta às suas próprias dúvidas, e à dos outros. Nesta tentativa de explicar determinados elementos, por intermédio das discussões de dúvidas os idosos reformulam o seu pensamento crítico mantendo-se ativos.

Identificados os propósitos da intervenção e da interposta investigação-ação, buscaram-se evidências da sua concretização.

6 - PLANIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO

Para a realização do presente trabalho, primeiramente, antes de se estruturar e preparar as sessões de investigação-ação, foi necessário estabelecer um diálogo com a diretora técnica da instituição, por forma a adquirir e apurar mais informações sobre cada idoso relativamente ao seu conhecimento e desempenho artístico. Só desta forma se poderia realizar um projeto competente face à amostra escolhida.

Posteriormente, antes de serem apresentadas as imagens escolhidas para cada sessão, foi realizado um diálogo com cada participante, no qual foi explicado o trabalho que se iria realizar e quais os seus participantes. Por último, foi estabelecido um diálogo com todos os participantes reforçando o teor do trabalho e informando quais os dias estipulados. Exposto o plano de trabalhos, os idosos assentiram participar e ajudar no que podiam e, se desfrutassem das sessões, gostariam de realizar novos trabalhos do mesmo âmbito.

Perante as informações recolhidas, pode-se concluir que os idosos não possuíam determinados conhecimentos do âmbito artístico (inserindo-se, segundo Parsons (1992), no

primeiro estágio de desenvolvimento) e, sendo assim, optou-se por apresentar, nas primeiras sessões, imagens de obras de arte de carácter mais realista, ou temas do quotidiano, deixando para um momento posterior obras de teor mais abstrato.

Na escolha do tema teve de se ter em consideração fatores internos e externos por ordem a proporcionar experiências apelativas ao grupo e que, de certa forma, oferecessem respostas ao problema em questão. Em suma, pretendeu-se conceber uma atividade artística aliciante que favorecesse, acima de tudo, o enriquecimento pessoal do Idoso em contexto social.

Como tal, nos fatores internos destaca-se o interesse pessoal dos criadores do projeto, tendo consciência do seu contributo fundamental para promover e valorizar os ambientes artísticos e culturais que, em certa medida, ainda não se encontram enraizados na realidade dos lares de idosos. Deste modo, o projeto orientou-se de forma a que o Idoso, em cada sessão de investigação-ação, contactasse (apreciasse), explorasse e interpretasse diferentes imagens representativas de obras de arte.

Por factores externos é de salientar o trabalho de campo metuculoso, tendo por objetivo a incorporação de diferentes imagens de obras de arte, proporcionando a liberdade de expressão, análise e momentos de descontração perante as diversas imagens.

Neste sentido, para se poder sortir com a investigação-ação proposta, as sessões de intervenção foram estruturadas de acordo com o calendário de atividades de animação.

Tabela 2: Calendarização das sessões

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
23/nov. 1ª Sessão: <i>Flor do Mar</i>	24/nov.	25/nov	26/nov 2ª Sessão: <i>Um sábado à tarde na Ilha de la Grande Jatte</i>	27/nov
30/nov 3ª Sessão: <i>A coroação da Virgem</i>	1/dez	2/dez	3/dez 4ª Sessão: <i>The Greengrocer (upside down)</i>	4/dez
7/dez	8/dez	9/dez	10/dez	11/dez 5ª Sessão: <i>O parto da Viola</i>
14/dez	15/dez	16/dez 6ª Sessão: <i>O navio negreiro</i>	17/dez	18/dez
21/dez 7ª Sessão: <i>As três esfinges de Biquínis</i>				

Como tal, como se pode observar, para favorecer a consolidação de conteúdos, as sessões foram marcadas com alguns dias de intervalo, variando o esquema de apresentação tendo em consideração algumas inconformidades próprias do mês de dezembro.

Contudo, quando se equacionou realizar o projeto de intervenção que aqui apresentamos, desde logo foi questionada qual a metodologia mais adequada por ordem a viabilizar a investigação. Neste âmbito, optou-se por seguir uma metodologia de investigação-ação, de carácter qualitativo, pretendendo obter respostas face à questão de partida, averiguando em que medida a observação e a discussão em torno de imagens de obras de arte promovem um envelhecimento ativo. Nestes moldes, a investigação-ação “(...) impede a rotinização e a repetição de “receitas” de acção “importadas” de outros contextos. As metodologias de investigação acção permitem, em simultâneo a produção de conhecimentos sobre a realidade, a inovação no sentido da singularidade de cada caso, a produção de mudanças sociais e, ainda, a formação de competências dos interveniente.” (Guerra,2002, p.52)

Assim sendo, na tentativa de ir ao encontro dos idosos que não participavam em atividades que envolvessem a linguagem plástica justificou-se, no presente contexto, o princípio da amostragem por conveniência sendo que “Na amostragem de conveniência utiliza-se um grupo de indivíduos que esteja disponível ou um grupo de voluntários” (Carmo & Ferreira, 2008).

7 - IMPLEMENTAÇÃO - DESENVOLVIMENTO DAS SESSÕES

Antes de se iniciar as sessões, era orientada a sala, dispondo as cadeiras em volta de uma mesa e, após a chegada de todos os elementos participantes, era distribuída uma folha A4 para cada dois participantes, com a imagem de obra de arte seleccionada.

Para uma melhor leitura de conteúdos foram elaboradas duas tabelas: a primeira destina-se à identificação das imagens representativas das pinturas de obras de arte que foram elegidas e apresentadas ao grupo de idosos participantes na investigação, contendo o seu foco de conteúdos e; a outra realça o foco de interesse principal de cada sessão. Em seguida, é feita a planificação das mesmas bem como a descrição de como decorreram as sessões.

7.1 - Primeira sessão³

Tabela 3: Identificação da imagem da primeira sessão

Sessão	Imagem	Pintor	Título/Ano	Foco de conteúdos
1ª Sessão		Veloso Salgado	Flor do Mar (1929)	Retrato, leitura de sentido

Figura 1 - Primeira sessão

Tabela 4: Planificação da primeira sessão

Estratégias/Atividades:	Recursos:
<p>*Convidar os idosos a sentarem-se em círculo de forma a favorecer a comunicação e diálogo entre todos os participantes.</p> <p>*Apresentação da imagem em questão e início do diálogo.</p> <p>*Descrição, análise e interpretação da imagem.</p> <p>*Perguntas pré-estabelecidas para orientação:</p> <p>A imagem é um desenho ou uma pintura?</p> <p>Acham a imagem bonita?</p> <p>Gostavam de a ter em vossa casa?</p> <p>Acham que foi difícil fazer o presente desenho?</p> <p>*Questionar os participantes se pretendem fazer uma atividade prática.</p>	<p>Equipamento para registo áudio.</p> <p>Imagem impressa em folhas A4 (uma folha por par).</p> <p>Diário de bordo.</p> <p>Folha informativa de cada imagem de obra de arte.</p>

³ Todas as citações são referentes ao Anexo I – 1ª Sessão

Tendo em consideração o reduzido conhecimento artístico dos idosos, para iniciar o trabalho de campo foi apresentado um desenho a carvão de Veloso Salgado intitulado de *Flor do Mar*. Apresentando unicamente o busto de uma figura, de caráter realista/naturalista, pretendia-se que o Idoso se estriasse no campo artístico começando por fazer uma aproximação à arte exercendo apenas um “olhar” para algo familiar e realista.

Assim que foi apresentada a imagem surgiram vários focos de atenção, por parte de cada idoso, dando-se início a uma conversa descontraída, relativamente à imagem visualizada. No decorrer da sessão os idosos tentavam descrever o que viam e, ao mesmo tempo que relacionavam conhecimentos entre si, demonstravam os seus gostos, transmitiam os seus conhecimentos e as suas perceções sobre a atualidade.

Pretendendo que o grupo fosse capaz de descrever os elementos formais presentes na imagem, ao longo da sessão, tendo por base o diálogo que o Idoso ia construindo, induziam-se certas perguntas. Como tal, após os idosos expressarem a sua opinião relativa ao sexo da criança visualizada, aproveitando a afirmação convicta “É uma menina.” perguntou-se de imediato “Porquê? Consegue tentar explicar?”, sendo que é sempre mais fácil partir de algo que insurja do diálogo do Idoso do que de algo que não esteja na sua linha de pensamento. Deste modo, as perguntas foram fluindo em paralelo com o discurso dos idosos mas, sempre que o diálogo divergia em demasia ou os comentários paravam, retomava-se a discussão recorrendo às perguntas que estavam pré-estabelecidas.

Após o contacto com a imagem, o primeiro comentário a surgir foi feito relativamente à data da obra no qual se constatava que “Se ela nasceu em 29 é da nossa idade.” e, logo de imediato, despoletou-se a questão fundamentada nas notícias atuais: “Este não veio da Síria?...” Em seguida, perante o deslindar da questão “Mas é uma fotocópia?” o discurso começou a fluir com comentários de gosto pessoal afirmando-se que a figura apresentada era de “uma menina muito bonita”, com “cara de menina novinha”, de “rosto inocente de criança” não escapando a uma afirmação de equiparação na medida em que a figura tinha uma “cara de como eu quando pequena”.

Porém, perante a incongruência relativa ao sexo da criança lançou-se a questão “Então, mas afinal qual é o sexo da criança?” e, como tal, cada interveniente tentou justificar a sua opinião referindo que parecia um menino “Talvez ...é uma intuição”, devido às “feições” e “pelo cabelo...desajeitado...” enquanto que outros afirmavam, sem grande discurso, ser

menina. Contudo, para encerrar o caso, o Idoso constatando que, na sociedade atual, os homens se vestem como as mulheres então “hoje em dia já nada que a gente diga tem jeito que isto já não se sabe nada” logo a figura exibida tanto podia ser uma menina como um menino.

Com o decorrer da sessão, para descreverem a imagem, os idosos faziam uso dos vários meios de comunicação, apropriando-se especialmente da comunicação gestual e, para que todo o grupo seguisse a linha de pensamento do orador, este apontava para o desenho traçando o conteúdo sobre o qual tinha algo a dizer. Neste sentido, o Idoso ia indicando e apreciando o desenho “bem desenhado” que aparentava uma “tristeza inocente” pois tinha uma “expressão aqui (...) assim para baixo. Alegre ficava mais assim (...)” e tinha “mesmo cara de menina pequenina” pois, “Se fosse uma menina grande nós dizíamos: “Olha...está a pensar...”(...)”.

Posteriormente, identificado o material riscador, o carvão, conversou-se sobre a veracidade do rosto apresentado, sendo que a imagem parecia “uma fotografia”, na qual deveria ter sido difícil desenhar “a carinha, os olhos e aqui a boquinha...Até aqui ao vestuário.”

Após serem fornecidos os dados relativos à imagem, surgiu um novo diálogo, baseado na imaginação, justificando-se que “Flor do mar foi alguma criança que foi saída do mar...e foi picada...e depois fizeram o retrato para contar a história” e, como tal, deslindou-se que a figura “Então é uma menina. Se é flor é mais para as meninas...” Contudo, não contando para “o caso” o assunto do género “Pois...as mulheres agora tanto vestem calças como saias” surgiu um novo discurso baseado nas memórias e recordações saudosas dos idosos.

Para finalizar a sessão foi proposto aos idosos que realizassem um trabalho plástico no qual tomariam contacto com os lápis de grafite.

7.2 - Segunda sessão⁴

Tabela 5: Identificação da imagem da segunda sessão

Sessão	Imagem	Pintor	Título/Ano	Foco de conteúdos
2ª Sessão	 <p>Figura 2 - Segunda sessão</p>	Georges Seurat	Um domingo à tarde na Ilha de La Grande Jatte (1884)	Mistura de cor, tema, leitura de sentido

Tabela 6: Planificação da segunda sessão

Estratégias/Atividades:	Recursos:
<p>*Convidar os idosos a sentarem-se em círculo de forma a favorecer a comunicação e diálogo entre todos os participantes.</p> <p>* Fazer uma breve referência sobre a sessão anterior.</p> <p>*Apresentação da imagem em questão e início do diálogo</p> <p>*Descrição, análise e interpretação da imagem.</p> <p>*Perguntas pré-estabelecidas para orientação:</p> <p>A imagem é um desenho ou uma pintura?</p> <p>Acham a imagem bonita?</p> <p>Gostavam de a ter em vossa casa?</p> <p>Acham que foi difícil fazer a presente pintura?</p> <p>*Questionar os participantes se pretendem fazer uma atividade prática.</p>	<p>Equipamento para registo áudio.</p> <p>Imagem impressa em folhas A4 (uma folha por par).</p> <p>Diário de bordo.</p> <p>Folha informativa de cada imagem de obra de arte.</p>

⁴ Todas as citações são referentes ao Anexo I – 2ª Sessão

Na segunda sessão os idosos exerceram, essencialmente, uma análise denotativa descrevendo que viam “homens, mulheres e crianças” num “parque para descanso” onde se distinguia “os chapéus abertos” das “duquesas”, “a areia e os barquinhos”, uns indivíduos “espojados no chão”, alguns “com os pezinhos de molho à beira da água” e outros “no passeio deles, no gozo deles”. Perante “as fardas” das figuras “tão elegantezinhas” e “assim com o cu tão bem feitinho” as idosas foram descortinando que as figuras apresentadas deveriam ser do “tempo das princesas” pois via-se “logo pelo estilo delas” e que, portanto, a imagem devia representar “uma fotografia já muito antiga. De uns bons séculos...”

Estimulando a memória, cada idoso ia contando as suas vivências e experiências quer dos tempos de meninice quer dos tempos de solteiros e ainda recordando aquando estavam emigrados.

Em paralelo à apreciação da imagem e o reavivar de memórias, o Idoso ainda deu asas à sua imaginação gerando enredos diferentes para o propósito das personagens presentes afirmando que determinados indivíduos estavam “abraçadinhos a dançar”, outros “são namorados” e que outra sujeita ia “a explicar à filha o que se passa”.

Apesar de os idosos afirmarem que o pintor tinha apresentado um trabalho “assim meio desfocado” não os incapacitou a constatar que a imagem tinha “tanta coisa” que “Só depois de se ver tudo é que se vai buscar as coisas miúdas” como por exemplo, a presença de uma menina que “usa óculos”.

Advertindo que o quadro em questão “é bonito” os idosos transmitiram o seu gosto, relativo à imagem, concordando que “Ficava bem numa parede” pois “A paisagem é bonita” e “o pintor pintou bem”.

Posteriormente, após uma pequena conversa sobre o contexto político atual, os idosos sentiram curiosidade em perguntar o título da obra, o nome do pintor e de que ano datava a obra de arte representada na imagem.

Satisfeita a curiosidade perante as perguntas, os idosos avaliaram que a obra presente era “uma perfeição” e que eles, devido à sua velhice, não seriam capazes de pintar assim pois “com as mãos todas a tremer” só haveria margem para uma situação: “Borrar a gente borra.”

Neste sentido, beneficiando do facto de que grande parte da aprendizagem advém da ajuda de pares mais capazes e tendo em consideração que o investigador opera como instrumento de habilitação, seguiu-se uma atividade prática para incentivar e testemunhar a habilidade dos idosos.

7.3 - Terceira sessão⁵

Tabela 7: Identificação da imagem da terceira sessão

Sessão	Imagem	Pintor	Título/Ano	Foco de conteúdos
3ª Sessão		Gentile da Fabriano	A coroação da Virgem (c.1420)	Tema, leitura de sentido

Figura 3 - Terceira sessão

Tabela 8: Planificação da terceira sessão

Estratégias/Atividades:	Recursos:
<p>*Convidar os idosos a sentarem-se em círculo de forma a favorecer a comunicação e diálogo entre todos os participantes.</p> <p>* Fazer uma breve referência sobre a sessão anterior.</p> <p>*Apresentação da imagem em questão e início do diálogo.</p> <p>*Descrição, análise e interpretação da imagem.</p> <p>*Perguntas pré-estabelecidas para orientação:</p> <p>A imagem é um desenho ou uma pintura?</p> <p>Acham a imagem bonita?</p> <p>Gostavam de a ter em vossa casa?</p> <p>Acham que foi difícil fazer a presente pintura?</p> <p>*Questionar os participantes se pretendem fazer uma atividade prática.</p>	<p>Equipamento para registo áudio.</p> <p>Imagem impressa em folhas A4 (uma folha por par).</p> <p>Diário de bordo.</p> <p>Folha informativa de cada imagem de obra de arte.</p>

⁵ Todas as citações são referentes ao Anexo I – 3ª Sessão

Na atual intervenção de campo fez-se a aproximação às figuras góticas de Gentile da Fabriano presentes na obra *A Coroação da Virgem*.

Desde logo, o Idoso começou por referir que via: “a pombinha”, suspeitando ser “o Espírito Santo a descer”; “um anjinho”; “um género de coroa” e “a ornamentação”. Perante as presentes descrições e sob um olhar global da imagem, o Idoso, fazendo uso da sua crença e da sua cultura oral, lembrava “a oração do Espírito Santo” afirmando que, “Se não fosse o Espírito Santo nós não estávamos agora aqui a falar Nele”.

Apreciando a “imagem bonita”, os idosos iam conversando sobre diversos temas religiosos, relembando as seus memórias da vida cristã e, ao mesmo tempo, apuravam que “o que não se aprendeu em nova aprende-se agora”.

Entre conversas sobre o passado e sobre este mundo que “está cada vez pior”, os participantes indagavam sobre a expressividade indefinida da face de Nossa Senhora que “não está triste” mas “assim serena” com um “tom natural”.

Posteriormente, reconheceram que estavam perante “uma pintura muito bem confeccionada”, apresentando “uns tecidos estampados bem bonitos”, com “muitos pormenores” feitos, certamente, “por um artista bom” e, como tal, esta imagem era “superior àqueles desenhos que se viram a semana passada, além de terem muita coisa”.

Após o Idoso questionar a data da obra verificou que esta era “muito antiga”, mais antiga que a imagem apresentada na sessão anterior, porém, exteriorizava que “na altura havia grandes pintores...melhores que agora”.

Face à exposição dos seus sentimentos, os idosos, fixaram o seu olhar na figura feminina, afirmando que “Esta mete mais o coração” e, como tal, aludiram à imagem de Nossa Senhora de Fátima, atestando que esta, “Por vezes nem parece a mesma santa” pois “Umás vezes parece que está contente outras parece triste” “conforme nós nos dirigimos” a ela. Ainda, apreciando e cobiçando “a carinha tão bonita” da virgem, os idosos debatiam descontraidamente que agora, só teriam “uma carinha assim quando” morressem.

Seguidamente, o idoso questionou-se sobre o título da obra e verificou que “Afinal não é sobre o Espírito Santo” mas sim a virgem “Coroadada rainha do céu e da terra...”

Para finalizar a sessão os idosos foram convidados a pegar em lápis de cor e expressar o que lhes ia em mente.

7.4 - Quarta sessão⁶

Tabela 9: Identificação da imagem da quarta sessão

Sessão	Imagem	Pintor	Título/Ano	Foco de conteúdos
4ª Sessão		Giuseppe Arcimboldo	The Greengrocer (c.1587)	Tema, leitura de dois sentido

Figura 4 - Quarta sessão

Tabela 10: Planificação da quarta sessão

Estratégias/Atividades:	Recursos:
<p>*Convidar os idosos a sentarem-se em círculo de forma a favorecer a comunicação e diálogo entre todos os participantes.</p> <p>* Fazer uma breve referência sobre a sessão anterior.</p> <p>*Apresentação da imagem em questão e início do diálogo.</p> <p>*Descrição, análise e interpretação da imagem.</p> <p>*Perguntas pré-estabelecidas para orientação:</p> <p>A imagem é um desenho ou uma pintura?</p> <p>Acham a imagem bonita?</p> <p>Gostavam de a ter em vossa casa?</p> <p>Acham que foi difícil fazer a presente pintura?</p> <p>*Questionar os participantes se pretendem fazer uma atividade prática.</p>	<p>Equipamento para registo áudio.</p> <p>Imagem impressa em folhas A4 (uma folha por par).</p> <p>Diário de bordo.</p> <p>Folha informativa de cada imagem de obra de arte.</p>

⁶ Todas as citações são referentes ao Anexo I – 4ª Sessão

Para a quarta sessão de trabalho foi apresentada uma imagem que representava a obra *The Greengrocer* (Upside down) de Giuseppe Arcimboldo.

Entre várias expressões de espanto e dúvida, os idosos iniciaram o seu discurso descrevendo os elementos vegetais que se encontravam presentes na pintura. Neste sentido, por intermédio da sua sabedoria sobre produtos agrícolas, os intervenientes discutiam e justificavam algumas ideias apurando que “As cenouras são mais encarnadas” por isso, poderiam estar perante rabanetes pois, “são mais assim compridos” e ainda, olhando noutra perspetiva, alguns idosos afirmavam que certos elementos faziam “lembrar peixe”. Porém, fazendo uso do seu sentido crítico, rapidamente analisaram que peixe misturado com hortaliça “ficava mal feito”, era “só horta.”

Num registo alegre e descontraído, o Idoso tentava descobrir cada elemento presente na imagem e, como seria de esperar, no meio de tantos alimentos, surgiu um momento de conversa para se apreciar a comida ingerida ao almoço.

Retomando o diálogo à exploração da imagem, os idosos afiançavam que o quadro estava “bem pintado” contudo, havia “preto de mais”, o que dificultava a leitura da imagem, sendo difícil deslindar a forma de alguns alimentos.

Após um breve momento de silêncio, surgiu a oportunidade de questionar o que veria o Idoso se a imagem apresentada fosse vista “de pernas para o ar”. Nesse momento, os idosos deram o seu novo parecer creditando que se conhecia “bem uma pessoa”, composta por diversos alimentos, apresentando-se convenientemente “um tacho de corpo feito”. Contudo, alguns idosos discutiam que havia “muita fruta só para uma cara” e que a imagem fazia mais sentido ao se “fazer de conta que é uma fruteira mas só que com legumes”.

Neste âmbito, os idosos voltaram a dar mais enfoque à imagem no sentido em que se podia observar a fruteira “de legumes” tentando, por mais uns minutos, decifrar mais alguns frutos que se confundiam na pintura carregada de preto.

Por fim, para encerrar a sessão, desafiou-se o Idoso para usar da sua criatividade e construir uma figura através da colagem em volume, utilizando massas e feijões.

7.5 - Quinta sessão⁷

Tabela 11: Identificação da imagem da quinta sessão


Sessão	Imagem	Pintor	Título/Ano	Foco de conteúdos
5ª Sessão		Amadeo de Souza Cardoso	Parto da Viola (1916)	Tema, formas geométricas, leitura de sentido

Figura 5 - Quinta sessão

Tabela 12: Planificação da quinta sessão

Estratégias/Atividades:	Recursos:
<p>*Convidar os idosos a sentarem-se em círculo de forma a favorecer a comunicação e diálogo entre todos os participantes.</p> <p>* Fazer uma breve referência sobre a sessão anterior.</p> <p>*Apresentação da imagem em questão e início do diálogo.</p> <p>*Descrição, análise e interpretação da imagem.</p> <p>*Perguntas pré-estabelecidas para orientação:</p> <p>A imagem é um desenho ou uma pintura?</p> <p>Acham a imagem bonita?</p> <p>Gostavam de a ter em vossa casa?</p> <p>Acham que foi difícil fazer a presente pintura?</p> <p>*Questionar os participantes se pretendem fazer uma atividade prática.</p>	<p>Equipamento para registo áudio.</p> <p>Imagem impressa em folhas A4 (uma folha por par).</p> <p>Diário de bordo.</p> <p>Folha informativa de cada imagem de obra de arte.</p>

⁷ Todas as citações são referentes ao Anexo I – 5ª Sessão

A 5ª sessão de investigação estriou-se com um diálogo bastante interrogativo perante a obra *O parto da Viola* de Amadeo de Souza Cardoso.

Tentando dar respostas às diversas questões, e procurando encontrar o melhor sentido de leitura, os idosos tomaram a iniciativa de virar a imagem em diferentes posições alegando que o presente quadro podia ser “como o outro que tinha outra coisa” quando virado ao contrário.

Após a análise de alguns elementos presentes na imagem o Idoso, fazendo uso do seu sentido crítico, discutiu e apurou qual a posição da imagem perante a pintura das “bilhas direitas” e, se fosse doutra forma a figura da “mulher também ficava de pernas para o ar”.

Centrando os olhares no traje e nos adereços da figura feminina, entrelaçou-se no discurso algumas “récitas engraçadas”, que “hoje em dia não” existem, pois a mocidade de “Agora é só computadores e jogos”.

Prosseguindo na análise do quadro, os idosos ao observarem “as jarras” de flores, “uma porta” aberta e “uma guitarra” fizeram uso da sua imaginação e contaram que a mulher representada “vai tocar guitarra e depois dão-lhe as flores.”

Posteriormente, verificando que algumas formas não apresentavam concordância e continuidade entre si, tornando-se num “quebra cabeças”, os idosos deslindavam sobre a presença dos instrumentos musicais fragmentados e, caso fosse necessário, poderiam “pesquisar no table”.

Fugindo o diálogo para conversas do quotidiano, retomou-se a sessão questionando os idosos se a presente pintura estava bem feita. Perante a questão, os idosos creditaram que “A pintura está bem. Está à maneira dele a gente é que não sabe” porque “ainda não raciocinámos” como o pintor.

Prendendo novamente a sua atenção na amálgama de instrumentos, jogos e outros elementos, os idosos acabaram por questionar qual o título da obra com o intuito de aprender um pouco mais sobre a pintura. Perante as novas informações, os idosos foram discutindo sobre o seu gosto pela música e, visto a imagem não transmitir som, só lhes restava imaginar “O som que a viola pode dar”.

Posteriormente, após uma pausa no diálogo de grupo, questionou-se se os idosos gostavam da imagem, ao qual responderam que gostavam pois, era sempre bom “ver a tocar uma guitarra”.

Entretanto, na ânsia de encontrar significado para todos os traços e formas presentes na imagem, os idosos iam questionando os transeuntes, que por vezes surgiam, na tentativa de obter novas respostas. Contudo, verificando que as pessoas alheias ao grupo sabiam tanto ou menos que eles, acabaram por concluir que o artista “devia estar com a imaginação muito...muito ativada” para fazer tantos desenhos.

Neste âmbito, os idosos acabaram por declarar o encerramento da sessão, afirmando: “Pronto olha está feito.” “Já ganhamos o dia”. Contudo, na expectativa de ainda passarem a uma atividade prática, questionaram: “E hoje vens ai com o quê? Com feijões e massas?”

7.6 - Sexta sessão⁸

Tabela 13: Identificação da imagem da sexta sessão


Sessão	Imagem	Pintor	Título/Ano	Foco de conteúdos
6ª Sessão		Joseph William Turner	O Navio Negreiro (1840)	Tema, movimento, leitura de sentido

Figura 6 - Sexta sessão

Tabela 14: Planificação da sexta sessão

Estratégias/Atividades:	Recursos:
<p>*Convidar os idosos a sentarem-se em círculo de forma a favorecer a comunicação e diálogo entre todos os participantes.</p> <p>* Fazer uma breve referência sobre a sessão anterior.</p> <p>*Apresentação da imagem em questão e início do diálogo.</p> <p>*Descrição, análise e interpretação da imagem.</p> <p>*Perguntas pré-estabelecidas para orientação:</p> <p>A imagem é um desenho ou uma pintura?</p> <p>Acham a imagem bonita?</p> <p>Gostavam de a ter em vossa casa?</p> <p>Acham que foi difícil fazer a presente pintura?</p> <p>*Questionar os participantes se pretendem fazer uma atividade prática.</p>	<p>Equipamento para registo áudio.</p> <p>Imagem impressa em folhas A4 (uma folha por par).</p> <p>Diário de bordo.</p> <p>Folha informativa de cada imagem de obra de arte.</p>

⁸ Todas as citações são referentes ao Anexo I – 6ª Sessão

Na penúltima sessão de campo foi apresentada a obra *O Navio Negreiro* para dar a conhecer aos idosos as pinceladas expressivas e a variedade de cores utilizadas pelo pintor William Turner.

Perante a paisagem caótica, os idosos começaram por descrever que viam “peixes”, “um barco” que podia estar “num lago”, “peixinhos mortos”, gaivotas e o lugar “onde se esconde a lagueira⁹”. Neste âmbito, alguns idosos ao relembrares as suas vivências em terras distantes acabaram por transmitir ao grupo que a presente imagem parecia “mesmo um pântano...com a água de baixo” que “tem os crocodilos” escondidos.

Na tentativa de desvendar o tema da pintura os idosos empenhavam-se em descrever a imagem não realista fazendo diferentes associações. Enquanto que uns idosos referenciavam a cor verde do “arvoredo”, outros apontavam para “uma chama de fogo” que parecia demonstrar “uma queimada”. Contudo, perante a mescla de cores das “chamas de fogo” ou do sol “a refletir-se” os idosos afirmavam que não se distinguia bem o que era erva, água ou céu.

Neste sentido, por ordem a responder às interrogações que se formulavam, os idosos criaram narrativas imaginárias justificando que, numa parte do quadro “o fogo acabou” pois “se calhar estava a receber a água dos bombeiros lá atrás” e, possivelmente, a queimada “Foi fogo posto à beira rio que era para apagar logo o fogo”.

No decorrer da sessão, o Idoso foi discernindo mais ideias na tentativa de “que apareça alguma coisa certa”. Contudo, não discernindo mais elementos, acabou por perguntar qual era o nome do artista.

Não sendo o artista conhecido, o Idoso lançou novamente o seu olhar à imagem e retomou uma nova análise. Desta vez, fixaram-se na “perna ou um braço” de “algum que já morreu no fogo” ou “afogado e os peixinhos ficaram aqui ao pé” e, para mais, salientavam ainda “um indivíduo a puxar o outro para cima do barco” “A livrá-lo do mar.”

Perante a nova interpretação, os idosos acabaram por fazer uma associação às notícias reais sobre o tufão que “aconteceu nos Açores” e sobre os “emigrantes refugiados”. Contudo,

⁹ Crocodilo

verificando que “a pintura já foi feita há muito tempo” e, como tal, esta não podia retratar os refugiados da Síria mas talvez “outros refugiados”.

Prosseguindo no discurso, o Idoso aclarou que “O pintor pintou bem” , “À maneira como ele entendeu que devia pintar” sendo que possivelmente viu uma paisagem que “gostou e pintou-a”. Contudo, “um risco para aqui e outro para lá é que...é...pode ser um desenho e a gente não sabe”.

Por intermédio das “cores assim...fortes” alguns idosos demonstravam sentir calor e outros afirmavam sentirem-se tristes por pressentir que na imagem existia “qualquer coisa que não está bem”. Por conseguinte, perante novas observações, os idosos recordaram algumas récitas que aprenderam na escola e nos trabalhos “de costura”.

Não surgindo mais ideias, os idosos resignaram-se em perguntar qual o título da obra. Depois de satisfeita a curiosidade, os idosos acabaram por concluir que “A muito custo. Com uma ponta daqui e outra de acolá” “Pronto...tá dito”, descobriram a essência da imagem.

7.7 - Sétima sessão¹⁰

Tabela 15: Identificação da imagem da sétima sessão

Sessão	Imagem	Pintor	Título/Ano	Foco de conteúdos
7ª Sessão		Salvador Dalí	As Três Esfinges de Biquínis (1947)	Tema, surrealismo, leitura de sentido

Figura 7 - Sétima sessão

Tabela 16: Planificação da sétima sessão

Estratégias/Atividades:	Recursos:
<p>*Convidar os idosos a sentarem-se em círculo de forma a favorecer a comunicação e diálogo entre todos os participantes.</p> <p>* Fazer uma breve referência sobre a sessão anterior.</p> <p>*Apresentação da imagem em questão e início do diálogo.</p> <p>*Descrição, análise e interpretação da imagem.</p> <p>*Perguntas pré-estabelecidas para orientação:</p> <p>A imagem é um desenho ou uma pintura?</p> <p>Acham a imagem bonita?</p> <p>Gostavam de a ter em vossa casa?</p> <p>Acham que foi difícil fazer a presente pintura?</p> <p>*Questionar os participantes se pretendem fazer uma atividade prática.</p>	<p>Equipamento para registo áudio.</p> <p>Imagem impressa em folhas A4 (uma folha por par).</p> <p>Diário de bordo.</p> <p>Folha informativa de cada imagem de obra de arte.</p>

¹⁰ Todas as citações são referentes ao Anexo I – 7ª Sessão

Para finalizar o trabalho de intervenção foi apresentada uma das obras surrealistas de Salvador Dalí intitulada de *As três esfinges de Biquínis*.

Começando por fazer uma análise denotativa, o Idoso principiou em dizer que via “uma cabeça”, “uma árvore” e “outra cabeça” que “parece assim os feitiços do cérebro” sem qualquer tipo de questionamento. Contudo, prosseguindo na sua análise os idosos começam a duvidar se estariam perante uma cabeça ou algo que “tem formato de cabeça mas não é cabeça”.

O diálogo que convergia em indecisas opiniões, gerando alguns momentos de silêncio, exigia cada vez mais a atenção dos idosos levando-os a refletir sobre cada elemento. Neste âmbito, um grupo de idosos afirmava ver “dois troncos” ou “um tronco muito velho...muito roído” e outros diziam observarem uma cabeça “que tem o cabelo russo”. Assim sendo, perante a diversidade de apreciações, o Idoso acabou por discernir “que era mais fácil descobrir-se na outra última” imagem algo embora esta parecesse “mais simples”.

Supondo os idosos que o artista teve a intenção de pintar “uma árvore no verão” e outra “no inverno se calhar”, estes recordaram a diferença das árvores nas várias estações do ano nomeando a “snow” que existia “Lá na América” no inverno e verificou-se ainda, que “No Alentejo” também se podiam ver “árvores assim”.

Mais adiante, perante um “risco vermelho” os idosos indagavam se era “o sangue da cabeça cortada” de S. João Baptista ou a “cabeça de alguém” posta “no madeiro” tal como se vê nos filmes.

Posto tal comentário, os idosos acabaram por afirmar que não gastavam “dinheiro para comprar um quadro assim” embora a pintura estivesse “bem pintado o quê é que” a obra transmitia “que foi um assassino...que foi cortar a cabeça”.

Após revelado o título da obra, os idosos concordaram que se via “bem o feitiço da cara” mas, mesmo assim, declararam que preferiam estar a “ver coisas mais bonitas” pois, “Para ver misérias já” tinham visto muitas.

Não tendo mais nada a manifestar, o Idoso deu por terminada a sessão pedindo para ser contada a “história” sobre o quadro que, de seguida, inspirou o Idoso a participar na atividade prática.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Nota Introdutória

Através da análise ao conteúdo das conversas registadas em cada sessão procurou-se encontrar categorias de análise que se pudessem relacionar com os objetivos da investigação e, conseqüentemente, cotribuísem com respostas para a questão de partida que orientou o estudo.

1 – AVALIAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

1.1 - Avaliação da 1ª Sessão¹¹

Como se averiguou, os idosos não apresentavam muitos conhecimentos do âmbito artístico o que dificultou a abordagem a determinadas temáticas. Porém, a sessão correu conforme o esperado, na qual, para primeira intervenção, o objetivo não era tanto a aprendizagem do desenho mas, acima de tudo, o desenvolvimento dos recursos mentais de cada idoso. Neste sentido, os idosos fizeram a sua análise face à imagem observada, na qual tiraram as suas ilações, fazendo uso do seu pensamento crítico, das suas memórias e, não menos importante, fizeram denotar a sua presença no mundo atual.

Assim sendo, através do contacto direto e da experiência pessoal com uma imagem de obra de arte, o Idoso estimulou e cultivou o seu pensamento, de forma prazerosa, por intermédio do diálogo e do questionamento gerando um contexto de interação social.

Posteriormente, com a atividade prática facultativa, pretendeu-se o apurar da sensibilidade e desenvolvimento criativo dos indivíduos tendo, após alguma resistência, todos acabado por fazer algo. Num contexto mais descontraído ia-se registando os comentários de agrado do Idoso “eu até gostei...ajudou a passar o tempo”, “Então pois é! Uma pessoa entretém-se”.

¹¹ Todas as citações são referentes ao Anexo I – 1ª Sessão

1.2 - Avaliação da 2ª Sessão¹²

Apesar de alguns participantes estarem em baixo de forma, perante a segunda imagem observada, os idosos creditaram que esta era bonita e oferecia “muitas ideias à cabeça” e, como tal, todo o grupo se deixou cativar dando-se início a uma longa sessão.

Fazendo a sua aproximação à imagem os idosos davam a conhecer: o que viam (a composição, a cor, o espaço, os símbolos, as figuras); a sua perspetiva pessoal (o seu Eu, o seu mundo e a sua experiência); a sua necessidade de encontrar o tema da obra (o título, o conteúdo e a sua mensagem) e; o seu relacionamento com o mundo exterior. Neste sentido, os participantes afirmavam que a imagem retratava o “descanso certamente” de “gente chique” e apresentava “umas cores muito bonitas” que atendiam “para todos os gostos”. Posteriormente, constatando o facto de não terem “tido posses para gozar a vida” bem como as “princesas” presentes na imagem, aos menos lembravam que antigamente faziam “assim uns passeiozicos com os pequenos” “nos parques de merenda”. A par das memórias, ainda surgiram em conversa, algumas questões sobre a política atual, na qual os idosos aprimoraram as suas informações confirmando que “O governo já está empossado agora só falta vir o outro para governar”. Por último, mas não menos importante, o Idoso tomou a iniciativa de perguntar qual o título da obra apresentada, quem foi o pintor e, após ser dada a data, constataram que o quadro era “muito velho” não sendo do tempo dos seus “avós nem dos bisavós”.

Ciente da sua velhice o Idoso afirmava que não seria “capaz de pintar” o que estava ali pintado, exemplificando que demorava “que tempos para enfiar uma agulha” “Mas se tivesse coisa para pintar...” até o fazia. E, neste sentido, aproveitando a ocasião, propôs-se uma atividade prática, desta vez, testando a habilidade dos idosos com os lápis de cera.

1.3 - Avaliação da 3ª Sessão¹³

A afinidade dos idosos com imagens de cariz religioso é notória e, como tal, na presente sessão, a observação da imagem de obra de arte desencadeou um diálogo rico em práticas sociais e culturais.

¹² Todas as citações são referentes ao Anexo I – 2ª Sessão

¹³ Todas as citações são referentes ao Anexo I – 3ª Sessão

Apesar de alguns elementos não se encontrarem fisicamente bem, quiseram participar na sessão alegando que “ao menos sempre ajuda a passar o tempo” e, deste modo, a sessão foi interrompida em dois momentos para se assistir quem não se encontrava bem e, como tal, surgiram conversas relacionadas com as constipações, medicação e alimentação.

Contudo, apesar das pequenas interrupções, a sessão foi decorrendo com um diálogo fluido, no qual os idosos iam descrevendo os elementos presentes na imagem, lembravam as récitas dos seus tempos de criança e ainda indagaram que, atualmente, o “mundo está perdido”.

Perante a apreciação do “quadro bonito” bom “para abençoar aqui a gente”, o Idoso reconheceu a maestria do artista ao pintar de forma tão realista, que se chegava a confundir com uma fotografia pois até se conseguia ver “as barbinhas do senhor”, diferindo-se da obra da sessão passada em que “as pessoas...notava-se pintado”.

No geral, face à comunhão de memórias e várias partilhas de opiniões, nomeadamente perante a imagem predileta de Nossa Senhora, a sessão despertou múltiplos sentimentos nos idosos desencadeando tanto o riso como a comoção.

Para terminar a sessão os idosos foram incentivados a desenhar/pintar algo a partir da imagem visualizada e, apesar da “falta de jeito” cada idoso foi representando algo do seu Eu no papel.

1.4 - Avaliação da 4ª Sessão¹⁴

Sendo que uma das finalidades da arte é cooperar para o apuramento da sensibilidade e desenvolvimento criativo dos indivíduos então, por intermédio da imagem apresentada na 4ª sessão de campo, os idosos para além de exercerem uma análise denotativa e estabeleceram relações com o seu quotidiano tiveram a oportunidade de fazer uma leitura de dois sentidos.

Começando pelo essencial, os idosos principiaram em colocar a imagem de forma a observar “uma fruteira mas só que com legumes” e posteriormente, após a análise de todos os “vegetais”, foram desafiados a olhar noutra sentido, por ordem a evoluir o seu conhecimento simples em algo mais complexo. Neste sentido, mantendo o ritmo de desenvolvimento, os

¹⁴ Todas as citações são referentes ao Anexo I – 4ª Sessão

idosos foram estruturando o seu conhecimento, passo a passo, e medrando na sua criatividade e flexibilizando o seu pensamento em relação ao que observavam.

Através da observação da imagem os idosos compartilharam memórias, debaterem informações do cotidiano e demonstraram os seus gostos sendo que, de forma recreativa contribuíram, indiretamente, para a sociabilização e desenvolvimento pessoal.

No final da conversa, ao participarem na atividade prática, os idosos mostraram o seu agrado afirmando que a sessão “até foi engraçada” e parecia que estavam na “universidade” sendo que tinham a oportunidade de “aprender agora o que não se aprendeu em” novo. Apesar de afirmarem que não diziam nem faziam “nada com muito jeito” todos se empenharam em produzir uma figura com massas e feijões constatando que “trabalhar com pouco também dá para fazer tudo”.

1.5 - Avaliação da 5ª Sessão¹⁵

Sendo que o processo de interrogação permite beneficiar uma constante atenção e reflexão, ajudando a ordenar “o caos das sensações” nesta sessão, praticando uma observação mais sistemática da imagem, os idosos acabaram também por participar, de forma mais crítica.

Naturalmente, fazendo uso dos conhecimentos adquiridos nas sessões passadas, o Idoso demonstrava os seus níveis diferentes de acordo, assumindo um evolutivo método de pensar e olhar. Somando as suas recordações, opiniões próprias, vivências, gostos e, até mesmo as suas “aselhices”, fez-se a leitura de sentido da imagem.

Todavia, no decorrer da sessão, o Idoso tomou a liberdade de interromper o diálogo de grupo com alguns transeuntes que estavam de passagem, por ordem a obter mais opiniões face à imagem em questão. Contudo, os idosos rapidamente compreenderam que os indivíduos interpelados não possuíam o mesmo nível de estágio e, neste sentido, acabaram por adquirir o papel de professor, auxiliando os transeuntes na leitura de imagem.

Ao apreciarem a pintura, os idosos reconheciam o espaço de criação do artista creditando que este pintava bem “à maneira dele”. Porém, como os idosos “ainda não” raciocinavam

¹⁵ Todas as citações são referentes ao Anexo I – 5ª Sessão

como o pintor, lamentavam-se de não perceber “nada disto” embora ficassem alegres por o quadro lhes remeter a imaginação para “o lugar da música”.

Não menos importante, também é de salientar que, no decorrer do diálogo, apesar do Idoso afirmar, recorrentemente, que estava a “gastar imaginação” e não via “grande coisa” acabava sempre por dar mais uma opinião ou fazer referência a um novo pormenor.

Para finalizar a sessão, visto o adiantando da hora e o rumo da conversa começar a divergir, os idosos puseram fim ao diálogo precipitando-se em saber se haveria alguma atividade prática desafiante a executar.

1.6 - Avaliação da 6ª Sessão¹⁶

Uma vez que a competência estética varia conforme o contacto direto e a experiência pessoal com as obras então, face à sexta sessão de campo, é de salientar a autonomia dos idosos na leitura de imagem e a sua tomada de consciência dos conteúdos absorvidos nas sessões anteriores.

Para além de contemplar a representação de um objeto belo, o Idoso tinha como pretensão usufruir dos significados aí descobertos desenvolvendo, deste modo, a sua competência cognitiva ao mesmo tempo que sustentava práticas sociais e culturais. Neste âmbito, por intermédio da arte, os idosos tiveram novamente a oportunidade de ocupar o seu tempo livre relacionando-se e crescendo uns com os outros. Ao observarem a paisagem de Turner, os idosos reviveram tempos passados, fizeram observações críticas e, de forma autónoma, deram respostas às suas inquietações.

Os idosos mantendo sempre um diálogo “engraçado” foram descobrindo o tema da obra em questão não sendo necessário intervir sistematicamente com questões orientadoras.

Por fim, após uma prolongada sessão, ainda houve predisposição para uma experiência prática de criação plástica com novos materiais.

¹⁶ Todas as citações são referentes ao Anexo I – 6ª Sessão

1.7 - Avaliação da 7ª Sessão¹⁷

Para a última sessão de campo foi facultada uma imagem surrealista de Dalí tendo como intuito investigar se o Idoso realizaria no seu discurso uma análise mais criativa.

Começando os idosos por descrever a presença de árvores e as montanhas que davam a impressão do “formato de cabeça”, estes rapidamente descobriram que as três figuras centrais da obra eram “a mesma coisa” “o que é é que muda o feitio”. Assim sendo, entre vários momentos de silêncio, os idosos foram discutindo o seu parecer sobre os elementos naturais que compoñham o perfil da “senhora que está de costas”.

Posteriormente, dando importância ao “risco vermelho”, por baixo de uma das figuras, o Idoso remeteu os seus pensamentos para o relato bíblico da decapitação de São João Baptista entre outras memórias de filmes com decapitações. Como tal, face a estas apreciações, o Idoso acabou por criar uma certa repulsa à imagem apelando que, embora esta tivesse “bem pintada” transmitia a presença de “um assassino” e, sendo assim, era preferível “ver coisas mais bonitas”.

Neste âmbito, a sessão acabou por durar pouco tempo iniciando-se mais cedo a atividade prática.

Contudo, não menos importante, é de salientar que nesta sessão os idosos assentiram participar, apesar de se encontrarem de luto. Deste modo justificou-se o discurso mais pausado e sem grande recurso à imaginação. Contudo, perante a atividade prática, cada idoso demonstrou empenho e criatividade.

2 - AVALIAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS OBSERVADAS NO CAMPO DE INTERVENÇÃO

Após apresentada a avaliação que decorreu da análise de conteúdo composta pelos diferentes dados recolhidos, foi possível caraterizar os comportamentos dos idosos bem como o seu envolvimento nas diferentes sessões. Neste sentido, os comportamentos e atitudes descritos constituíram-se como evidências do modo como a abordagem à obra de arte pode promover um envelhecimento ativo.

¹⁷ Todas as citações são referentes ao Anexo I – 7ª Sessão

Analisando estas evidências mais aprofundadamente, é possível identificar as seguintes categorias de análise:

- Desenvolvimento da cognição;
- Associação de vivências passadas;
- Associação de experiências quotidianas;
- Lembrança de récitas e dizeres;
- Tentativa de expressão de sentimentos;
- Apelo ao gosto pessoal e crítica estética;
- Narrativa criativa mas realista;
- Questionamento da realidade;
- Fortalecimento da união de grupo e participação ativa dos mesmos na ação;
- Aquisição de novos conhecimentos ao nível da cultura.

Deste modo, procurou-se relacionar estas categorias com competências promotoras de um envelhecimento ativo. Para tal, construiu-se a seguinte tabela, na qual se representa essa correspondência:

Tabela 17: Competências desenvolvidas promotoras de um envelhecimento ativo

Competências	Categorias de análise
Interpretação	Desenvolvimento da cognição
Memória	Associação de vivências passadas
	Associação de experiências quotidianas
	Lembrança de récitas e dizeres antigos (Património oral)
Expressividade (comunicação)	Tentativa de expressão de sentimentos
Apreciação	Apelo ao gosto pessoal e crítica estética
Imaginação	Narrativa criativa mas realista
Questionamento	Questionamento da realidade
Construção social	Fortalecimento da união de grupo e participação ativa dos mesmos na ação
Construção cultural	Aquisição de novos conhecimentos ao nível da cultura

Assim sendo, após a leitura da tabela correspondente às evidências registadas ao longo da implementação do projeto e do processo de investigação-ação, em seguida analisar-se-á, com mais primor, as competências que os idosos desenvolveram perante a observação de imagens de obras de arte.

Contudo, antes de mais, será necessário relembrar que para além dos compromissos intelectuais que cada obra exerce por si só, esta também tem um contexto social que deve ser analisado com toda a atenção e importância pois, baseando-se a arte na expressão, no conhecimento e revelação do Eu então, está vigente que parte da formação e construção de cada indivíduo pode advir do contacto com a arte e, como tal, esta não deve ser ignorada. Neste sentido, após cada sessão de campo foi entregue uma folha informativa a cada Idoso

para que este se pudesse inteirar e beneficiar com mais informações relativas à imagem de Obra de Arte visualizada.

Ainda, tendo em consideração que os idosos participantes apresentavam um estágio de desenvolvimento estético¹⁸ de primeiro nível então, é de salientar que estes participaram no trabalho de campo sem qualquer reconhecimento das imagens começando, deste modo, com uma apreciação mais elementar.

Assim sendo, para a análise de dados, o presente projeto teve em consideração os estágios de desenvolvimento estético de Parsons e as suas entrevistas estruturadas, bem como a técnica de entrevista de Housen.

Deste modo, dando início à avaliação, começar-se-á por referenciar que, quanto ao **nível interpretativo**, os idosos aplicaram e desenvolveram a sua capacidade de cognição (ao tomarem conhecimento sobre as obras e os artistas e técnicas apresentados) gerando um agradável diálogo de grupo perante a observação das imagens de obras de arte desconhecidas. Com o avançar do trabalho de campo, tornou-se visível a autonomia dos idosos, de sessão para sessão, em que estes, questionando a realidade visível, foram desenvolvendo a sua atenção, raciocínio e pensamento crítico.

Ao relacionarem conhecimentos, também se verificou que os idosos sentiram necessidade de relatar as suas vivências de criança, bem como alguns episódios de momentos e notícias atuais, por ordem a justificar certos elementos presentes na imagem. Deste modo, os idosos exercitaram a sua **memória** conferindo um ambiente descontraído a todas as sessões, ao recordar que antigamente se faziam muitas coisas “engraçadas agora hoje em dia não”¹⁹ era “só computadores e watch watch...”²⁰

Relativamente à **expressividade** verificou-se que os idosos, no geral, tiveram dificuldade em exprimir sentimentos pois ora não compreendiam a imagem ora não a conseguiam descodificar.

¹⁸ Estádios de Desenvolvimento Estético segundo Parsons Ver anexo III

¹⁹ In 5ª Sessão

²⁰ In 5ª Sessão

Neste sentido, se se destacasse a cabeça de uma figura humana os idosos transmitiam os seus sentimentos em função da leitura desse mesmo rosto e se porventura não existisse nenhuma figura em destaque, o Idoso tentava ver o conjunto da obra retirando daí algum elemento figurativo que lhe suscitasse alguma sensação. Como tal, distingue-se a pintura *O parto da viola*, na qual os idosos, independentemente de não apreenderem a totalidade da mensagem expressa na obra, garantiram gostar da imagem pois, o facto de “ver a tocar uma guitarra”²¹ deixava-os alegres. No caso da pintura realista de Fabriano, perante as figuras de cariz religioso, os idosos afiançaram que a pintura estava “muito bem confeccionada” na qual se destacava o “tom natural” da serenidade da figura feminina.

Relacionando o campo da **apreciação**, os idosos creditaram que as imagens eram bonitas e davam “muitas ideias à cabeça”²². Contudo, perante a última imagem observada os idosos demonstraram uma certa aversão, apontando que apesar da obra estar “bem pintada” “não era uma das imagens mais bonitas para pôr numa parede” pois fazia “lembrar o filme da cabeça cortada”.²³

Quanto ao **nível imaginativo** verificou-se que as imagens de teor mais abstrato suscitaram, nos idosos, uma maior manifestação de criatividade nas suas ideias e, como tal, mais tempo de conversação.

Neste sentido, destacando a segunda sessão, apesar de tudo “parecer um pouco desfocado”, os idosos apontaram a presença de “homens, mulheres e crianças” que estavam perante um cenário de “descanso”²⁴ e, como tal, inventavam varias histórias para explicar o propósito de cada indivíduo presente no quadro.

Posteriormente, perante a leitura de dois sentidos proporcionada pela quarta sessão de intervenção, os idosos puderem imaginar o rosto de um homem cujos elementos eram representados por vegetais que, por sua vez, “Devia ter uma paralisia facial” pois alguns

²¹ In 5ªSessão

²² In 2ªSessão

²³ In 7ªSessão

²⁴ In 2ªSessão

idosos não conseguiam “descobrir bem bem bem a cara”²⁵ devido à sua capacidade de imaginação não ter sido estimulada enquanto criança.

Na seguinte sessão (quinta sessão), face à mistura de formas, figuras, objetos e instrumentos musicais, o Idoso, na tentativa de encontrar um sentido de leitura, criava histórias por ordem a combinar os diferentes elementos entre si. Neste caso, os idosos engendraram que a mulher que trazia “o avental com morangos” ia “tocar guitarra e depois”²⁶ dar-lhe-iam flores em agradecimento da sua atuação.

Perante a paisagem alvoraçada da sexta sessão, o Idoso também teve tempo para idealizar algumas histórias. Sendo que da mescla de cores os idosos pronunciavam “uma queimada” então, para justificar uma mancha branca que “ficou por pintar” estes alegaram que deveria ser “a água dos bombeiros lá atrás”²⁷. Neste sentido, os idosos foram desenvolvendo um pouco a sua capacidade imaginativa por ordem a encontrar o fundamento da mensagem transmitida pela obra de arte em observação.

Quanto ao **questionamento**, averiguou-se que com o decorrer das sessões, o Idoso tornara-se mais autónomo na análise de imagem, pois questionava a realidade presente e interrogava-se sobre a sua veracidade. Num diálogo partilhado pelas dúvidas que iam surgindo a todos os participantes, estes acabavam por dar respostas uns aos outros descobrindo o teor da imagem em questão.

Neste sentido, tendo em consideração que a arte é uma **construção social** e que o contexto social deve ser justaposto à experiência estética então, perante o trabalho de campo desenvolvido, para além do Idoso estruturar o seu conhecimento, este ao expor as suas ideias, também teve a oportunidade de favorecer as suas relações sociais. Perante este âmbito social, os idosos assumiram que estavam a participar na “universidade para pessoas mais velhas” sendo que, “o que não se aprendeu em nova”²⁸ aprendia-se agora de forma divertida.

²⁵ In 4ªSessão

²⁶ In 5ªSessão

²⁷ In 6ªSessão

²⁸ In 3ªSessão

Por fim, mas não menos importante, destaca-se o progresso que os idosos exerceram no **campo cultural**. Neste campo, ao participarem no projeto, os idosos tiveram a oportunidade de ampliar o seu repertório de imagens, aumentando a sua cultura visual, na medida em que: conheciam os nomes de artistas; descobriam os títulos das obras; exerciam diferentes morfologias e; discutiam sobre processos de criação plástica (quando, por exemplo, questionavam se uma imagem de pintura se tratava de uma fotografia). E, perante os trabalhos práticos facultativos, denotava-se que os idosos aproveitavam o tempo para amadurecer e refletir um pouco mais sobre as diversas técnicas e materiais existentes no campo artístico.

CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Nota introdutória

Após o trabalho de campo com os idosos surge, de momento, a ocasião para se: confirmar os resultados face aos objetivos propostos; salientar os pontos de convergência e de divergência entre os resultados da intervenção e a fundamentação teórica realizada; observar as limitações do estudo e recomendações e; sintetizar os resultados analisados.

1 – CONFIRMAÇÃO DOS RESULTADOS FACE AOS OBJETIVOS PROPOSTOS

Relembrando que a proposta prática do projeto constava em facultar aos idosos a observação de imagens de obras de arte (pintura) por ordem a estes exercitarem o seu pensamento crítico e partilharem as suas vivências, então salienta-se o cumprimento do objetivo alcançado em todas as sessões na medida em que, com a atividade proposta o Idoso preencheu o seu tempo de ócio promovendo e valorizando as suas capacidades, competências e saberes, através da aproximação ao campo artístico, intervindo para o seu envelhecimento ativo.

Apesar dos idosos participantes, no início da investigação-ação, não gozarem de ferramentas fundamentais ao nível do campo artístico, estes corresponderam ao incentivo de expressar as suas opiniões em todas as sessões sendo que, conforme o acréscimo das sessões, o Idoso demonstrava um discurso mais fluente propício da sua maior independência na leitura crítica da imagem.

Neste sentido, desprovidos do incontável valor das imagens de obras de arte apresentadas, os idosos não hesitaram em falar sobre as mesmas sendo que, falar de uma imagem de obra de

arte ou das pinturas do colega (realizadas nas atividades práticas) ambas recebiam a mesma dedicação e importância. Em suma, o essencial para o Idoso era comentar se a pintura era bonita ou estava bem feita independentemente de ser uma obra de arte, uma imagem de obra de arte ou criação plástica de um colega pois, para os idosos participantes, uma obra de arte não tem o mesmo peso de responsabilidade que tem para os estudiosos de arte.

Assim sendo, em cada sessão, os idosos foram descrevendo as imagens, primeiramente respondendo às perguntas previamente colocadas, referindo o que lhes chamava a atenção e, posteriormente, com o desenrolar das sessões, os idosos tornaram-se mais independentes sendo que, as perguntas de intervenção pré-estruturadas foram sendo eliminadas pois os próprios idosos começaram a exercer uma atitude de questionamento perante cada imagem.

Apesar da pouca exigência no que toca à apreciação estética da arte, os idosos que tiveram a oportunidade de participar na investigação-ação estriaram-se na interpretação de imagens de obras de arte sendo que, de forma mais capaz, através do questionamento da realidade, do relacionamento de opiniões divergentes, da exposição de memórias e da referência de notícias do mundo atual, os idosos, perante o projeto real e concreto, para além de estimularem as suas capacidades cognitivas, fomentaram as suas relações sociais.

Neste contexto, o projeto de investigação-ação surgiu como técnica social preventiva ao proporcionar a convivência e participação comunitária dos idosos, perante o desfrutar da cultura, em tempo de ócio, dando concretização ao conceito de «animação».

Como tal, a questão de investigação tornou-se pertinente na medida em que se pode averiguar que a observação, análise e apreciação de obras de arte, representadas em imagens, promove um envelhecimento ativo.

Não menos importante, salienta-se a importância dos registos escritos no diário de bordo, ao complementar ideias que foram trabalhadas na parte teórica e prática das sessões. Neste campo, através dos registos pessoais verificou-se que conforme o estado de saúde dos idosos estes dispersavam mais a sua atenção da imagem quando estavam em baixo de forma mas, em compensação, após a atividade prática sugerida, os idosos tendiam a executá-la com toda a atenção falando, inconscientemente, da imagem anteriormente visualizada e das suas criações.

2 – PONTOS DE CONVERGÊNCIA E DE DIVERGÊNCIA ENTRE OS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO E A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA REALIZADA

Com o intuito de promover o envelhecimento ativo por intermédio de novas descobertas, a investigação-ação teve por ideia basilar que cada indivíduo alcança diferentes níveis de desenvolvimento estético, que derivam de uma sequência de etapas, conforme a experiência de cada um, e que contribuem para o cultivar do pensamento. Neste sentido, uma das competências que se pretendia que os idosos granjeassem, num primeiro momento, era que adquirissem autonomia na procura de respostas para a interpretação das imagens propostas e, de facto, esta competência foi alcançada.

Como tal, a visão de Parsons(1992) adquiriu importância teórica na medida em que o Idoso ao se relacionar com as imagens de obras expostas foi desenvolvendo competências. Não menos importante, destacam-se em paralelo, os estudos de Vygotsky, ao evidenciar a importância do orientador para o desenvolvimento das capacidades dos participantes na medida em que este proporciona a oportunidade de aumentar as capacidades e conhecimentos de cada idoso, tendo em consideração os seus saberes. Por sua vez, salienta-se ainda que o orientador permite agilizar que cada participante interaja com os outros constituindo processos de aprendizagem cooperativa, com base na interdisciplinariedade.

Neste sentido, houve a oportunidade de beneficiar das técnicas de entrevista que permitem estudar as reações estéticas dos participantes em ambiente de grupo na medida em que a exposição ao pensamento dos seus pares facilita as transições face à forma de pensar.

Como tal, com os estudos de Ander-Egg(1990) observou-se que as atividades de animação adquiriram funções sociopedagógicas com a intencionalidade de gerar processos de participação e, como completa Merino(1993), estas propiciaram um espaço e tempo favorável para que os participantes desfrutassem do ócio e da cultura.

Contudo, devido à pouca formação dos idosos no campo artístico, os conteúdos estéticos foram pouco explorados acabando por se desviar das leituras teóricas. Neste caso, as sessões fundamentaram-se em confrontar os idosos com diferentes imagens, apelando para as diferenças de temas e técnicas. Assim sendo, através deste primeiro contacto lançou-se o desafio para que os idosos comesçassem a explorar o campo artístico em diferentes contextos e em diferentes lugares.

3 – LIMITAÇÕES DO ESTUDO E RECOMENDAÇÕES FUTURAS

Tendo em consideração que o presente estudo se focou num determinado contexto então, este torna-se circunstancial. Neste sentido, não se poderá alvitrar que num outro contexto, seguindo a mesma metodologia, se obteriam resultados semelhantes. Contudo, achamos que o conhecimento produzido com a realização do mesmo poderá mostrar aos animadores, que trabalham com idosos institucionalizados, possíveis formas de promoção de um envelhecimento ativo.

Para além do profundo interesse que nos move pela arte, este projeto correspondeu a uma necessidade sentida, no qual se pretendeu reunir as ferramentas adequadas para proporcionar atividades de animação sociocultural de cariz desigual contribuindo de forma enriquecedora para o envelhecimento ativo dos idosos institucionalizados.

Mais do que datar ou documentar uma de obra de arte teve-se por intenção facultar aos idosos a possibilidade de este observar, pensar e explicar as imagens de obras de arte (pintura) conduzindo, em suma, a uma abordagem crítica e criativa.

Reconhecendo que cada obra tem a sua própria linguagem, decorrente da cultura artística e visual da época, e tendo em consideração que o grupo de idosos em questão nunca tinha feito uma aproximação à arte então, numa primeira abordagem, começou-se por analisar o que é que os idosos viam (análise denotativa).

Neste contexto, gerou-se um ambiente favorável à exposição de opiniões, gerando um diálogo construtivo entre os idosos, sendo que, após alguma aquisição de experiências, foram facultadas ferramentas para que os idosos desenvolvessem os seus próprios pensamentos se assim o desejassem.

Como tal, o presente projeto não foi concebido para explorar as atividades práticas realizadas no final das sessões teóricas mas sim, averiguar em que medida os idosos estavam receptivos em trabalhar com materiais riscadores. Neste sentido, verificou-se que as atividades práticas também teriam sido dignas de análise pois, após cada sessão de observação e interpretação de imagem, através das atividades práticas, de cariz facultativo, os idosos ao mesmo tempo que expressavam os seus dotes plásticos prolongavam as conversas sobre as imagens visualizadas. .

Não menos importante, será de referenciar que, o estudo em questão também poderá ser mais desenvolvido, face a um aumento do nível de sessões propostas, por ordem a proporcionar aos futuros participantes uma análise mais gradual dos conteúdos de cada imagem pois, num curto espaço de tempo é difícil consolidar tanta informação.

Por fim, resta apenas salientar que os animadores socioculturais podem usufruir da arte, na medida em que, através de um simples “olhar” para um objeto, poder gerar a comunicação e socialização do Idoso permitindo a ocupação do seu tempo livre levando-o a exercitar o seu pensamento de forma prazerosa em comunidade contribuindo, em suma, para o seu envelhecimento ativo.

4 – EM SÍNTESE

E em síntese, a abordagem à obra de arte promove o envelhecimento ativo porque, para além de facultar a interação e convívio entre os indivíduos, esta possibilita o desfrutar da cultura, ocupando o tempo de ócio dos idosos de forma prazerosa e ativa na medida em que estimula as suas capacidades cognitivas e criadoras e relembra as suas memórias e sonhos ainda por almejar.

CONCLUSÕES

Cada indivíduo tem a sua própria forma de envelhecer, que é diferente da dos demais, sendo que, cada idoso é único e exige uma avaliação compreensiva que permita fazer uma intervenção adequada em prol do seu envelhecimento digno.

Sendo que na velhice os principais indicadores de qualidade de vida são: a própria longevidade; a saúde; a satisfação com a vida; o bom desempenho cognitivo; a competência social; a produtividade e a atividade então, quando o Idoso é institucionalizado, as instituições devem disponibilizar de recursos que beneficiem o Idoso não só em cuidados de saúde mas também na sua estimulação cognitiva. Neste sentido, os centros de assistência devem cumprir um papel preponderante, ao valorizar e promover ambientes sociais, culturais, e educativos.

Como tal, a presença de um animador sociocultural torna-se pertinente, na valência de lar, na medida em que este pode facilitar a inserção dos idosos através de práticas sociais que têm como finalidade estimular a iniciativa, bem como a participação das comunidades no processo do seu próprio desenvolvimento e na dinâmica global da vida sociopolítica em que estão inseridos.

Muito mais que “animar”, os objetivos da animação sociocultural passam por intervir e transformar, em suma, dar vida, relacionar e potenciar à participação social e cultural mediante determinadas ferramentas.

Neste âmbito, pretendendo fornecer suportes que permitam fortalecer os laços sociais e a estimulação cognitiva do Idoso, para a realização do projeto de intervenção e desenvolvimento do processo de investigação-ação programaram-se um conjunto de sessões com o objetivo de consolidar e questionar algumas premissas. Para tal, envolveu a colaboração de um grupo de 8 idosos, com idades compreendidas entre os 59 e 88 anos, com o qual se desenvolveram sessões de trabalho que constituíram a parte empírica do presente trabalho de projeto.

A investigação-ação permitiu constatar a evolução ao nível cognitivo e, conseqüentemente, ao nível de apreciação estética que os idosos exercitaram face à análise de imagens de obras de arte. Neste sentido confirmou-se que “O estágio da sequência a que cada indivíduo consegue chegar depende da natureza das obras de arte com que entra em contacto e do grau

em que se vê estimulado a refletir sobre elas.” (Parsons, 1992, p.21) E, não perdendo de vista o carácter educativo da atividade proposta, que respondeu a um movimento social e cultural, verificou-se que a animação sociocultural é “entendida com uma “escola paralela” que permite complementar as formações anteriores e, ao mesmo tempo, aprofundar interesses culturais específicos.” (Canário, 2000, p.76)

Neste âmbito, a arte ajuda o Idoso a abrir portas do seu interior, através da visualização de uma imagem, conferindo liberdade à sua mente para poder fluir na sua imaginação e reviver as suas memórias. Oportunamente, se um grupo de idosos está perante um espaço cómodo e provido de tempo então, através do diálogo, estes ao partilharem os seus saberes possibilitarão o crescimento potencial do grupo e o enfrentar de novos ritmos.

Como tal, por ordem a proporcionar uma boa envolvência entre o Idoso e a arte, para além de um espaço agradável o animador deve munir-se de tempo e das ferramentas necessárias para poder encaminhar/guiar, instruir e animar os idosos no meio artístico tendo como objetivo fucral contribuir para o seu envelhecimento ativo aprazível.

Neste sentido, intervir para um envelhecimento ativo implica apoiar o Idoso na busca de: sentido da vida; autoestima; alegria e; descoberta de potencialidades, oferecendo oportunidades para que o Idoso se possa expressar e ser ouvido enquanto elemento ativo na sociedade.

Perante estes princípios, o projeto concretizado demonstrou o seu vigor na medida em que rentabilizou os serviços e recursos de forma a: favorecer a formação ao longo da vida; proporcionar uma atividade dinâmica e atrativa para o envolvimento do idoso (fomentando à ocupação adequada do tempo livre para evitar o aumento do tempo do ócio); promover a inovação e novas experiências e; valorizar as capacidades, saberes, competências e cultura de cada idoso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ander-Egg, E. (1990). *Metodologia y practica de la animación sócio-cultural*. CCS, Madrid: Humanitas.

Ander-Egg, E. (1999). *O léxico do animador*. Amarante, Associação Nacional de Animadores Socioculturais.

Ander-Egg, E. (2004). *Metodologia y practica de la animación sociocultural*. Madrid: Editorial CCS.

Andrade, L. Q. (2000). *Terapias Expressivas: Arte-Terapia, Arte-Educação, Terapia Artística*. São Paulo: Vetor.

Arnheim, R. (1993). *Consideraciones sobre la educación artística*. Barcelona: Paidós Estética.

Benet, A. S. (2002) La dinamización sociocultural en los centros de día para mayores. *Intercambio, Educación Social n°22*, pp.100-114.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.

Calvo, A. (2004). Animación sociocultural en la infância, la educacion en el tiempo libre. In Trilla, J. (coord.), *Animación sociocultural (pp.26.) – Teorías, programas y ámbitos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Carmo, H. & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da Investigação. Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Camargo, M. L. M. (1999). Repensando a Arte e o lazer na terceira idade. *Revista SESC*. São Paulo. n°18, pp.69-74.

Canário, R. (2000). *Educação de adultos – Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.

Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia de investigação: guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Costa, M. (2002). *Cuidar idosos. Formação, práticas e competências dos enfermeiros*. Coimbra: Editora Formasau.

Cunha, M. J. S. (2009). *Animação sociocultural na terceira idade – Recurso educativo de intervenção*. Chaves: Ousadias.

Direção Geral de Saúde (2004). Circular normativa n. 13 – Programa Nacional de Saúde para pessoas idosas.

Ferreira, P. T. (2007). *Guia do animador na formação de adultos*. Lisboa: Editora Presença.

Fino, C. N. (2001). Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): Três implicações pedagógicas. *Revista Portuguesa de Educação*, 14(1), 273-290.

Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor – Projectos e Edições, Lda.

Fonseca, A. M. (2005). O envelhecimento bem-sucedido. In Paúl, M. C e Fonseca (coord.), *Envelhecer em Portugal* (pp. 281-311). Lisboa: Climepsi.

Font, J. M. (2004). El lenguaje plástico en el campo de la intervención socioeducativa. *Educación Social*, nº 28, 13-18.

Fróis, J. P. (coord) (2000). *Educação estética e artística. Abordagens transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Fróis, J. P., Marques, E. & Gonçalves, R.M. (2000). A educação estética e artística na formação ao longo da vida. In Fróis, J. P. (coord.). *Educação estética e artística. Abordagens transdisciplinares*. (pp. 201-243) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Froufe, S., & Sánchez, M. A. (1990). *Animación sociocultural – Nuevos enfoques*. Salamanca: Amarú Ediciones.

Gardner, H. (2001). *Art Education and human development*. Los Angeles: Getty Center in Art Education.

Gonçalves, R. M., Fróis, J. P., & Marques, E. (2011). *Primeiro Olhar. Programa integrado de artes visuais*. (2ª ed.). Lisboa: Serviço de Educação, Fundação Calouste Gulbenkian.

Guerra, I. (2002). *Fundamentos e processos de uma sociologia de acção – o planeamento em ciências sociais*. (2ª ed.). Cascais: Principia Editora.

Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Estoril: Principia.

Goldfarb, D.C. (1998). *O corpo, o tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Hesse, H. (1952). *Elogio da Velhice. Considerações e Poemas*. Algés: Difel.

Housen, A. (2000). O olhar do observador: Investigação, teoria e prática. In, J. P. Fróis, (coord.). *Educação estética e artística. Abordagens transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Idáñez, M. J. A (2004). *Como animar um grupo – Princípios básicos e técnicas*. (2ª ed.). Petropolis: Editora Vozes Ltda.

Jacob, L. (2007). *Animação de idosos*. (3ª ed.). Porto: Âmbar.

Kosulin, A. (1990). *Vygotsky's psychology: a biography of ideias*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Leontiev, D. A. (2000). *Funções da arte e educação estética*. In Fróis, J. P. (coord.). *Educação estética e artística. Abordagens transdisciplinares*. (pp. 127-145) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lessard-Hébert, M; Goyette, G. & Bouttin, G. (2005). *Investigação qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Levet, M. (1998). *Viver depois dos 60 anos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Lima, M. P. (2001). *Gerontologia Educacional, uma pedagogia específica para o idoso*. São Paulo: Editora LTr.

Limbos, E. (1976). *Animação sócio-cultural – Prática e instrumentos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Magueta, L. G. (2014). Participação, expressão e criatividade em experiências com a linguagem plástica desenvolvidas em espaços educativos por animadores em formação. In Fontes, A., Sousa, J.G., Lopes, M.S.P. & Lopes, S.M. *Cultura e Participação. Animação Sociocultural em Contextos Iberoamericanos* (pp.234-241). RIAP - Associação Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural – Nodo Português.

Munhoz, C. (2007). *Animação para idosos*. V. N. Famalicão: Edições Centro Atlântico.

Netto, M. P. (2002). *Gerontologia – A velhice e envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu.

Oliveira, A. L., & Barradas, S. P. (2015). *Gerontologia – Recurso técnico pedagógico*. Vila Nova de Gaia: Blossom Birds Unip Lda

Parsons, M. J. (1992). *Compreender a arte*. Lisboa: Editorial Presença.

Parsons, M. J. (2000). Dos reportórios às ferramentas: ideias como ferramentas para a compreensão das obras de arte. In J. P. Fróis, *Estética e artística: abordagens transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Parsons, M. J., & Blocker, H. G. (1993). *Aesthetics and education. Disciplines in Art Education: Contexts of understanding*. Chicago: University of Illinois Press.

Peretz, H. (2000). *Métodos e sociologia*. Lisboa: Temas e Debates Atividades Editoriais Lda.

Pimentel, L. (2001). *O lugar do idoso na família: contextos e trajectórias*. Coimbra: Quarteto.

Pimentel, L. (2006). *A prestação de cuidados a pessoas idosas dependentes: Uma análise das relações familiares intergeracionais e de germanidade*. Tese de doutoramento. Lisboa, ISCTE.

Read, H. (1975). *Educação pela arte*. Lisboa: Edições 70.

Reis, A. L. (2012). *A animação sociocultural na 3ª idade – um estudo de caso no lar de Nossa Senhora da Conceição Vidago*. Dissertação de Mestrado em Ciências Educativas. Chaves: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Rocha, M. (2013) Educação em arte: encruzilhadas e caminhos. *Revista OnLine Medi@ções*, Vol, 2-nº 1, 33-44.

Rodrigues, F. (2011). *Educação do olhar*. Lisboa: Chiado Editora.

Schambeck, L. D. (2004). *Arte-Terapia na terceira idade: Busca da felicidade, prazer, integração e promoção da saúde*. Monografia Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

Serrano, G. P. (1998). Metodologias de investigação em animação sociocultural. In Trilla, J. (coord.). *Animação sociocultural – Teorias, programas e âmbitos*. (pp. 101-119). Lisboa: Instituto Piaget.

Stake, R. (2007). *A arte da investigação com estudo de casos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Tainha, R. (2008). *Guia do educador. Pensar com arte*. Edição Lisboa: Estúdio Didáctico.

Trilla, J. (coord.). (1998). *Animação sociocultural – teorias, programas e âmbitos*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.

Tuckman, B. (2005). *Manual de investigação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Veras, R. P. et al. (1995). *Terceira idade: Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: UnATI/UERJ.

Vieira, E. B. (1996). *Manual de gerontologia – Um guia teórico-prático para profissionais, cuidadores e familiares*. Rio de Janeiro: Revinter.

Vygotsky, L. S. (1989). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Yenawine, P. (2000). Da teoria à prática: estratégias do pensamento visual. In Fróis, J. P. (coord) *Educação estética e artística. Abordagens transdisciplinares*. (pp. 191-200) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. (3ª ed.). Porto Alegre: Bookman

Webgrafia:

Gillet, J. (2006). A animação entre a marcha e a democracia. In Reis, A. L. (2012). *A animação sociocultural na 3ª idade – um estudo de caso no lar de Nossa Senhora da*

Conceição Vidago. Dissertação de Mestrado em Ciências Educativas. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: Chaves. Acedido em 6 de Março de 2016 em:

https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/2547/1/MsC_amalreis.pdf

Métodos de leitura de imagem no ensino de arte contemporânea. In ebah. Acedido em 6 de Março de 2016 em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:->

[EBrGrq_6igJ:www.ebah.pt/content/ABAAAg4R4AJ/sobre-metodos-leitura-imagem-no-ensino-arte-contemporanea+&cd=3&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt&client=safari](http://www.ebah.pt/content/ABAAAg4R4AJ/sobre-metodos-leitura-imagem-no-ensino-arte-contemporanea+&cd=3&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt&client=safari)

Rodrigues, N. C. & Rauth, J. (2002) Os desafios do envelhecimento no Brasil. In Freitas, E. V. de et al. (orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. (pp. 106-110) Rio de Janeiro: Guanabara Koongan. Acedido em 6 de Março de 2016 em:

http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/817_865.pdf

ANEXOS

ANEXO I – DIÁLOGOS COM OS IDOSOS AO LONGO DAS SESSÕES

1ª Sessão (Dia 23 de Novembro de 2015, 36 minutos)

Inv-Então aqui vamos nós começar com a primeira imagem...

E- Se ela nasceu em 29 é da nossa idade. (risos)

A-Oh! Este não veio da Síria?... este não... (risos) Os que vêm da Síria vêm mais bem...bem arranjados...Bem...alguns, alguns.

F-Este está um bocadinho triste.

E- Apesar de ser nova se nasceu em 29 é mesmo da nossa idade.

L- Mas é uma fotocópia?

Inv- É sim.

L- Pois...Mas é bonita. É uma menina muito bonita. Não é?

A-É, é tem uma carinha bem bonita.

F- Pois tem.

A-É uma cara de inocente, é uma cara de...

L-É de uma menina novinha...

A-Ainda tem o rosto inocente de criança. Tem cara de como eu quando pequena pronto.

L-Pois pois tínhamos assim a carinha.

A-Não há nada mais bonito que ver assim uma carinha inocente...

Inv-Então mas afinal qual é o sexo da criança?

A-Parece-me que é um menino.

E-Parece.

A-Talvez... não sei...é uma intuição.

E-Mas é capaz mesmo de ser um menino. Yé!

F-Tem mais cara de menino do que de menina.

A-Não é porque...não sei, não sei explicar...deu me aquela sensação de que é um menino. Foi por intuição...

An-É menina.

Inv-Porquê? Consegue tentar explicar?

A-Não sei...foi pelas feições...foi em tudo...

E-No jeito de ser...

Lz-Parece-me menina...

A-Pelo cabelo...está assim meio...desajeitado... pode ser uma menina mas primeiramente a olhar assim de repente pareceu me um menino.

E-Pois...pode ser assim um tiro no escuro.

A-Pronto. Assim a primeira intuição que tive a olhar para ele foi menino pronto.

J-Mas parece menino.

L-É menino?

J-Parece que é um rapaz mas acho que é menina.

A-Pois! Pois é. Há muitos assim. Então agora...

F-Também só aparece o rosto...

Inv-Pois. Nem temos um fato para nos ajudar...

E-E está tudo a preto...

Inv-Pois...Nem existe uma corzinha que nos dê uma pista...

E-Pois não.(risos)

A-Então na “Quinta” não tá lá um que é o...o Carlos Costa...eu quando vi...então...aquilo é uma menina! É uma rapariga autêntica. Autêntica autêntica autêntica. No vestir, no falar...em tudo. Mas é um rapaz. É que aquilo não tem nada que se diga assim é uma inclinação mais para o rapaz...mas até a maneira de pôr...de pôr os jeitos...é tudo tudo tudo. Por isso hoje em dia já nada que a gente diga tem jeito que isto já não se sabe nada.

L-A mim parece-me uma menina.

A-Pronto olha...a mim a minha intuição disse me logo que era um menino. Tem jeito... Não sei pronto. A expressão toda. No conjunto.

E-Pois tem tem...yé.

A-Uma menina acho que tem assim...assim mais o cabelo arranjado.

E-Yé yé é isso... pela cabecinha e o jeito do cabelo parece um menino. Vi logo. Vi logo não mas...

(silêncio)

Inv-Então mas acham que está bem desenhada a criança?

A-Tá tá tá tá.

E-Está. Está bem desenhado.

(silêncio)

Inv-E o que vos transmite este rosto?

E-Uma tristeza.

A-Uma tristeza inocente...nesse sentido...

L-É através dos olhos. É na cara toda. Mas nos olhos...nos olhos. Estão assim carregados para baixo.

F-E nos lábios. É no sorriso...Parece não ter... está assim para baixo (gestos)...

L-Tem este risco aqui nos olhos (aponta e delinea com o dedo) assim a vir para cima dos olhos. Tem as sobrancelhas a vir para cima dos olhos. É isso.

E-Tem cara de triste. Eu quando estou muito triste faço assim (exemplifica franzindo o rosto)

L-É como eu te estou a dizer: “os olhos quando estão tristes até dão sinais”.

F-Pois é pois é.

E-Yé yé...

L-É que tem olhos de quem teve a chorar...

A-É esta expressão aqui (demonstra apontando no próprio rosto) assim para baixo. Alegre ficava mais assim (exemplifica com o próprio rosto) o lábio sobe assim...

(silêncio)

A-É que eu até tenho uma fotografia minha, em pequenina, ali no meu armário e tenho assim os trejeitos e faz lembrar esta.

C-Pois... por isso é que também me parece mais uma menina que menino..

L-Pois! Eu também acho. O meu Otávio quando era pequenino também tinha cara de menina...

E-Unhm...olha mas é pequenino...

L-Pra'i uns 10 anos...

C-Tem mesmo cara de menina pequenina...um bocadinho triste.

E-Pois tá triste...

F-Pois.

A-Se fosse uma menina grande nós dizíamos: “Olha...está a pensar...” Mas não ela é pequenina para mim é inocente...é inocente...

E-Pode até já ter uns aninhos mas é assim tristinha.

A-É é...é novinha...tem ai os seus quê 7, 8 anos...

E-Não não... deve ser mais 9,10 anos...dou lhe assim mais anos.

A-Pois...por ai por ai...

L-Pois talvez. Não é pelos seus 3,4 anos...é mais velha.

A-Está com aquela cara que...que...ainda podemos ser rebeldes podemos ser...olha mas temos aquela inocência...

E-Olha se isto é a data de nascimento dela, se ela é de 1929 é do meu ano. Tem 86 anos.

C-Pois.

(silêncio)

Inv-Acham que foi difícil fazer este desenho?

C-Não...

A e E- Para quem sabe... (risos)

L-Não...isto é uma maneira de falar...eu quando vendia em Lisboa haviam aqueles homens que andavam também por lá...assim no meio das feiras sabe? Quando se vai para o comboio...ali ao pé da...Olha gaita não me lembro do nome...do coiso que vai para a estação...Era ai ao pé da praça. E era ai que agente estava. E estavam ai aqueles homens a pintar...E paravam lá senhoras e ele desenhava o rosto. E eu via... ele desenhava e parecia autêntica. Parecia uma fotografia. Mas era desenhada.

A-Isto é a carvão não é?

Inv-É.

L-Pois. Mas parece uma fotografia. Isto foi tirado dali (aponta para o computador) para aqui mas aquilo foi pintado. A carvão.

Inv-Desenhado a carvão sim senhora.

L-Eu gostava de ver mas não podia demorar muito tempo senão a patroa dava-me...mas eu via uns a pintar também com os pés outros com a boca... e eu às vezes parava ao pé deles a ver...eu gostava.

E-Eu tenho ali um calendário com desenhos assim yé. Tinha ali duas cartas que deias ontem à minha Fetal. Foram pessoas que pintaram com o pé e com a boca. (levanta-se e vai buscar o calendário)

C-Já foi há muitos anos mas eu lembro-me de ver pessoas a pintar as unhas dos pés com a boca...

F-E há pessoas que pintam muito bem com os pés.

Lz-Então não há!? Pois há.

A-Pois com certeza. E com a boca...Pinturas belíssimas.

J-Mas quem diz pintar diz outras coisas...fazem tudo bem só com os pés e outros com a boca.

Lz-Eu conheço uma pessoa que pinta com a boca.

L-A minha irmã Ricardina quando era pequenina era assim. (aponta para a imagem)

E-Olhem! Pintado com a boca e os pés. Yé.

(todos olham)

Inv-Muito bem! Daqui a nada já vamos ver melhor. (pausa) Então e aqui na nossa imagem...o que é que acham que foi mais difícil desenhar?

L-O que foi mais difícil de desenhar foi esta parte aqui assim (aponta para os olhos e começa a delinear o rosto até ao queixo) a carinha, os olhos e aqui a boquinha...Até aqui ao vestuário.

Inv-Então isso foi o rosto todo?

L-Pois. Sim!

A-Ele até se nota aqui (aponta para a linha do rosto)que fizeram aqui um risco para fazer o rosto. A base da cara. Certo? E depois aqui....

E-Está aqui mais escurinho na cara.

A-E depois de estar aqui este risco é que formou o resto. Assim como os lábios...olha aqui... foi um risco aqui e outro aqui (aponta para os cantos da boca do rosto da imagem) devia ser para ver qual era o tamanho da boca e depois continuou...

L-Mas esta imagem parece ser mais escura...tem a cara diferente...

F-Não. É igual.

C-Parece-me a mesma.

L-Eu acho que esta é mais escura..

Inv-Pode ser da impressão. Uma foi impressa diretamente do computador e as outras são fotocópia.

L-Ah! Só se for disso então.

(silêncio)

L-Estás a ver...esta não foi a primeira que eles fizeram. Está diferente...eles fizeram a fotocópia.

Inv-Não não. O artista fez este desenho e eu vi no computador e tirei fotocópia. Estas folhas aqui são todas iguais...

A-Pois. É só um desenho. É igual em todos. Não é o original. Não dá para perceber bem...

C-Está bem. Tem uma pequenina diferença mas está bem.

An-Tá bom.

L-Unmh...Eu tenho ali umas fotografias a preto e branco que são parecidas a este... Assim em pequenina... esta parece real...

Inv-Acham que o artista desenhou através de uma fotografia...a ver a criança no real...ou foi tudo da sua cabeça?

L-Foi pintada assim. Não foi real. Imaginou.

A-Aqui está a boca. Ele meteu aqui um risco e aqui outro. Depois fez o rosto ao mesmo tamanho. Depois foi fazendo o resto.

E-Depois carregou um pouco mais aqui...

L-Tás bonito e és da minha idade pronto.

(risos)

Inv-Ficava bem na parede do vosso quarto?

L-Ficava bonito. Mas não deixam lá por nada!

(risos)

E-Nas paredes não poem nada não.

Inv-Certo. Então vamos supor que estavam em vossa casa...

L-Oh! Chegavam lá e perguntavam: “Quem é este menino?”

A-Dizias: “É a minha bisneta mais velha.”

L-Eu não tenho nenhum bisneto.

A-É a bisneta mais nova que a mais velha ainda não nasceu.

(risos)

E-Se eu fosse pendurar as bisnetas e os netos todos no quarto não cabiam (risos).

Inv-Então este desenho se calhar não mas se fosse um desenho a carvão dos netos e bisnetos já penduravam?

E-Pois. Pois era yé. Se fossem nossos é que era.

C-Pois...

(todos conversam sobre a política de se poder ou não pendurar coisas na parede durante 2 minutos)

Inv-Então mas vá...querem saber quem desenhou a criança?

A-Salgado...será?

E-Está aqui.

Inv- Sim. Veloso Salgado.

E-E pintou em 1929 é?

Inv-Sim.

E-Já tem 86 anos (risos)

F-E tem nome a criança.

Inv-Quer saber o título?

A-Pois.

Inv-O título é: Flor do Mar.

A-Flor do Mar...

L-Flor do mar foi alguma criança que foi saída do mar...e foi picada...e depois fizeram o retrato para contar a história.

A-Então é uma menina. Se é flor é mais para as meninas...

L-Pois pode ser uma história...

A-Pois...Flor do mar...Havia uma telenovela assim...

E-Pois também pode ser cara de menina.

A-Isto aqui o caso não deixa de ser menino ou menina...tanto pode ser menino como menina...

E-Pois...as mulheres agora tanto vestem calças como saias...

(risos)

A-Bom mas tem a cara tão redondinha parece um menino também...

L-Pois, as minhas miúdas quando eram novas eu também lhes vestia calças e todos gozavam mas depois passado pouco tempo começou a ser moda. Olha bem como quando eu lhes fazia tranças assim todas bonitinhas uma de cada lado. Não se usa. E eu pensei: “Olha! Pode ser que pegue a moda”. E pegou. E pegou bem. Mas depois quando elas ficaram mais crescidas eu cansei-me. O meu marido refilou logo mas eu nesse dia estava tão cansada e ainda tinha de fazer tanto trabalho, que disse-lhe logo: “Pois não és tu que as penteias. Dá uma trabalho...”

C-Mas se isto foi pintado custou muito a pintar.

A-Então?

E-A minha Fetal se poder fazer faz...mas quê... leva o seu tempo.

A-É menina. Olha que estou a concordar.

(risos)

A-Tanto pode ser menino como menina..

L-Pela cara que ele fez é uma menina...e está assim com os olhos...

E-É engraçada.

L-É é.

(silencio)

L-Está bonitinha...assim aqui na roupa é que pronto...mas o rosto está bonitinho.

F-E tem assim também aqui os cabelos escangalhados...

A-Pois..e tanto vale se se dá como menina ou como menino...

Lz-Eu tenho uma fotografia com um ano e tinha o cabelo todo encaracolado assim.

L- Pois, os meus filhos também.

C-A minha filha também tinha assim o cabelo encaracolado muito bonito quando era pequenita.

L-O meu Carlos também tinha assim um caracol grande na cabecinha.

E-Os meus quando nasceram também fizeram um caracol assim aqui.

(Risos)

L-Então e os meus? O meu Otávio quando nasceu também lhe puseram um lacinho na cabecinha. E depois quando mo apresentaram eu disse: “Então mas a doutora disse que era menino e agora vem menina? Então mudou de sexo?” (risos) (conta a história do parto do filho) (risos)

Inv-Então e se fossemos nós a desenhar algo?

2ª Sessão (Dia 26 de Novembro de 2015, 52minutos)

Inv-Então vamos lá ver uma nova imagem...

L-Parecem homens, mulheres e crianças que aqui estão.

A-Isto são chapéus?! São Chapéus!

L-São chapéus. É pha! Esta tem um granda cu!

A-Pois tem! Tem um grande “bum”! Mas isto parece um pouco desfocado.

(risos)

L-Então não é? Vê se bem que é um cu de mulher.

A-Tem um grande “Bum bum” tem.

L-Isto aqui, isto aqui são homens. São dois homens. Esta é uma senhorita.

F-Aqui vão mãe e filha.

A-Deve estar a chover. Ou a fazer sol. Tem muita sombra aqui.

F-Pois mas têm os chapéus de chuva...

A-Sim mas tem tanto sol. E assim faz a sombra. Então não é?

J-isto está bonito mas não é para as minhas mãos. Nem para a minha boca. (risos)

A-Olha! Então não é para comer. (risos) Acho que ainda não é para comer o papel.

Lz-Isto é um casal.

E-Uns estão aqui espojados no chão.

A-Estão espojados no chão. (risos) Espojados... São bois? (risos)

L-Estão a descansar.

E-Este está se a encostar àquela. E é uma piscina que ali está se calhar.

A-Eu gosto deste tempo das princesas. Eu gosto... Até porque se usa bastante este fatos elegantes...e os fatos compridos... Eu gosto. Eu gosto deste estilo assim.

E-Ou então é a praia e está ali a areia e os barquinhos.

A-São magrinhos...

E-Eu voto em ser uma piscina ou então uma praia. Isto aqui está amarelo... Isto é praia.

A-Mas isto é relva.

E-Mas deve ter aqui um canal para passar lá para ali para aquele lado. E aqui estão sentados na areia.

F-Não...

C-Isto aqui parece-me uma árvore.

E-Pois sim... Isso ai sim. Mas aqui estão chapéus. Chapéus abertos na praia. E aqui é o mar.

E eles estão aqui na areia. Isto é areia o que está aqui. E estes estão vestidos.

A-Não isto é rio.

E-Ou rio ou mar.

A-Não não não. Mar não é. Isto é rio.

E-Eles tão aqui na água. Pronto. É água o que lá está.

L-Isto aqui é um parque. E está aqui um casal.

A-Isto são duquesas.

L-Ahm?

A-Isto são duquesas. Elas são duquesas.

L-São duquesas são.

A-Vê se logo pelo estilo delas.

E-A água é ali.

A-A água é ali.

E-E estão aqui com os chapéus abertos.

A-Estão com os chapéus abertos porque se calhar faz calor. Mas também tem árvores não percebo para que é que precisam dos chapéus.

E-Pronto isto é como na praia e tem um largo...

A-Se calhar faz calor. É que as princesas andam sempre com os chapéus atrás. As duquesas.
E-Isto é um lago.

L-Isto é uma fotografia já muito antiga. De uns bons séculos...

E-Quando o meu filho se casou tivemos de passar por um lado assim grande. E eu disse: “Oh filho nunca mais chegamos à igreja!” e ele disse: “Oh mãe! Não me desanime. Não me meta mais nervoso.” (risos)

F-Isto é um cachorrinho... aqui não percebo muito bem...
(murmúrios)

Lz-É um cachorrinho e um cão.

A-E isto aqui? Isto, isto parece um abajur. É um coiso destes de...de...ai como é que se chama aquilo de prender os cães?...

C-Mas isto não me parece um cão...

A-Deixa ver...Não não isto parece um um...um esquilo vá lá ver. Não parece?

L-Olha e aqui está este a beijar esta.

A-Parece mesmo um esquilo e este é que é um cão.

F-Unhm... um esquilo também não...

L-Olha aqui é um cachorro mas aqui parece-me uma raposa. Assim a fugir como elas fogem. Tem aqui assim o rabinho para dentro. Vai assim a fugir com o rabinho (Faz gestos a simular o que diz)

A-Olha! Não...Então não parece um esquilo.

F-Unhm...Eu acho que não. Também é quase do tamanho do cão?! Não pode ser.

L-Este está todo enrolado.

F-A cabeça é ali.

A-Isto é um cachorrinho que vai a fugir do esquilo.

E-Isto aqui é...unhm...não sei...

A-Um esquilo roi tudo. Roi tudo e deita um cheiro muito mau... Muito mau um esquilo.

E-Um esquilo ou uma doninha?

A-Unhm...pois uma doninha. Mas um esquilo também.

E-Isto parece uma vela. É uma vela de um barco. E este está aqui deitado a ver.

A-Mas oh E. os bichos quando fazem xixi não cheiram tão mal? Quando se passava e eles faziam xixi sabes?

E-Yé yé. Mas aqui parece-me a relva.

L-Olha por acaso estás a ver estes aqui? Estão abraçadinhos a dançar.

A-Olha mas de certa forma é uma coisa...elas são tão elegantes. Até no sentar elas são elegantes.

L-É do tempo do Marquês de Pombal que agente não percebe nada disto.

(risos)

A-Do Marquês de Pombal?

L-Pois. Do tempo do Marquês de Pombal agente ainda cá não andava. E aqui esta menina muito menos. E havia estes trajas vestidos quando eu tinha ai os meus 12 anos que fui ao teatro de S.Carlos.

E-Oh V. o que era aquilo? Você foi tropa e andou por lá o que é que pensa disto?

J-Aqui? Eu não sei...

L-O quê isto? Olha, isto ou é rio ou é mar porque tem aqui os barquinhos.

E-Isto parece mar.

C-E está aqui a relva.

Lz-Aqui é relva e ali é um barco.

A-Pois aqui é relva onde eles estão assentados ali estão os barcos e aqui parece areia.

F-E aqui tem água.

A-Aqui está o barquinho a petróleo que tem aqui a chaminé.

E-Mas aqui estão outros que vão com remos. Que parece uma bengala.
E-Estes estão aqui espojadinhos.
L-Mas isto aqui parece mais praia que outra coisa.
A-Na na na...isto é rio não é praia.
F-Tem ali relva...
A-Na minha maneira de ver é rio. Praia não é.
(silencio)
A-Quando fomos a a...como é que se chama?...Ali aos olhos de água era deste género assim.
E-Com árvores ao meio.
A-Mas só que lá não tem isto assim...não tem relva. É só terra com o rio.
F-E tem mato.
A-Sim também tem árvores.
E-As árvores são aqui fora. Ali andam de barco.
F-Tem aqui ervas secas.
A-Quais ervas secas? Aqui tem a relva.
E-Isto é tal e qual como um rio.
L-Unhm... Pronto estes estão agarrados para dançar. Ela está com os braços agarrados no pescoço dele.
J-Para dançar ou dar beijos...
L-É pra uma coisa e prá outra.
(risos)
A-Pois estão a dançar...
E-É o quê ai?
L-Isto é uma e um. São dois. É um casal. Ela está assim com as mãos nele. E ele com as mãos nos ombros dela.
E-Onde é que estão os cavalos?
L-Aqui não estão cavalos.
E-As duquesas é que estão aqui muito bem.
L-E ali estão muitos barcos. Pelo menos uns dois ou três. E estes aqui vão a remar. Olha.
A-Isto aqui é o quê?
E-Parece um chofer. Tem aqui o bigode.
A-Isto é um barco à vela.
F-Aqui está outro com chaminé...
E-Isto deve ser é já dentro do barco e estes já vão aqui deitados à frente.
L-Está aqui uma menina que vai a correr.
E-Agora é que isto tem jeito de ser um barco.
L-Tem jeito de ser barco?
E-Aqui. Yé. Tem jeito de ser um barco. Aquele vai a guiar e estes já vão aqui deitados. De certeza.
L-Não. Estes estão a passear. E estes são namorados.
A-Não.Pois... Isto é uma tarde de lazer. Uns estão a passear e outros estão a usufruir do descanso da da...do lanche...
L-Pois é o que eu estou a dizer.
A-E o cão está a comer as migalhinhas que eles deixam.
E-Isto é uma parte do rio e estes já vão aqui sentadinhos à frente.
A-Não. Aqui é relva. É relva mas aqui tem uma cor diferente.
F-Pois...mas deve ser da sombra.
A-Isto não é chão não não. Eles estão aqui a passear. A água está ali. Aqui é a relva. Isto aqui é a relva.
E-Mas também à barcos muito grandes que têm tudo.

A-Mas ouve lá isto aqui é relva. Não está no barco.
E-Mas nós temos canais em que vamos assim e depois assim direito ao mar e depois vamos a outro canal.
A-Não. Mas eles estão sentados a desfrutar. Isto aqui é relva.
C-É relva é.
L-E este bichinho parece a raposa quando vai a fugir.
F-Mas onde é que ela vê um barco.
A-Isto tudo aqui. Mas não. Isto não é um barco. Isto aqui para mim é relva.
F-Pois é relva é. Então tem aqui árvores.
A-Pois! Tem aqui as árvores.
E-É porque é uma parte do outro canal. Então eu não vejo na Florida como é.
A-Mas isto aqui não é Florida.
E-Para ir apanhar um barco temos de ir por um canal. Eu fui.
A-Por um canal?
E-Sim.
A-Um um um túnel?
E-Sim pois. É por ai. Temos de dar assim uma volta..
L-Olha este está aqui a comer as migalhinhas que estes deixam ficar.
E-Eu já tive de ir num barco assim. Depois quando cheguei às ondas o barco andava assim e assim e deu-me a volta ao estômago.
A-Isto aqui para mim é relva e ali é que está areia.
F-Ali está mar.
L-Isto é bonito. Dá muitas ideias. Vêm muitas ideias à cabeça. Estes aqui estavam cansados e sentaram-se aqui no meio do chão.
A-Isto aqui é o quê? Parece um parque.
L-E estes aqui estão à espera doutra. É esta aqui que está a correr.
A-Não sei.
L-Ai isso é. Tem cabelo louro.
A-Mas e o que é isto? É mesmo aquilo para contar o tempo? Também se paga o parque? (risos) se calhar...
E-Ela (a investigadora) sabe o que é mas nós temos de tentar descobrir.
L-É assim, não sei se é verdade se não é mas aqui parece-me o mar.
E-E estes estão aqui deitados a apreciar o mar.
A-Isto não é o mar. Aqui não é o mar. Para mim... Eu estou a dizer aquilo que eu penso.
E-Há mares que têm muitos feitios.
A-Eu estou a dizer aquilo tal e qual como eu penso. Eu não sei... Isto aqui para mim não é mar.
L-Inventem aquilo que quiserem. Agente vê aquilo que quiser.
A-Poderá ser uma braça que vem do mar...
L-Olha eu queria ter um cu como esta. Assim como esta. O meu marido a mesma coisa.
A-Pode ser uma braça do mar...
E-Pois pode. Pode ser um lago.
L-Isto aqui sou eu com a minha bisneta que não tenho. (risos) esta aqui também julgava que era um menino mas não é.
E-Isto é onde estão os barcos presos.
A-Como é que se chama onde estão os barcos...
(silencio)
Inv-Um porto.
A-Pois um porto. Um porto de abrigo claro.
E-Sim.

A-Que é onde ficam os barcos.

L-Olha isto...não estamos nada a acertar pronto. Olha isto é um parque. Em Lisboa , lá na baixa, é que se viam muitos. Aqui já não se vê. Em Leiria também se vê... Bom agora não vejo...fico mais por aqui.

A-Estes estão aqui deitados a descansar. Tão a a relaxar não é?

F-Estes estão a descansar.

A-Pois está tudo a descansar é o que eu estou a dizer. Estão todos em lazer estão todos a usufruir do descanso.

L-Esta tem nas mãos ou é um livro ou é uhm...

A-Uns estão a descansar, outros estão a passear outros a observar... andam a ver....pronto... Este anda a passear o bebé com o menino...anda a mostrar-lhe...

L-Isto são romanos ou não são romanos... Olha, não percebo nada disto. Então aquele mais percebe (aponta para o marido e ri-se)

A-E isto aqui é o perímetro para contar o tempo que elas usufruem do parque.

L-Tu, tu oh minha querida tiras-te fotocópias de um retrato...de uma fotografia?

Inv-De uma pintura em tela.

L-De uma pintura.

C-Este está a comer as migalhas. Tem o focinho no chão.

A-Mas eles não tão a comer!

L-Está a cheirar.

C-Se calhar já comeram e agora não se vê bem...

A-Pois se calhar comeram.

E-Eles já comeram e agora está o cão a comer.

L-E o mais pequenino vai a correr para lá. E atrás do pequenino vai aquele ali...aquele bicho grande pronto.

A-Parece um esquilo.

L-Parece um esquilo ou uma raposa que ela quando vai a correr junta a cabeça com o rabo e parece isto assim.

A-Um esquilo levanta as costelas.

L-Pois há muita coisa que é parecida.

A-Uma vez fui acampar e os esquilos roeram-me um coiso todo...um cesto de comida. Lá na América. Bem, lá na América não sei...não sei se era América ou Canadá... acordei de manhã e tinha tudo roído. (risos)

F-Ali estão dois homens...

E-Se aqui houvesse um secante não havia ninguém na rua (risos).

Inv-O que é um secante?

E-Um secante é um animal que vai na rua e anda com o rabo muito para trás e onde ele fizer xixi não se pode parar. Uma vez um fez xixi no carro e ninguém suportava aquele cheiro.

L-Olha e esta aqui é outra menina e usa óculos.

Inv-Usa óculos? Que grande visão!

L-Não...mas olhe...veja bem. Olha para ela. Ali aquela coisinha pequenina. Então não são os óculos? Aqueles estão maiores porque estão sentados ali e ela é mais pequenina e aquela vai acorrer pô pé deles.

E-Isto são árvores.

A-Pois.

L-Esta tem de ir ao lado da mãe porque ainda deve ser pequenita.

A-E estes chapéus?

L-Esta aqui é elegante.

A-Ouçã. Aqui está sombra e aqui está sol. Por isso é que elas estão aqui com os chapéus abertos e aqui já não precisam dos chapéus.

F-Pois é.

A-Aqui tá sol precisão do chapéu. Isto aqui é sombra.

L-Aqui...isto aqui é que ainda não sei muito bem o que é.

A-O quê?

C-Aqui tem rama..

A-Oh Rama o que linda rama... (risos)

L-Olha que é tudo aos casais anhm! E estes aqui sentados são os filhos. Estas a ver? Se reparares isto são tudo casais.

C-Estou a ver...

A-Eu acho graça é a todas estas princesas...ou duquesas.

F-Mas ainda não percebi o que é isto...

A-O quê? É o perímetro da da da da coisa para pagarem o parque então...então tem de ser. Mas isto deve ser um parque só para aqui para as duquesas.

L-Pois eu gostava de descobrir isto aqui.

A-É o perímetro para o parque.

E-Também me faz lembrar aquilo para deixar as bicicletas.

A-Parece-me o perímetro. Não se percebe bem é o relógio.

L-Parece-me um chapéu com roda. Olha eu gosto é deste barquinho.

E-Ali é um barco à vela.

A e F- Pois.

L-É à vela e este é outro barquinho e este aqui é daqueles que vão assim (faz gestos)...como é que se chama isto.

A-A remar.

E -Barco de remos.

L-Pois. Exatamente.

A-Qual é que é a remos? Explica-te lá.

L-Então a remos é este. Este que está aqui assim comprido.

A-Ah este! Sim sim sim.

L-Sim.

A-É como os pretos andam. É numa canoa. É uma canoa pois. Um barquinho é este.

E-Esse é um barco à vela.

A-Pois... e agora neste que deita fumo...

L-Então o que deita fumo é o barco maior. Este aqui. Vê se bem que é o maior.

E-Quem não ia numa canoa era eu.

A-Então?

E-Possa! Aquilo abana tudo...é só água.. Não não.

L-Eu já fui num barco destes tinha também assim uma chaminé. Estavamos a andar assim muito bem e depois vi uma parede muito alta muito alta mas depois aquilo começou a subir sabes? Tinha muita água muita água e chegamos lá a cima.

E-Fui para ir ver a minha neta lá no fundo que ele ia mergulhar porque o marido dela faz isso tem o curso de mergulhador e ele gostava que andassem os dois. E ela foi também para ir e eu fui a acompanhar...fui ver...mas o mar andava assim...e eu comecei a revoltar a revoltar...depois tive que ir puxar para o outro lado... (risos) e o meu filho estava na mesma. Ele é tal e qual como eu. Ele quando vai para a pesca tem de tomar um comprimido para não vomitar.

A-Eu em Angola, com o meu marido e dois primos, arranjamos um barco e fomos pescar. E pescamos muito muito peixe. Muito peixe espada...muito peixe. Muita qualidade de peixe.

E-Também fui noutra para ver lá no fundão muitos peixinhos.

A-Mas quando se tem um barco a motor aquilo não deita fumo. Este está aqui a deitar tanto fumo...

L-Realmente aquilo de baixo de água começa a meter água começa começa e depois começa a subir a subir a subir e depois nós conseguimos chegar lá a cima. E caramba! Uma pessoa nem sabe como é que foi para lá a cima tão depressa.

A-Mas isto parece um parque só para esta gente assim...gente assim mais...deve ser reservado para esta gente assim mais de...

E-Mais para quem pode.

A-Para esta gente assim mais de princesas e de reis.

L-Sabes o que é isto? É o parque das Nações (risos)

A-Só aqui está um que não parece bem. Deve ser o guarda do parque. (risos) É que este aqui nem me parece princesa nem nem...

L-É um homem.

A-Parece aqui um pescador que estava aqui. Parece um pescador.

L-E já na altura usava calças de ganga olha aqui.

A-Pois...Estava ali a dormir coitadinho. Tinha aqui a boina em cima dos olhos. Pronto...O propósito dele já é diferente dos outros.

L-Deve ser se calhar o guarda disso.

A-Pois é deve ser.

F-Pois é. E deve estar a dormir coitado.

A-Pois...e deve estar a ver o que os outros estão a fazer

L-Olha...Daqui não levas nada. Não estou a ver o que isto possa ser...Não tenho ideia.

E-Isto parece tanta coisa tanta coisa (risos)

A-Pois. O que elas têm é um rabosque muito grande muito grande. Isto deve ser uma almofada que elas põem aqui atrás .

(risos)

E-Yé! (risos) Deve ser deve.

L-Ah pois. Para ficarem assim com o cu tão bem feitinho.

F-Não...eu por acaso não sei se é isso. Parece ter uma armação.

A-Então não é? Estão tão elegantezinhas e depois têm aqui um coiso tão coiso.

E-Iso são as fardas delas assim vestidas.

L-Mas são todas...Todas têm assim. E esta aqui ainda deve ser novinha que esta sentada assim...e vê se bem o rabo delas.

A-E isto aqui é onde há sombra.

L-Ai é o cão.

A-Oh! Isto. Esta zona aqui.

L-Ah! Ai... Pois. Ai não tem chapéu.

A-Está com esta cor porque é verde. É relva verde o que é é que está à sombra. Só ali é que têm chapéus.

E-Não acho isso.

L-Olha estes tomaram banho. Este está deitado no chão ao pé dela.

C-Qual?

L-Aqui.

E-Ai é areia.

L-Repara bem. São dois que estão aqui sentados. Melhor, um está deitado e o outro está sentado.

A-Este está sentado...Está encostado à árvore.

L-Pois.

A-E aquele é o pequenininho...não sei...uns são mais pequeninos...

L-Ali tá outro assentado. Tem qualquer coisa no colo...

E-Pois está ali tá. (risos) Está ali espojadinho.

A-Esta que vem aqui no centro vai a passear descansada. Vai a passear com o filho e vai a ensinar...

L-E tão aqui estes com os pezinhos de molho à beira da água.

(silencio)

F-Não vejo bem...

A-Esta vai a explicar à filha o que se passa, o que está aqui... Vocês não veem? (a imagem)

Lz-Estou a ver...

E-Estamos a ver. Então não estamos a ver?!

L-Olha querida, já aqui vi muita coisa.

E-Está aí muita gente....Eu vejo muita gente. Muita coisa lá.

L-Mas olha que muitas destas coisas pequeninas é que só agora é que a gente está a apreciar isto aqui pequenino.

(risos)

L-Aquela ali leva olha duas crianças de cor. Isto aqui olha ali.

E-Eu conheço bem aqui é o cão.

L-Olha estás a ver? Esta aqui é que vai à beira do mar e leva as crianças de cor.

A-Esta está com os pés para baixo aqui para o rio. Está a molhar os pés.

L-Essa está. Tá a molhar os pés. Essa vê-se bem que está sentada. Deve estar na malandrice.

F-E esta está deitada.

A-Está deitada mas está com os braços para baixo.

L-Olha, ao menos trouxeste os papéis e os lápis para a gente desenhar isto?

Inv-Quer desenhar é?

A-Está a brincar.

L-Não (risos) Vou desenhar esta bonecada toda.

Inv-Então, afinal o que acham que esta imagem trata?

A-Então é um passeio no parque.

E-Eu acho que estão numa ilhazinha. Numa ilha yé.

L-Uma ilha abandonada.

A-Numa ilha abandonada? Então tem cá tanta gente!

L-É uma ilha muito chique.

(risos)

C-É uma ilha só para gente chique.

A-Deve ser uma ilha só para esta gente assim. Só para duquesas.

L-Uma pessoa quando vai ao banho leva uns fatos de banho. Não vai assim chiquesa como estas assim.

A-Mas isto são pessoas...são pessoas a...

L-Pois! É o que eu digo.

A-Não são pessoas normais...não são pessoas normais como nós...

F-São muito elegantes.

L-Todas elas estão....aqui estão três sentadas e aquela deve vir ter a correr ter com elas.

(silencio)

A-Pois...isto pode ser uma ilha mas também pode não ser.

L-Isto aqui é um casal e leva uma criança ao colo. Ora vê lá bem.

A-Isto pode fazer parte de uma ilha mas o que é é que isto parece mais um parque para descanso.

L-Olha, não parece? Vocês já repararam aqui neste casal? Reparem bem o que é que ela tem aqui ao colo.

F-O que é que tem? O que é que achas?

L-Então, é um bebé. Então se virmos ao pé vê se logo o que é.

(silencio)

Inv-Acham que é um bom assunto para se pintar um quadro?

L-É. Eu acho que sim. Está em plena...

A-Olha esta menina aqui tem um ramos de flores na mão.

F-É tem... Isso já eu vi.

L-E vai a correr para as outras que estão ali.

A-Ai ai...pois é, pois é...

(silencio)

Inv-Então, quando vocês olham para essa imagem que sentimentos encontram?

A-É um descanso certamente. Está tudo no descanso.

L-Faz lembrar o rio de Leiria, onde há um parque assim grande fechado onde há muitas coisas para as crianças brincarem e as canoas a passarem aqui.

A-Então aqui lembra férias.

L-Então lembra muita coisa.

A-Isto parece o paraíso.

E-Estão a acampar.

L-Isto é bom.

E-Estão no passeio deles no gozo deles (risos) Bem bom!

L-Pois! Quem me dera ter tido posses para gozar a vida como eles. Eu já fiz assim uns passeiozicos com os pequenos, mais ele... Vi assim muitas coisas assim... mas claro a gente passa assim nos parques de merenda e comíamos assim sentados... Á beira da água também...

(silencio)

C-Tem aqui umas cores bonitas.

L-As flores?

F-As cores.

L-Ah, as cores! Pois, as cores estão. Cores mais bonitas que estas não há.

L-O pintor escolheu bem.

A-Escolheu cores para todos os gostos.

(silencio)

Inv-O pintor fez a pintura perfeita....real?

L-Pintou. Então não pintou.

A-Pintou mas está assim meio desfocado.

L-Não está nada desfocado. Até ali na canoa vai uma mulher que leva um chapéu branco na cabecinha. A gente vai olhando e vai vendo as coisas.

E-yé.

L-Só agora é que eu reparei que aqui na proa que vai uma senhora assentada com o chapéu, assim, do sol.

E-Na africa é que é assim. São as fardas assim.

L-vão aqui dois homens assentados. Olha! Agora é que se vêem as figuras. Já vistas aqui. Vê bem. Agora olha bem e vê lá se não vêes as figuras. As caras deles. À bocado não vi nada eu!

(risos)

L-E aqui é uma senhora que vai ali com o chapéu de sol aberto.

A-Com o chapéu de sol aberto?

E-É como nas Africas isto.

L-Olha, se nós olharmos bem para isto a gente aqui encontra muita coisa.

(silencio)

Inv-Acham que foi difícil fazer esta pintura?.

L-Foi.

F-Foi. Então tem tanta coisa.

L-Então tem homens e mulheres e crianças.

F-Tem muitas coisinhas aqui.

A-Sim tem muitas miniaturas.

L-Pois é a gente vê! Só depois de se ver tudo é que se vai buscar as coisas miúdas...assim estas mais miudinhas.

A-Até as cores estão boas...tão tão tão neutras. São umas cores neutras mas são bonitas.

L-Olha! Agora é que eu vejo que vem lá uma pessoa ali. Vai ou não vai? Aqui olha vê.

F-Pois vai lá dentro.

A-Mas olha! Está aqui uma que não tem braços!

F-Está aqui o ombro...

L-Os braços estão assim meio escondidos assim...

F-Pois. Aqui tem uma mão.

C-Vê se bem que o braço esta ali para aquele lado a segurar o chapéu.

A-Pois é que são coisas muito miniaturas.

L-E está aqui esta coisinha branca. Isto ou é aqueles cãezinhos brancos ou não sei.

E-Sabem o que isto é? É o Reguengo do Fétal!

A-Que até cheira mal!

(risos)

E-É a cova do Reguengo do Fétal! É o Buraco Roto!

(risos)

C-Também tem água mas não é assim.

L-É que isto tem tanta coisa e tanta imagem miúda que só agora é que uma pessoa consegue ver as coisas.

(Risos)

E-Tem meninas e meninos, tem homens e mulheres...Tem tudo.

L-Pois e eu só agora é que vi este casal que aqui está e vi que é um bebé que aqui está ao colo dele. Vê-se bem uma carinha.

E-Essas fardas são africanas.

L-E vê-se bem que estão ali aqueles dois assentados com os pés assim...Um tá deitado...

Lz-Está a refrescar-se.

A-Mas este aqui...só pode ser o guarda...Mas está a dormir. (risos) Mas também se é um guarda então guarda mal. Então tá a dormir?!

F-Pode ser o que manda lá.

A-O que manda não...Para guarda também não é assim este traje para guardar.

F-Pode estar na hora de descanso.

A-Também um guarda para guardar uma destas ilhas ou parque, qualquer coisa assim deste género, assim desta gente, também não é assim. Devia ser um guarda vestido a rigor.

F-Pois...

C-Ainda tem uma barba comprida.

L-Se a gente olhar bem ainda vê aqui esta sentada e tem os garotos sentados ao pé. Oh vê bem...

J-Tem aqui muita gente com os chapéus de sol e está tudo a passear...

L-Pois! E estas estão todos contentes aqui a molhar os pés. Só quando olhem para estas coisinhas pequeninas é que eu consegui ver. É que a gente está a olhar e é tudo igual mas se a gente depois quando está a ver um bocado as fotografias consegue decifrar se é menino, se é uma menina. Mas aquilo ali depois vê-se que é uma mulher que leva um pequenino e vai mais o marido...

A-Pois mas, este velho aqui com o bigode é que tá tá a ficar mal.

L-O que é que está a ficar mal?

A-Este homem.

L-Porquê?

A-Então, porque isto é princesas e ele ele ele é...arruma carros.

L-Então ele é o que toma conta da relva e põe isto tudo...limpa tudo.

E-Está ali todo descansadinho.

(risos)

L-Olha, isto faz-me lembrar quando eu era garota, estava a lavar a roupa ali em baixo na fonte e houve um carro que passou e um senhor perguntou se podia tirar uma fotografia. E eu virei-me para ele e fiz sinal a ele a dizer: “Comer primeiro”. E ele foi buscar comida para mim e para as raparigas que estavam a lavar comigo. Olha, deu-nos tudo do bom e do melhor. Era pastéis de nata, era pastei de bacalhau...enchemos um alguidar que lá tínhamos. E depois de nos tirar o retrato ainda nos ofereceu um também.

A-Pois...e olha aqui isto está aqui cheio de sombras... e isto aqui também é da mesma cor que aqui por isso é sombra.

L-Pois claro! É sombra.

F-E fica desta cor porque é a relva.

A-Pois. É precisamente a cor da relva. Está à sombra fica mais escura. E é verde. Tal e qual e aqui é a sombra das pessoas. Ora se é a sombra das pessoas e isto aqui é verde então isto aqui também pode não ser relva. Tá do norte pode ser outra coisa (risos)

J-É norte e centro (risos)

A-E aqui como tem alguma fuga de vento a árvore não cobre e fica sol. Porque aqui é a sombra de todos eles. Tudo isto é sombra porque é igual a isto.

L-Pois é pois é.

A-Pronto agora estou na dúvida de que isto seja relva por causa disto. Isto é precisamente daqui.

(silencio)

Inv-E gostavam de ter este quadro nas vossas casas?

L-Oh menina isto custa muito dinheiro.

(risos)

L-Mas se me oferecessem o quadro eu gostava de o ter mas tinha de furar a parede. (risos) Senão metia-o ja no meu quarto logo aqui assim. As pessoas passavam e diziam assim: Ah que coisa tão bonita!

A-Ficava bem assim numa parede.

L-Ficava sim senhora! A paisagem está muito bonita. O pintor pintou bem. Tem crianças, tem animais. Este tem a moleta na mão mas não é a minha e este homem...ela leva uma coisa na mão e o homem acompanha. Mete assim de baixo dos braços. Está bonito. Olha, já não sei mais nada. Eu cá para mim já disse o que me parecia.

A-Não tem título?

L-Diga lá que eu já disse o que me parecia...

A-Mas a fotografia deve ter sido tirada daqui para ali... vê-se bem o bum da senhorita (risos)

L-mas é que eu tenho cá na ideia mesmo de isto ser assim. Quando eu era pequenita e estava lá por Lisboa lembro-me de ver as senhoras com os vestidos compridos tal e qual assim. Coitadinha de mim não sabia nada do que aquilo era... depois é que eu percebi quando fui ao teatro de S. Carlos. E só lá entrei porque a filha, para quem eu trabalhava, chamava-se L. também, é que foi lá tocar. Tocava lá e assim eu podia entrar mas tive de levar também roupa da patroa. Assim aqueles vestidos compridos dela, que ela era da minha idade. O que é que eu não tinha tantas posses... e foi nessa altura que me começaram a chamar de Serigaita por termos os nomes iguais e assim era diferente.

A-não sabe quem é a serigaita?

L-Unhm? Não.

A-É a Catarina...

L-A Catarina Furtado?

A-Não.
F-A que está no parlamento.
A-Sim a que está no parlamento.
L-Ah! É aquela toda coisa a falar.
A-É essa Catarina.
C-quem é que vai para o governo?
A-o governo já está empossado agora só falta vir o outro para governar.
C-mas são os comunistas ou os socialistas?
A-São todos (risos) é os comunistas e os socialistas.
C-O Coelho não está também?
A-Não, esse saiu. Hoje é o ultimo dia dele.
F-Hoje vão dizer isso tudo.
A-E essa Catarina é que é a serigaita. Quem lhe pôs o nome foi o Paulo Portas. E para mim não é serigaita é senisga. Que é pior.
L-Vá diz lá o título que ao menos tens de nos ajudar com isso.
Inv-O título é: “Um domingo à tarde na Ilha de La Grande Jatte.
A-Pronto. É a ilha. A tal ilha. Num domingo à tarde de passeio.
E-E o pintor?
Inv-O pintor chama-se: Georges Seurat.
A-Não está aqui nada disso. Nem o ano.
Inv-Foi pintado em 1884.
A-Eiiiiii! Onde é que a gente estava.... (assubio)
E-É muito velho...
A-Pois...para terem estes bums...
E-Não é do nosso tempo.
A-isto nem do tempo dos nossos pais, nem dos avós nem dos bisavós...
L-É uma paisagem muito antiga.
A-Pois. Agora este homem aqui dos bigodes é que pronto...Não lhe chamam a ilha dos amores mas é a ilha das duquesas. E isto foi tirado do quê? De algum calendário?
Inv-É uma pintura. Óleo sobre tela.
A-Uma pintura pois...
C-Eu não era capaz de pintar o que está aqui pintado.
A-Pintar como está assim não.
L-Como está não.
A-Como está é uma perfeição.
L-Pois. Mas se tivesse coisa para pintar...
A-Eu borrava...
(risos)
L-agora aqui com as mãos todas a tremer...
A-Borrar a gente borra.
L-Então tive que tempos para enfiar uma agulha e não fui capaz de a enfiar.
Inv-Então vamos lá ver o que tenho para aqui...

3ª Sessão (Dia 30 de Novembro de 2015, 41 minutos)

A-Ah! Hoje estamos no Espírito Santo

F-Olha a pombinha...

E-Mas ainda não estamos no Espírito Santo.

F-Mas está aqui a pomba.

A-yé sim aqui.

E-Tá pois tá aqui mas ainda não estamos nesta altura.

A-Olha o Espírito Santo...deixa cá ver...

E-Ela está aqui com a coroa.

A-Isso foi quando ela chegou ao céu. Foi coroada. Coroada mãe do céu e da terra.

E-E tem a pomba aqulá em cima.

A-A pombinha deve ser o Espírito santo a descer sobre ela.

E-E tem um anjinho aqui.

A-A Nossa Senhora está cheia do Espírito Santo...

L-Isto aqui parece tudo cheio de passarinhos...

A-Estão aqui passarinhos?

L-Olha aqui...ora vê bem...

A-Não!

E-É a pomba aqui assim.

A-Não...Aqui?! Não...

E-Não isso não é.

A-Não aqui não é. Aqui é o género de coroa...quer dizer...é o é o...

E-É o tecido...é o tecido...

A-É o...é a ornamentação vá lá...

E-yé.

A-Diz Lz? O que é?

Lz-Isto é a coroação...

A-E vinde Espírito Santo encher os corações dos vossos fiéis e acender neles o fogo do vosso amor. Enviai o Vosso espírito e tudo nele será criado à face da terra...oremos oh Deus...

E-yé...

A-É a oração do Espírito Santo. Se não fosse o Espírito Santo nós não estávamos agora aqui a falar Nele. Isto é F-U-N-D-A-MENTAL a gente saber. O Espírito Santo.

Lz-Aqu parece a anunciação...

A-Tu estás cheia do Espírito Santo não estás?

Lz-Não.

A-Não?

Lz-Às vezes não.

(risos)

E-Estás cheia tás.

Lz-Às vezes...

A-Aqui é a descida do Espírito Santo sobre Nossa Senhora e os apóstolos...Bem...aqui não estão os apóstolos...

F-Pois não... estão os anjinhos.

A-Pronto. Estão os anjos.

E-Pois são os anjos.

Lz-E são bonitos.

J-A mim parece-me estar tudo muito bem. Mas hoje não consigo dizer nada.

L-Tá uma imagem bonita.

A-Isto é um mistério do terço. A descida do espírito Santo sobre a Nossa Senhora e os apóstolos.

C-É no quarto mistério ou é o quê?

A-É nos mistérios gloriosos. E é no terceiro.

L-Eu só fiz a primeira comunhão quando era garotita e fui descalça... não fiz mais nada...Nunca soube muito nada de Igreja nem de missas...nada... a primeira vez que fui à igreja foi quando me casei. É que fui para Lisboa e nunca mais me falaram de padres, nem de santos nem de nada eu era garota...

A-Então aqui temos tanto para aprender!

E-Agora o que não se aprendeu em nova aprende-se agora.

A-Pois! Tens de aprender até morrer!

E-Antigamente...

A-Aqui a dias não deu uma senhora com 90anos que foi para a escola aprender?! Ela andou na universidade...tirou um curso...e andou agora na universidade....como se diz...a universidade para pessoas mais velhas.

L-Olha aqui está um pé... dá-me a impressão...mas de quem? Não é da Nossa Senhora...isto vem daqui...

F-Mas isso não se vê. É o manto que faz isso...está a cobrir o pé.

A-Pés? Mas pés a onde?

F-Aqui....

A-Ah! Não não...isto aqui é a ornamentação do manto.

F-Pois é.

L-Isto aqui é mas e isto aqui??

E-É é a ornamentação do manto.

L-Isto aqui??

A-É. É a ornamentação do manto. Não são os pés. Os pés estão lá recolhidos.

F-Pois...estão lá atrás.

A-Agora isto aqui é do manto.

E-yé.

A-E isto aqui já é outro. Já pertence a este aqui.

E-yé yé...

A-É o de Jesus...Bom, não é Jesus. Este é um anjo.

L-Este aqui é um anjo mas este não sei. Este não tem asas.

F-Este tem aqui as asinhas porque está de lado. Ali tão mais. Mas estes têm as asas escondidas.

(J tosse e todos falam sobre o que ele tem. Falam de constipações, medicação e alimentação 2')

Inv-Então vamos olhar aqui para a imagem para nos distrairmos um bocadinho...

L-Oh filha eu não te sei explicar nada...

Inv-Então?

A-Então está aqui a Nossa Senhora...

L-Então está bem feitinha...Isso nem é preciso perguntar.

E-Está muito bonita! Até está ali um passarinho a vigiar a gente (risos) agora vi a sombra dele ali (risos)

L-Olha é a carinha deste anjo que aqui está...está bonita.

A-Estes anjos somos todos nós...

E-A carinha da Nossa Senhora está trstinha.

L-E este anjo está assim...assim viradinho de costas...

A-Está trstinha porquê

E-Ela está trstinha...porque a gente não estamos à vontade dela...

A-Olha....
E-Não estamos a fazer o que ela quer.
A-Acha?! Unhm...
E-Eu acho que sim...
A-Unhm...é a cara dela...
E-Porque a gente não cumpre o que ela manda, o que ela pediu...
A-Ai ai (suspiro)...
L-Pronto...
F-está a receber os concelhos deste aqui...
A-Este mundo está cada vez pior.... E já viram aqueles sapatos que estavam na França? E pah!
F-E do papa.
A-O papa também lá andou. Tanto sapato!
E-Credo Nossa Senhora!
A-Também tanto sapato! Agora o que é que fazem a tanto sapato? E tão lá novos.
E-E escritos. Com letras...
A-Isto hoje em dia...
E-O mundo está perdido...tá tudo perdido...
A-Olha este anjo...este vê-se a cara todo estes não se vê...
E-Olha vê-se mesmo que o coração dela está triste.
L-Tem as mãos cruzadas..
F-Isto é ela que está à espera do Espírito...
E-Vê-se nos olhinhos dela que ela está triste.
A-A Nossa Senhora está a mostrar o coração dela....
F-Está triste está.
A-Está...é o coração imaculado de Maria...
E-Ela está com as manzinhas dela assim a mostrar...
A-Porque ela está a receber o Espírito Santo e tem de estar...tem de estar...a gente também tem de estar assim..
Inv-Assim como? Triste?
A-Não. Assim triste não. Ela não está triste. Está assim..assim serena. Não estamos Ah Ah! Tão bonito! Não.... estamos assim... assim coiso...
L-E ele não está triste...
A-Não está no seu...
L-No tom natural.
A-Eu já vi uma cena assim no Espírito Santo e também estavam assim.
L-E este anjinho aqui está muito bonitinho. Os outros também...mas como este está assim de frente vê-se melhor...
A-Antes é que se faziam umas festas muito bonitas do Espírito Santo...
L-Está aqui até parece que tem óculos. Não parece?
F-Mas no Espírito Santo não havia isto...
A-No Canadá fazem-se mais coisas que cá. Nós conhecemos mais coisa de de de religião...tudo o que se possa fazer...há mais pessoas crismáticas, crismáticas... vão buscar mais coisas à superfície... eu desconhecia muitas coisas muitas coisas. Eu cá sou católica, e sempre fui, e eide continuar a ser, até morrer se Deus quiser...aa... eu não sabia metade das coisas, nem a bíblia, e eu andava muitas vezes na Igreja... e no entanto eu nem a bíblia sabia... aqui nunca me explicaram nada. Era só ir à missa rezar o terço e mais nada.
F-É...não se ensinava nada.
A-A união de Benjamina....eu andava lá sempre com o padre....mas nunca aprendemos lá muita coisa.

F-Era a doutrina e ir à missa...

A-Pois! Iamos ao terço e depois às orações. Lá também mas levávamos um ritmo...era uma coisa diferente.

E-Não aqui não explicavam grande coisa não.

A-Pois! Mas a gente lá não. As pessoas explicavam as coisas. Faziam muitas coisas...

(Interrupção da conversa devido à tosse de J. 3')

L-Olha menina, está aqui uma pintura muito bem confeccionada! Tem aqui uns tecidos estampados bem bonitos...

A-Quer comprar o manto?

(risos)

E-São bons para meter pelas costas.

F-Tem aqui muitos pormenores...

A-Este é um e aqui é outro.

L-E Jesus é grenázinho com uma flores mas diferentes. E Nossa Senhora é diferente... tem uns desenhos muito bonitos. Estes desenhos têm nome! Mas eu é que não sei...têm nome porque têm muitos vários modelos..

A-Isto faz lembrar uma música do glória...gloria in excelsis deo...estão aqui os anjos com a música...

E-Isto era quando cantávamos o gló-o-o-o-o-ria in excelsis de-e-o. Isso era quando era garota (risos)

L-É isto aqui que parece um cachecol... é a música...

E-Abria-se um painel e nós cantávamos: Glóoooooooooria in excelsis deo...

F-Todos vestidinhos de anjos...

E-E depois não nos podíamos mexer mais...tinhamos de ficar muito quietinhas. Isso lembro-me (risos)

L-Eu nunca fiz isso...

C-Eu estava uma mpilha de nervos quando fui fazer de anjo.

E-Não nos podia dar o sono lá em cima (risos) senão caíamos...

F-Eu, a minha irmã e as minhas primas fomos sempre fazer de anjo...até o fato nos servir.

A-Eu também fui! Eu e a minha irmã mais nova.

(Risos)

F-foi no tempo da Don Joana..

A-E também foi no tempo da Miquelina...

E-E na altura comíamos uma fatia de pão com uma sardinha frita (risos)

A-E também parece-me que ainda foi do tempo da Sr. Ermelinda...

E-E com a Ti Maria de Sousa...

L-Eu não fiz nada disso...coitada de mim...com 9 anos já andava a acartar água num cântaro à cabeça... e uma vez escorreguei fui parar ao fim da rua no meio do lodo..

A-Depois mudaram lá o painel e ai deixei de ir.

E-Aquilo era perigoso...

A-Eu tive lá sempre bem nunca adormeci nunca nada...quê é que aquilo era realmente um pouco perigoso... Tive pena quando deixei de ir... Olha pronto já não vou mais para o trono...já não havia mais...

E-Este é que é um quadro bonito para abençoar aqui a gente.

L-É bonito é. Este é bonito para pôr num quarto....

E-É bonito aqui para abençoar a gente.

L-E para pôr num quarto em cima de uma mesa... Para mim fica melhor num quarto...

Lz-É bom para eu bordar estes.

A-Para bordares?

F-Levava muito trabalho...

E-Ela é boa para bordar. Ela já fez um quadro bordado da Nossa Senhora.
A-É lá....Para bordar?? Para bordar isto tudo....Eiiia....não é fácil.
Inv-E esta pintura...acham que foi difícil de pintar?
F-Também.
L-Foi difícil foi. Porque isto...
E-Não é fácil não...
A-Bom...para quem sabe...
E-Mas não é fácil assim tudo certinho...
L-Até te digo ainda deu mais trabalho isto que deu os outros. Aqueles que nós vimos a semana passada.
Inv-Então?
L-Deu. Deu mais trabalho.
E-Tem tem...
L-Olha aqui...fazer as flores...é uma...não são todas iguais...estas são um modelo estas já são outro. Se olharem bem para elas são todas diferentes
E-Este trás um encosto aqui...
F-E até aqui as flores dos anjinhos são diferentes.
L-Pois! Aqui são mais ou menos...mais ou menos uma como a outra.
A-Não...mas isto para ser pintado tem de ter...uma fotografia...tem de ter primeiro...quer dizer não pode ser pintado aqui assim e depois assim...
L-É que se nós olharmos aqui esta carinha está muito bonita e vê-se que aqui são pássaros que estão pousados... vê-se o biquinho deles todos... Tá perfeito tão perfeito que parecem pombos que tão ali todos alinhados uns até aqui outros ali.
A-Isto aqui já foi desenho...
L-O que é é que a gente olha de repente e parece que está tudo cheio de pombos.
F-Não...eu não concordo...
L-Olha que são pombos vejo eu.
A-Vês o quê?
L-Pombos! Têm cabeça, têm bico, têm tudo...até os olhos se veem.
A-Ah! Não não...Isto é relevo...
F-Ai é o efeito...
A-É o relevo da da coisa...disto...Pronto...não não...isto não foi desenhado só pela...assim...isto não é fácil...vamos lá se isto fosse uma caricatura assim uma pessoa a desenhar pode desenhar uma pessoa e dar um relevo...dar um bocadinho de de...assim mas isto não...isto não...é diferente...
E-Mas isto está bem feito.
A-Tá tá mas ninguém vai desenhar esta cara assim. Isto tem de ser uma cópia.
F-Está muito perfeito... Vê-se as barbinhas aqui do senhor.
A-Pintado...isto pode ser pintado mas...o desenho teve de ser tirado de algum lado.
E-Foi feito por um artista bem.
L-Pois! É o que eu estou a dizer.
E-É um bom artista.
L-Esta pintura que aqui está, para mim...para mim é superior àqueles desenhos que se viram a semana passada, além de terem muita coisa...
A-Mas a semana passada foi mesmo... pintado...as pessoas...notava-se pintado.
L-Pois estavam muito bonitos muito bonitos...
F-Os outros via-se que eram desenho e este aqui está mais perfeitinho.
A-Porque as caras não tinham esta luminosidade...não tinham aparência daquilo que fosse não é? Era assim uma cara...Agora esta não. São caras...não pode ser uma cara minha ou de outra...Tem de haver esta cara assim...

E-foi feito por quem sabia.

A-Isto deve ser uma fotocópia. Uma fotocópia e depois pintaram...

Inv- Não...o pintor fez o desenho e pintou na madeira...na altura não havia fotocopiadora...

A-Não? Foi uma pintura assim?

E-Foi o artista que fez tudo assim...

A-Unhm... é preciso ser muito especial.

E-Pois é...

L-Para quem sabe isto é fácil. Agora eu sou uma analfabeta mas foi preciso ter...isto tem muito mais trabalho que aqueles que vimos das outras vezes além de ter bons...muitos desenhos, muita coisa...mas este está mais...está mais em conta...assim a ver. É só o que te sei dizer minha menina.

C-Isto é de quando?

Inv-Esta pintura é de cerca de 1420..

A-Éiia...

L-Olha na altura havia grandes pintores...melhores que agora...

E-A outra era de quê?

Lz-De 1884.

E-É muito antiga.

Inv-Exatamente. 1884 Lz.

L-E na altura havia grandes artistas na construção... Grandes construções de antigamente que a gente vê. Olha o mosteiro da Batalha, o mosteiro de Alcobaça, o convento de Cristo...coisas ricas que a gente vê. E pensamos: "Para que é que fizeram isto?"...mas são bem bonitos...

A-E esta cara? Como é que fizeram isto?

F-E as mãos. Estão aqui tão perfeitinhas assim...

A-Quem me dera ter aquela cara...É preciso ser muito...muito artista muito artista.

E-Sabia bem. Quem pintou sabia bem...

L-É que isto que aqui está é da mesma massa...do mesmo tecido que é isto. O que é é que, isto da maneira que aqui está a gente olha e parece que isto está cheio de pássaros...pombos.

E-Pássaros não. Isto são torcidas. Isto são coisas torcidas.

L-Pois eu prefiro ver que são pássaros. Se olharem bem para eles dá para ver que tem olhos e tem bicos..

E-Nã tem pássaros não. É torcidos assim...

F-São os efeitos torcidos são...

A-Issso é o relevo...é o relevo do coiso... este também...o que é é que este é de outro género.

E-Pois! Esse é um torcido mais simples e este é de outro...Este parece como que bordado e este é assim...torcido só...faz uns favozinhos. É bonito.

L-É bonito é...

A-Até os olhos...é mesmo mesmo...muito bem feito. É o olhar...

C-Estas flores aqui...eu não as pintava bem...

(risos)

E-Nem eu...nem eu...eu não era capaz.

A-Também não...

E-Eu não tinha olhos para pintar...

(risos)

L-Estas aqui...têm duas petalazinhas...

E-eu não era capaz...não era capaz em nada.. ai ai...

C-Nem eu!

A-O que é que acham que foi mais difícil de pintar?

E-Foi tudo difícil...Para mim é tudo difícil...

L-Há sempre um pormenor que é mais difícil...para mim é este manto aqui da santa.

A-Para mim é fazer as caras como elas estão.

E-Porquê?

A-Porquê? Eu gostava de fazer assim umas caras como elas têm. E fazia uma caricatura qualquer...

E-Tirou-lhe bem o retrato..

A-É que agora esta expressão tão bem...

E-Parece que foi uma fotografia tirada.

A-É uma expressão que me alegra. O artista foi muito habilidoso...

F-Fez isto muito bem fez...

C-E aqui o dourado...

L-As cores estão todas bonitas.... Não se pode dizer que esta é mais que aquela.

A-Estão todas muito bem tanto uma como a outra...combinam muito bem umas com as outras.

L-Nós olhamos para este estilo e isto tem é muito trabalho. Mas para mim, o mais trabalhoso, é este...

E-Estas flores não eras tu capaz de as fazeres.

(risos)

L-Não...

A-Então também não aprendemos para isto! Não aprendemos para isso...

E-Ninguém que aqui está era capaz de o fazer.

A-Que aqui está....se nós fossemos capazes de fazer isto então...então éramos artistas.

Inv-Fazíamos logo uma exposição num museu.

(risos)

E-yé!

A-Oh oh! Não estávamos aqui não. Se fossemos capazes de fazer isso oh oh...

E-Não estávamos não...

L-Iamos para um convento.

A-Para um convento??

L-Fazíamos pinturas para um convento.... Olha, esta parte aqui era boa para uma igreja... Para uma capela pronto, como nós temos aqui em cima. Esta parte aqui do arco...lembra a nossa igreja...quando vamos ali ao Reguengo...também tem um arco assim de cada lado. Tem assim estas abobadas ou lá como isto se chama..

A-E esta perfeição de carinhas...

F-E as mãos...

A-Não...está muito bem está muito bem.... Como é que se chama o artista? Como é que se chama?

Inv-O artista chama-se Gentile da Fabriano.

A-Fabriano? Já morreu à quantos anos?

(risos)

E-Muitos...

F-Tem mais caras aqui...

Inv-E esta pintura era bonita para termos aqui?

E-Era.

L-Era. Então não era bonita?

E-Era...para abençoar aqui a gente.

L-Para mim, para mim, esta foi a melhor de todas.

E-Para mim é a melhor...yé.

A-Não. Cada uma também tem o seu género...

L-Mas para mim, todas são bonitas mas, para mim é esta.

E-Esta mete mais o coração à gente.
Inv-Então, que sentimentos é que esta vos transmite?
L-Sinto que me chama....
E-Sentimos que estamos ao pé de Jesus..
A-Mas nós estamos sempre ao pé de Jesus.
E-Pois estamos mas aqui a gente está a sentir mais. A gente...eu sinto que estou com Ele e com Nossa Senhora. Mas assim eu estou a Velo.
A-Nós podemos não o ver mas estar a sentir.
E-Pois não...não é preciso estar a ver para estar a sentir...
L-Pois...mas pronto, eu para mim...
F-Umas vezes parece que está contente outras parece triste..
L-É que quando vimos uma imagem assim nós pensamos: “Que Deus me dê saúde, que Deus me valha” e conforme nós nos dirigimos, Ele também muda o olhar..
F-É que dá a impressão...umas vezes está a sorrir e outras não. Por vezes parece que a Nossa Senhora tem uma lagrimazinha.
L-É mas nem todos os dias tu vêes isso...
C-Pois! Não é sempre.
L-Não...nem sempre.
C-Eu também já tenho reparado.
A-Por vezes vê-se os dentes outras não.
E-Yé. Ficamos a olhar e parece que ela tem um lágrima.
L-Mas todos os dias não. E se olharem para ela quando ela tem essa lágrima ela até está diferente.
A-Sabem quando é que eu reparei isso também? Foi quando foi os votos a favor dos abortos...
L-E quando aparece a imagem dessa maneira eu até tenho vontade de chorar. E tenho de chorar...
Inv-Mas essa imagem que estão a falar é qual?
L-Da Nossa Senhora de Fátima.
E-A da capelinha.
L-A lá de cima de Fátima.
Inv-Ah! Então veem isso na televisão.
L-Sim sim sim.
E-yé! Parece que está com uma lágrima no olho mas não é sempre...
L-Ela quando está alegre parece que a gente também está. Tem outros dias que a gente olha para ela e tem uma cara triste e vê-se uma lagrimazinha no olho e os dentes não se veem. Quando ela está assim mais alegre a gente vê a boquinha assim.
E-É conforme a posição...
L-Seja qual for a posição. Quando a gente a vê assim...Nem todos os dias eu vejo a cara da Nossa Senhora mas sei bem quando ela está triste.
F-É da posição que a estão a filmar...
Inv- Conforme o nosso estado de espírito vimos a imagem da Nossa Senhora diferente?
L-É isso mesmo. Quando a gente vai ouvir o terço e está assim alegre e satisfeita...
C-Não é sempre..
L-Pois! Não é sempre não...
C-Por vezes nem parece a mesma santa.
E-É conforme a posição...
L-Não é bem conforme posição.
E-É a posição é. Nunca mostram sempre do mesmo lado. Mostram de um lado e depois mostram doutro...

C-Mas às vezes é sempre do mesmo lado.

L-Olha eu já dei o meu parecer...Já não tenho mais para dar...

A-O que é que você queria? Queria uma carinha assim? Eu queria!

L-Com a idade que tens querias uma carinha assim?

A-Ya! Porque é que a gente não ade pedir. Porquê? Podemos não ter mas pelo menos pedimos...É uma carinha tão bonita.

E-Vamos ter uma carinha assim quando morrer.

(risos)

A-A gente não morre.

C-Esta está aqui toda pintadinha na cara. Parece a minha colega de quarto. Ontem andava a esfregar creme...esfrega-se toda...

A-É o creme...é o creme..

C-É caro. Diz ela (risos)

A-Há alguma coisa barata? Não há nada barato... e não tem título?

Inv-Tem...A coroação da Virgem.

A-Coroada rainha do céu e da terra... Quando subiu ao céu...Unhm...muito bem...

E-A final não é sobre o Espírito Santo.

(risos)

4ª Sessão (Dia 3 de Dezembro de 2015, 58 minutos)

L-É raio! Que granda cebola!

A-O que é isto? Umas beterrabas? Cabeça de nabo?

F-Unhm não...

L-Isto aqui são nabos.

E-São nabos penso eu.

A-Isto aqui são cenouras. Isto é nabo.

J-Parece camarão.

E-Não...isto é da cor deste não são cenouras não...As cenouras são de encarnado.

A-Pois está bem mas aqui o o o...

E-É um nabo sem cabeça aqui.

J-Parece cabeça de camarão.

L-Assim de repente parece mas não é.

F-Isto tem aqui barbas...

A-Então os nabos também têm barbas.

E-Isto são nabos são.

A-São tantos remendos tantos remendos sem ponto nenhum. O que é?

E-Como é que é?

A-É um rebum bum bum que tem tantos remendos tantos remendos mas não tem ponto nenhum?

L-Eu sei lá.

A-Não sabe? Não?

E-É um rebum bum bum...

A-Não sabem?! Ah! Esta gente! É a cebola. Isto é tão velho...

L-Unhm...Olha aqui isto não sei o que é.

F-Isto é nozes.

A-Isto aqui é nozes, aqui é alho.

E-Ai é alho é.

A-Aqui é pepino

F-Não parece...isto, isto, isto e isto é tudo o mesmo.

A-Isto é um alho e isto é noz.

E-Isto não parece noz. Não...

F-Não ai não é noz.

A-Aqui é cabeça de nabo agora este parece...não sei...parece uma cebola.

E-Mas visto uma noz a onde?

A-Então uma noz...uma noz está ali.

E-Isto é uma casca do alho.

A-Isto é alho, isto é noz e isto é cabeça de alho e ali é é é cabeça de nabo. Isto aqui estou na dúvida se é cabeça de nabo se é cenoura...

E-São nabos.

F-Isto aqui são nabos.

E-São nabos são. Então não vez ali a rama.

L-Se fosse cenoura não era assim.

E-As cenouras são encarnadas e isto não é encarnado.

F-Também parece ser rabanetes. São mais assim compridos...

A-E este é uma cebola também...não sei.

E-Os nabos não têm assim a cabeça.

J-Eu só vejo é nabos!

L-Olha aqui faz me lembrar peixe.

A-Parecem as coisas do polvo. Os tentáculos do polvo.
L-Quando a gente olha assim parece a boca de um peixe.
J-Parece-me mais camarão.
A-Onde foram buscar este peixe? Isto aqui também parece um nabo.
E-Este está aqui mais de lado.
L-E é igual.
F-Este aqui...
E-Isto é pintura da rama... é a rama.
Lz-Isto é cabeça de nabo.
A-Pois! Esse está à vista.
E-E este não tem cabeça.
A-E este aqui é uma cebola mas....
L-E isto parece...tem aqui grainhas.
A-O que é que tem grainha?
L-Isto. Estas coisas encarnadas.
A-Isto isto parece coisas de polvo parece olha....
E-As pernas do polvo. (risos)
L-Parecem mas não são.
J-É da sapateira.
A-Sim sim sim também...
E-Ela diz que são cenouras eu digo que são nabos aqui. Cresciam bem na serra... E nascem assim, quando não tinham grelo, nasciam assim com este espigão para baixo.
A-A rama não me parece de cenoura. A rama parece de outra coisa...
E-Não é de cenoura não.
A-Mas aqui devido à estreiteza dela parece-me de coisa...a cabeça de nabo é mais isto assim...
L-A cenoura também tem outra rama. É mas miudinha.
A-Pois, é mais miudinha.
F-Tem outra rama tem. Não é assim.
A-Isto parece mesmo mas...
L-Mas não tem essa parra. Isto cenouras não tem. O que eu estou aqui a ver é o que é que é isto encarnado aqui. Faz-me lembrar muita coisa...
A-Esta rama aqui não estou a perceber...
F-Vem deste aqui....
L-Isto assim de repente faz lembrar camarão. Parecem camarões. A mim parece-me por causa disto aqui encarnado.
E-Parece-te o quê?
L-Camarão.
E-Unhm não....
L-Sim. A gente também se olhar de repente parece a cabeça de um peixe.
A-Isto parece um pepino...mas também não é pepino
Lz-Isto aqui parece uma bacia.
L-O quê?
Lz-Isto aqui.
A-Como é que se chama aquele fruto tropical roxo?
(silencio)
L-Este são uma cabeça de nabo e aqui dentes de alho. Ali é um alho também. Um alho porro.
A-Alho porro?
L-Alho francês ou lá como se chama. E isto aqui também não consigo perceber...
E-Isto aqui também não parece ser um alho...

A-Não isso é um alho normal. Agora isto aqui é que....ai...eu não sei como é que se chama aquele fruto tropical roxo...Não é pepino é assim tipo pepino como é que é?...olha raio...
E-Isso é como a beterraba.
A-Não.
E-Curgete?
A-Não. Também não. A curgete é verde. Eu quero saber o que é roxo.
L-Olha isto aqui também é diferente tem aqui outro tipo de folha...
A-Isso parece este.
E-Isto vem daqui...
L-Olha! Agora é que eu tou arrumada! Não vejo nada.
E-Isto parece noz moscada.
A-A noz moscada? Mas a noz moscada não tem este ramo.
F-Pois não.
E-Mas a casca...
F-A casca parece.
L-A gente quando corta um alho fica assim.
A-Estes ramos não sei de onde é que vêm estes ramos.
F-Tambem não sei bem...
A-Parecem cogumeis. Ou não vos parecem cogumeis?
F-Não.
Inv-Cogumeis?
E-Cogumelos.
(risos)
A-É cogumelos ou cogumeis?
Inv-Cogumelos.
A-Cogumelos.
C-Este está a direito.
A-Em inglês é mushroom.
E-Mushroom.
A-Em francês é é é...
E-Em francês não sei.
A-É...olha, tinha de baixo da língua e agora já não sai.
F-Olha vê aqui...a bacia.
L-Pois pois eu consigo ver.
F-É uma bacia.
L-Isto aqui é que não estou capaz.
A-Isto aqui parece camarão. Mas não se vê a cabeça...
E-Não isto assim ficava mal feito (risos)
Lz-São cogumelos...
E-Se fosse camarão já estava feito... está cozido.
A-Mas não se vê a cabeça...
L-Não é camarão. Tem uma espécie de...tem uma coisa assim por baixo...
A-Pois parecem...
E-É o tortulho (risos)
L-Parecem as lagartas quando andam nas couves. Assim gordos e a gente só vê assim as perninhas...
E-Faz assim a rosca (risos)
A-Mas também camarão aqui junto com a fruta? Unhm...não...
Lz-Isto não é camarão. São cogumelos.
F-E isto aqui...

A-Isto aqui é rama é rama.
E-É um ervaçal...
A-Se calhar é rama disto.
L-Também agora não se percebe nada disto.
F-Isto aqui também é rama..
A-Oh rama o que linda rama...Oh rama da oliveira.... Anhm ninguém canta...
C-E o que é isto aqui?
A-Isto aqui é rama também.
C-Mas isto vem da'onde.
Lz-São cogumelos.
E-Que é isto J? Que é isto?
J-É camarão. Lagosta ou camarão.
(risos)
A-Agora é que isto está bonito...ai ai pois é.
E-Lagosta com cabeça de nabo deve ser bom deve. (risos)
A-A gente está aqui a falar de camarão e comida e ficamos já com fome.
(risos)
E-camarão com cebola...
A-Isto aqui também não sei o que é.
E-Não é nada...
L-Quem é que ade saber?
E-Ela sabe...
A-Olha aqui está uma flor. E aqui é igual.
E-É uma cabeleira...
A-Olha! Isto aqui é hortelã.
F-Não é nada. É erva cidreira.
A-Erva cidreira?
F-Parece erva cidreira.
A-Mas a erva cidreira é parecida com a hortelã.
E-Olha isto é no meu quintal (risos) parece o meu quintal.
A-É é um quintal mas assim mal feito...ou bem feito...
E-É um quintal das ortigas....das silvas.
F-Ali parece erva cidreira.
C-E este cantinho aqui?
A-Esta está cortada. Mas depois vem aqui outra rama...deve ser a rama que se cortou...
F-A rama que ali está não é desta.
A-Não.
F-Ou talvez seja...
A-Está mais discreta... Muito conhecida está esta. Esta e esta pronto. Esta também. Agora o resto..
F-Até esta cebola.
A-Eu penso que será uma cebola. A cebola e o alho. A cebola quer alho (risos)
E-É o seu melhor tempero.
A-Se a cebola quer alho portanto...
E-É o bacalhau...
A-O Bacalhau...olha pois é...
(risos)
E-O bacalhau quer alho.
A-Pois é...já estava a confundir com a cebola. Bom...aqui lá por ter a barba tanto a cebola tem barba como o alho tem barba como a cabeça de nabo tem barba.

E-Mas aqui só se for uma cabeça de alho muito grande.
A-Pois...
E-Pode ser...
A-Mas aqui é só de um dente.
L-Eu acho que é cebola...
A-Eu acho que é cebola...acho mesmo que seja uma cebola.
L-Um alho é aqui em baixo.
F-Alho é isto aqui.
A-Tem uns dentes enormes. E aqui tem a barba.
F-Tem aqui uma casca..
A-Isto aqui é noz.
E-Tem aqui a casca da noz.
A-Pois mas não é ai é aqui. Agora isto...isto aqui também não sei.
L-Isto aqui são lagartas criadas...
E-É o tortulho!
L-Elas vão aqui a andar a andar a andar... andam à procura das couves...
A-Isto também deve ser da noz...
F-Na! Toda a vida tive nozes e não é nada assim.
A-Qual é a ramagem da noz? É uma folha só...
F-Não é assim.
L-A noqueira não tem folha...
E-Não tem folha??
L-Dá uma folha com a noz...
A-É morango?
E-Não. Nem perto.
A-Também não tem morangos. As folhas não são assim.
Lz-Aqui não estão morangos.
A-Pronto...aqui tem uma folha. É escura. Será hortelã?
E-São as silvas.
(risos)
A-Não aqui não. Aqui não há silvas...
F-É erva cidreira...
A-Está ali um ramo...se calhar deve ser erva cidreira ou hortelã não sei.
E-É é...é as silva que estão a crescer para cima.
F-E aqui estão outras...
L-Eu já disse o que tinha a dizer.
F-Isto aqui o que é?
A-Isto? Ah pois...isso gostava eu de saber. A cabeça não se vê.
L-Pois ai...aqui é uma bandeja ou uma bacia
A-A cabeça não se vê do peixe. Ou do camarão.
L-É redonda..Vê-se que é coisa redonda.
E-O tacho ou a panela não é?
Lz-Aqui são cogumelos.
A-É camarão?
Lz-Cogumelos.
F-Unhm não...
A-Cogumelos? O quê? Isto?
L-Os cogumelos são redondos não são compridos.
Lz-É. São cogumelos.
E-Então parece os bichinhos aqui com os pezinhos por baixo.

L-É as lagartas. As lagartixas que andam por ai. Elas vão a andar e é só coiso...Vão todas encolhidas.

F-Lagartas não. As lagartas ficam aqui mal.

L-Olha! Então e não há?

F-Mas isto não me parecem lagartas. Não são desta cor....

Lz-Lagartas não são.

C-Se fosse peixe era um Graz.

L-Pois a gente olha e parece um peixe que aqui está.

Lz-São cogumelos. Cogumelos.

A-Um Graz é um peixe mais cor de rosa.

F-Pois é mais rosadinho.

E-Pois...não, não é.

L-A gente olha daqui assim de longe e isto aqui parece mesmo um peixe com a boca grande.

E-Pois não sei...

L-Unhm? Assim se a gente olhar de longe parece um peixe.

E-isto parece que fura.

A-Isso é como a centopeia....

E-E isto come...

A-O quê? O camarão?

E-Isto é lá um camarão. Isto não é um camarão aqui.

A-Então o que é?

E-Olha lá bem para a barriguinha dela.

Lz-São cogumelos.

L-Perece-me mais uma lagarta que outra coisa.

A-Uma lagarta?

L-Para mim é uma lagarta mesmo. A gente não as vê andar...às vezes vão ali assim...

C-Então mas encarnada?

F-Encarnada não acredito....

L-Tá encarnada porque...(risos) tá encarnada que andava com o período.
(risos)

E-Apanhou sol. Muito sol. (risos) encarnada...

L-Olha...uma pessoa não sabe nada do que está a dizer olha.

E-Isto são os nabos ali do quintal.
(risos)

F-Bem bons que estavam o que comemos hoje.

L-O que é que comemos hoje ao almoço?

E-Eu não comi. Hoje eu comi cozido (risos)

F-A gente comeu migas. E o salmão estava bem bom.

A-Eu não. O peixe que eu comi não era salmão, era do outro mas estava um pouco cru. A parte do rabo era grossa...

F-Olha o salmão estava muito bom.

A-Pois. Eu gosto muito de salmão mas por vezes fica muito seco....depois pedi um bocadinho do meu marido...

F-Mas hoje estava muito bom. Estava tenrinho...

A-Pois eu depois provei do meu marido e estava bom.

E-E eu todos os dias tomo salmão. Que é aquela capsulazinha que trouxe d'América. Dizem que faz muito bem o salmão. É bom para a minha cabeça.

L-Olha, não te safas aqui hoje.

A-Não. Mas isto o que é isto? É um corno de um diabo ou é o quê?

Lz-Isto é um cogumelo.

A-Isto?...unhm não...isto parece um pepino.
E-Na na isso não é nenhum pepino.
A-Então mas também é tão bicudo.
C-O pepino é mais direito.
A-Às vezes...
(risos)
A-Às vezes é assim...
F-São assim tortos...
A-Isto não sei...
F-Isto vem aqui.
A-Este também tem aqui raiz...
L-Isto tem aqui uma casca
E-mas isto não tem nada a ver com isto.
A-Isto isto...
E-Isto é disto.
A-Mas parece que vem daqui.
Lz-Isto são cogumelos.
L-Vem aqui isto mas não dá para perceber. Parece tem assim dois dedos.
A-Olha não sei. Não sei o que é isto
L-Está para aqui meio perdido..
A-Não sei descobrir isto não sei.
F-Está difícil....
A-Isto é uma cebola.
Lz-E isto são cogumelos. Ai. Tem aqui isto a vir para aqui.
A-Tem aqui um canal.... Cogumelos?!
E-Nao não..
F-O quê? Cogumelos?....
L-Não...o cogumelo é redondo. Não é sobre comprido.
F-E não são desta cor.
E-não são assim não.
A-O cogumelo é redondo.
F-E não são encarnados.
A-Pois não. Se for encarnado é porque estão estragados.
L-Para mim é lagarta.
E-Não prestam.
A-Lagartas? As lagartas também não são assim.
E-As lagartas andam a roer.
C-Se tivesse uma rama aqui podia ser uma cenoura.
A-Uma cenoura?
E-Não. Não é uma cenoura. Não tem nada de cenoura. Não tem o talo aqui assim por baixo.
C-Isto tem mais cara de ser nabos.
E-São nabos daqueles de espigões.
C-Mas isto não tem nada a ver...
E-Ou nabo ou nabiça.
A-Issso é tudo da mesma família o nabo ou a nabiça (risos)
E-yé é tudo o mesmo. E ela está a rir-se sabe bem que estamos a dizer asneiredos.
L-Olha para mim é lagartas.
Lz-São cogumelos.
A-É um lagarto pintado.
L-Olha, o que está, está bem pintado a gente é que não chega lá.

A-Ah! Está bem pintado o que é que pintaram preto de mais.
E-Está um bocado escuro está. Essa rama verde mal se nota.
A-Se calhar pintaram de noite. Se calhar fizeram o trabalho de noite. A coisa está bem feita pelo menos...
E-Só o chão de preto é que não.
A-Está muito preto...Foi de noite com certeza.
L-Esta aqui dá-me ideia que são aquelas lagartas que vão para as hortas e comem tudo.
E-Tem as perninhas por baixo.
L-Pois tem. Andam sempre assim vão sempre a andar assim devagarinho.
F-Mas isto aqui....A Lz é capaz de ter razão....é capaz de ter razão.
A-Pois ele por baixo tem aqui isto mas...esta coisinha...
E-A perninhas...
A-Mas também não me parece....pintaram isto não sei bem como é que é...O camarão também tem as coisinhas por baixo.
Lz-Não. Isto são cogumelos. Não é nada peixe.
A-Não é nada peixe...
E-Não não tem nada de peixe.
F-É só horta.
E-É só horta. Nem carne se quer. Não é nada peixe, nem bacalhau, nem carne nem nada. São vegetais.
L-E agora aqui..
A-Isto é tudo vegetariano....
L-Agora a olhar dá a impressão que isto vem disto.
F-Dá não dá?
L-Pois é o pé....isto vem daqui ali para debaixo.
F-É não é?
L-Para mim é o pé disto.
A-Quem é que tem pé?
L-Por isso é que ela disse que era um cogumelo.
A-Onde?
F-Aqui.
A-Isto aqui parece que foi um alho porro que foi cortado.
F-não. Olha aqui como aqui vai.
A-É a cabeça do alho....
F-Não. Então isto não é a cabeça. Isto é o pé. Eu parece-me que ela tem razão.
A-É um pé?! Ah! Pois tem.
F-Ah! Tem tem.
A-Olha pois se calhar tem! Mas parece que tem aqui encarnado...
F-Acertou a Lz. Ele tem razão.
A-Olha! O que queres? Vê lá se descobres o que é isto.
L-Vê se descobres.
An-São cogumelos.
Lz-Yé! (Palmas)
(risos)
A-Oh Lz estás de parabéns! Já viste? Ele disse logo que eram cogumelos.
(risos)
F-Tem razão tem sim senhora.
A-Tem razão sim.
L-Pois assim ao longe vê-se melhor. Esta parte assim. Eu ainda não tinha apreciado bem isto aqui.

A-E isto aqui? O que tem mais então?

An-Isso é uma botija de gás.

(risos)

E-É lá! É um nabo.

A-Então isto aqui parece um nabo.

E-É cabeça de nabo.

F-isto aqui é que eu não sei.

L-Pois...também não estou a ver bem que seja. Pela cor parece aqui noz e aqui estes frutos não tenho a certeza.

C-Estes frutos podem ser castanhas.

A-Realmente isto aqui parece... E isto está mesmo a ver aqui o pé....são mesmo dois cogumelos...mas isto engana bem...

E-Pois! Agora também já vi que são cogumelos yé (risos)

A-Esta cor é que...

E-Pois mas este é o pé deste é.

F-E aquelas coisitas são as risquinhas dele.

E-yé! É aquilo que vimos por baixo.

A-Pois. Estás de parabéns.

E-A Lz é que adivinhou.

F-E isto será um alho?

Lz-Isto aqui é um alho.

A-Olha isto aqui também não sei...

E-Isso se calhar cá também não há.

C-Será um fruto?

A-Pois...não sei.

C-Também não tem rama.

A-Pois com rama...não sei...

E-Parecia-me a noz moscada mas...

L-Olha a olhar assim de repente parece um morango que ai está.

Lz-Não é um morango...

A-Não isso não tem rama...

E-Não não não....morango não é...

F-De morango não tem lá nada.

(em silencio observam a imagem)

F-isto dá a impressão que é erva cidreira.

A-Pois...parece....

F-E aqui parece os ouriços das castanhas.

A-Não consigo descobrir. Aqui uvas não são.

E-Não não.

(silencio)

A-Eu tou a pensar que rama...qual é o fruto que tem esta rama...não consigo descobrir...

F-Qual rama?

A-Esta.

F-Ah!...Não sei.

C-Embora a cabeça pareça de morango.

F-A rama da cenoura é mais assim...

A-Isto não será uma castanha? Mas a castanha também não é assim. A castanha é éé...parece um um...a castanha vem dum ouriço mas não é nada assim.

F-Parece rama de cenoura mas não é. A rama não é assim.

A-Esta rama parece-me que vem aqui desta cabeça de nabo...mas não é.

F-Não.
A-Este pau parece.
F-Isto é a raiz.
A-É a raiz da cabeça de nabo. Agora esta aqui não sei....
C-Este aqui também é uma rama que vem daqui.
F-Esta rama foi aqui cortada e é esta rama que aqui está.
A-Pois foi cortada e talvez seja esta daqui.
F-É esta é.
A-Esta verde.
F-É é. É daqui.
A-Esta é mais parecida com este. Este já não tem.
E-Este foi cortado mais rente.
A-Pois foi, pois foi. Por isso é que a gente está na dúvida. Ele diz que é uma botija de gás.
L-Pois se cortarmos assim fica diferente. Olha já não sabemos o que dizer...
E-São os nabos ali do quintal.
A-E aqui castanhas?
E-Não.
L-A castanha não é assim.
A-São os ouriços. Os ouriços já são assim.
L-Pois...Parecem os ouriços que estão lá pendurados.
A-Isto é uma flor não é uma planta não é?
E-Parece.
A-É uma flor de qualquer coisa.
F-É o ouriço das castanhas.
A-Se calhar. Se calhar é. É É..
E-O ouriço...
A-O ouriço das castanhas. Ai é é.
F-Pois é.
A-Se isto aqui são frutos...é o que parece...é o que tem mais direito é...
F-É não é Lz?
Lz-É.
A-É não é? Pronto, é o ouriço das castanhas.
(risos)
E-Mas isto castanhas não são. Isto não é uma castanha.
A-Não aqui não. Antes de ser castanha está dentro do ouriço. O ouriço cai e depois....
E-Havia tantos lá na América...tantos castanheiros...Quê é que são mais miúdas as castanhas.
A-Eeee! E picam muito!
E-Agora castanhas quentinhas daquelas que aparecem na televisão assim coradinhas....aquilo é que sabe tão bem ahh...
A-Dizem que este ano as castanhas também são mais miúdas e fraquinhas.
E-As castanhas que comemos eram boas. Aquela qualidade de castanha era boa.
A-não mas os produtores este ano dizem que...
E-Miúda é na América. Na América é que são miúdas.
A-Dizem que a castanha é mais miúda devido às condições atmosféricas.
E-Mas havia muita...havia muita.
(silencio)
Inv-Então e este quadro seria bom para termos aqui a enfeitar?
L-Para por na minha cozinha.
A-Para por numa cozinha sim.

L-Na cozinha ficava lindo. Na cozinha...
E-Na nossa cozinha?
L-Unhm sim pois...unhm numa cozinha. Agora é que se vê bem isto.
E-Nós agora não temos cozinha não temos nada!
A-Mas temos cuzinho.
(risos)
L-Temos cuzinho?!
E-Nem isso (risos)
A-Então não temos cuzinho. Ora essa...
(risos)
L-Isto é um boom.
A-É um boom.
E-É um cuzinho.
L-Eu bem te digo que tu não te safas aqui. E ainda não sabemos o que isto parece. Ainda falta dar uma criação a isto aqui.
A-O quê?
L-A isto aqui.
A-Ah! O rabanete..o coiso...o rabanete.
L-Não o que esta aqui por cima...
Lz-Isto...
F-O que é Lz?
A-É um cornito aqui.
Lz-Isto é um rabanete.
E-Um rabanete?
A-Unhm...um rabanete não. Isto parece metade de um...
L-Isto está esquisito parece sei lá...
A-Só me faz lembrar o fruto roxo. É beringela não? Não sei é outro...
E-A beringela não parece...cai para o lado.
A-A beringela é verde.
E-Não a beringela não.
F-É roxa.
A-Ah pois é! É isso. Parece uma beringela.
E-Verde é o curgete.
A-Pois...beringela curgete.
F-A beringela é uma coisa a curgete é outra.
L-A beringela é roxa.
A-É este!
L-Ah! Esta parte?
F-Mas não é assim.
L-Esta está muito direita.
A-Também há tortas.
L-Também há tortas.
F-São assim mais arredondadas.
A-Isto assim mais arredondadas são as curgetes.
F-Não.
A-Ai! Já estou enganada. Não. Aquilo que é assim e tem forma de coração...
L-Pimento?
A-Não.
A-Pode ser é uma coisa de de...ai como se chama...malagueta.
E-Não... isso parece um cornito..

A-Pois isso.

E-Não...mas isso é em verde...

A-Também há amarelo.

F-Há em amarelo e em encarnado.

E-tá meio amarelo. É um corno...um corno da malagueta (risos)

L-Pois não sei.

E-Pimento não.

A-Este e este o que é?

F-Deixa lá ver.

E-Tenho lá três pimentas em casa. Fui eu mais o meu genro. Mudámos para outros vasos e ficaram com flor e um biquinho (risos) bem bonito. Mas é picante. E é portuguesa. Aquilo é portuguesa.

A-Isto morangos não.

E-não morangos não tem nada aí. Nada.

Lz-Morangos não.

(silencio)

C-Não sei.

A-Não sabe? Olha, esta gente está toda reprovada.

Inv-Então...e se eu vos puser assim a imagem?

A-O quê?

E-Está a perguntar se puser assim a imagem.

A-Assim parece um ramo de flores. Então não parece?

L-Parece que tem um chapéu na cabeça, as bochechas, o nariz ao meio...

F-Parece uma pessoa parece.

L-Conhece-se bem uma pessoa.

E-Ah! Pois parece (risos)

L-E tem ali o chapéu preto.

E-Parece que tem os miolos a sair (risos) olha ali (risos)

A-Parece...como se chama a canção...

L-É a bacia que faz de chapéu.

F-É um chapéu é.

L-E agora daquela agora vê-se...ora deixe-se estar assim...Aquela parte que nós antes estávamos a dizer que era assim e que era assado olha, é igual a esta. É as bochechas.

E-E aqui é a raiz do cabelo olha (risos) e com o chapéu ali. Parece mesmo um chapéu.

L-É mesmo! É mesmo um chapéu.

E-Yé! Agora é que eu estou mesmo a ver que é um chapéu.

A-Yé.

Inv-Agora é que eu vos tramei.

E-Yé.

L-Agora vê-se bem que é um chapéu.

F-E agora é que se vê que é um cogumelo ali.

E-Yé (risos) pois vê pois vê.

Lz-São dois cogumelos.

Inv-E então o que estarão a fazer aqui?

L-Tão a fazer de cara.

E-Estão dentro da panela.

L-Aquilo lá em cima são os olhos que se veem. Olha ali.

Inv-Onde? Aqui?

L-Issso mesmo. Sim senhor.

(risos)

L-Olha minha menina agora é que tu acertaste.
E-É um tacho de corpo feito.
(risos)
L-Mas é que está ali o chapéu tão bem feitinho que até parece...vê-se bem o que ali está.
Lz-Opá!
(risos)
E-É um tacho Lz... Olha como tá o tacho com as coisas lá dentro (risos)
Lz-Opá só tu...só tu..
(risos)
L-Isto é a barbicha do gajo.
(risos)
E-Pois vê-se logo.... São cabelos.
L-Não é gaja. (risos) Vê-se logo pela cara dele. Não tem cara de gaja. (risos) É de gajo. Vê-se logo pelo nariz e pelo chapéu dele.
E-Está tudo lá dentro do chapéu dele....do tacho.
(risos)
E-É só por a fazer.
L-Então já viram bem parece um homem!
E-Não... (risos) Isso é uma tachada que aqui está dentro. (risos)
L-É uma tachada é....
E-Yé yé... Então não é um tacho que está aqui?
L-Um tacho?
E-Yé. O que está preto é tacho.
L-Pois. Tanto tá tacho como está chapéu. Isto parece mais um chapéu que tacho.
Inv-Agora não é?
L-Pois. Isto aqui são os lábios e estão assim...
E-Lábios aqui?
L-Pois sim estes dois aqui. Estão assim meio encarnados.
E-Lábios?
L-Sim. Então a gente não tem dois lábios?
(risos)
E-Então e estão assim de lado?
L-Isto é o coiso...olha no outro dia andei com a minha boca assim....vocês...assim toda inchada...
A-Devia ter uma paralisia facial...
E-Aqui nota-se alguma coisa...ficou dormente...
A-Isto tanto parece legumes como parece um tacho uma pessoa eia...
E-Isto é um tacho.
F-Isto parece um boneco...
L-Olha eu agora desculpe mas tenho de ir para a mascara. Olhem, vocês batizem ai o homem que é um homem que ai está.
(risos)
E-Tá dentro do tacho e tudo.
L-Tá dentro do tacho....parece um chapéu que ai está e isto os olhos...
A-Os olhos?
F-Que grande caldeirada...
A-Então e isto aqui o que parece?
L-Então, é o nariz.
A-O nariz?
E-É o nariz de lado.

A-Ah! Porque ela está a ver a face daqui.

E-Tem o nariz de lado.

C-mas aqui tem uma raiz enorme.

A-Pois tem... tem uma raiz (risos)

L-Então e não há homens que têm o nariz assim grande?

(risos)

A-parece uma pi...

(Risos)

F-Pois parece..

A-Ai que caraças (risos)

E-Isto parece aqui caracóis... esta aqui (risos) Tem a boca aqui de lado...

A-Porque ela está a ver a face só assim....Pôs aqui o nariz e ali os olhos (risos) e aqui a gravata. (risos)

L-A barba.

A-Ai a barba. E ela aqui diz que são nabos... (risos) ai que gaita!

E-Vai vai lá.

A-Isto os lábios...

(silencio)

F-Na. Cara de homem não.

E-Dá para as duas coisas. Assim ou virada para baixo.

A-Eu não sei. Eu ainda não consegui descobrir bem bem bem a cara... (risos) O chapéu parece... A fruta do chapéu. E aqui assim assim como aqui também me parece um tacho de ferro ou ou capacete destes que andam nos furacões...

F-Os mineiros.

A-Pois. Os mineiros não é? Estes chapéus assim de ferro.

E-Yé.

A-Aqui esta parte de cima.

E-São os chapéus de ferro.

A-Pois. Mas para parecer um tacho é mais assim. Assim parece um tacho com as coisas todas lá dentro. Assim....ainda não vi bem a coisa...

Inv-Nem assim se eu mostrar mais de longe?

A-Unhm...não....

F-Também não...

C-Assim fica tudo de pernas para o ar.

(risos)

A-Como é que é aquela canção brasileira? Aquela que tem as rosas na cabeça?...Ai não me lembro... Também não me ajudam ai!

F-Não sei nada...

A-Isso era tão falado. Uma vez até ganhou um premio por essa cantiga que foi cantar. Há dias que me vem logo à ideia agora outros...

F-Olha este tem um tom de cara morena.

A-Onde? Daqui? Morena?

E-Isso é a orelha?

A-Não...

(risos)

C-A rama da cebola é que vem para aqui.

(risos)

E-Diz-se tanta asneira aqui. Diz-se tantas mentiras e tantas verdades...

Lz-Eu já disse que ali eram cogumelos.

A-Pois foi. Acertas-te logo. Foste tu e o meu marido. Caramba! Foi logo à primeira. Eu estava assim: “Mas este pé foi cortado...mas vem de onde?” e não dava com a coisa.

F-Pois a Lz tinha razão.

E-Pois. Eu não olhava para o pé só via esta coisa.

F-Pois eu olhava ali para aquele pezito mas...

A-A Lz tem olho tem. Tu és de Olhão.

E-Tens razão e és mais nova que a gente. Pronto (risos)

F-Mas vê melhor.

(silencio)

Inv-E esta pintura já é de 1587.

A-É mais fresca que a outra. A outra era de 1400 ou que é.

Inv-E foi pintado por Arcimboldo.

A-Arstimbulde?

Inv-Arcimboldo.

A-Ah!

F-Então mais alguma coisa?

A-Pois agora sim isto parece uma tigela que faz de chapéu...Faz se assim assim e assim e de facto parece um chapéu. Mas eu assim...não sei parece que não tou a ver bem a coisa.

F-É a cara de uma pessoa.

A-Pois mas não tou a ver...

E-Tem jeito de cara.

A-Pois sim...mas cara não tou bem a ver. Só se andasse mascarado.

C-Pois...

A-É muita fruta.

(risos)

E-São vegetais.

A-É muita fruta só para uma cara. Se fosse assim só assim isto e depois aqui assim um... Agora assim dá me a impressão que são uns cornos assim para baixo. Esta e aquela. Eu não sei não estou a ver...

F-Pois não se vê bem...uma cara assim?...

A-Se realmente virmos ao longe e a gente tiver a reparar nisso dá a ideia...da a ideia de cara mas forçada.

E-É uma cara torta.

A-Assim dá ideia mas... mas um nariz mal feito...assim pronto se não tivesse aquilo... o nariz mal feito (risos) pronto não tem narinas..

F-Pois não.

A-Aqui pronto...a orelha.

F-E os olhos? Onde estão?

A-Aqui é a face da cara...aqui os olhos...tortos também devia ter uma paralisia facial (risos)

E-Está muito torta.

A-Está a cair para um lado. Uns caiem para um lado outros para outro (risos) E isto aqui é a barba.

F-Mas a barba tão grossa...

A-Pois é pois é...Tem de a cortar.

Lz-Está estranho...

A-E aqui deve ser o cabelo. Mas aqui já está muito mal o cabelo.

(risos)

E-Na na na.

A-Não estou assim muito de acordo uma pessoa tem de estar a pensar muito para ver o rosto.

F-Aqui tem um arco...

A-Isto faz mais sentido isto fazer de conta que é uma fruteira mas só que com legumes pronto.

E-São vegetais.

A-E estão assim mais a modos que...Pronto assim fica bem para meter numa cozinha. Deixa cá ver....Quem é que descobre mais...Vá quem é que descobre mais?

F-Nabos e cebolas...

(silencio)

Inv-Então assim está bem pintado. Assim já não está tão bom. É?

F-É.

A-É que eu assim não não...não vejo...não estou muito de acordo...Agora assim está bem. Assim está bem pintado.

F-Pois assim está.

A-Assim está uma coisa composta...pronto. De frutas ou legumes.

E-É mais de legumes.

A-Pois...assim numa tigela, ou uma coisa qualquer. Que se faz assim um arranjo de frutas pronto. Em vez de ser uma fruteira é de de...de legumes pronto, assim destas coisas. Assim numa cozinha faz jeito. Não faz?

(silencio)

A-O que é é que tem aqui muitas coisas..

E-E está muito escuro.

A-É que isto pode ser uma castanha ou um castanheiro.

E-Eu acho que já comi estas coisas assim...Tirava-se a casca...Mas trouxe de França...

F-Disto?

E-Sim isso. Trouxe de França. Diz-se que é bom para os diabetes. Aquilo é que tem umas sementezinhas que parece como o tomate. É um fruto amarelo. Trouxe lá da França e semeie no meu quintal. E depois está seca e fica esta palha assim por fora (refere-se às frísalias)

A-Não é um legume comum que a gente visse assim normalmente.

E-É não se vê não. Tira-se esta palha e depois tem o fruto dentro e come-se para os diabetes. Foi o que ela me disse. Agora é que não me lembro do nome disso. Isso é francês.

A-Mas agora tem-se cá muito isso. Agora a rama é que não sei como é. Mas agora vende-se muito desses frutos amarelos...Parece....

F-Eu tinha lá muito disso.

E-O meu marido comia muito disso...

F-E eu também.

E-Não me lembro agora do nome disso.

A-Bom...agora o pintor que pintou isto teve várias ideias. Pintou esta com rama este sem rama...só para nos enganar.

(risos)

E-Mas depois o fruto é o mesmo.

A-Sim.

F-Esta e esta ade ser o mesmo.

Lz-Este aqui é nabo.

F-Aqui é.

E-E este aqui de cima também.

A-Este aqui em cima também parece. Pelo menos a rama parece.

F-É nabos é.

E-Nabos ou nabiças. Este tem uma folha mais comprida que os nabos que a gente come cá. Este tem aqui um picozito e este não.

A-Mas puseram aqui logo um, dois, três, quatro, cinco...

F-Seis.

E-Então quando a gente planta no quintal não fazemos assim?

F-Estes não estão em canteiros estão arrancados.

A-Estes já estão arrancados.

E-Pois estão, estes já estão arrancados...

A-Estes estão a enfeitar a travessa...O que é é que pintaram isto muito de preto!

E-Yé! Isto está muito preto. E confunde esta taça de ferro fundido.

A-Isto é um castanheiro? É...e também está aqui outro. Mais sumido...aqui está outro mais sumido está.

F-É como este que aqui está. E aqui está outro raminho...

A-Aquele é que é um bom raminho. Está bem desenhado até. Aqui parece que tem uma florzinha. E isto aqui...isto aqui tem outro pé...não sei.

E-Pintor que te pintou que pintou Leonor (risos)

A-Como é que se chama o pintor? Já me esqueci outra vez...

Inv-Arcimboldo.

A-Arcimbulde...

F-Arcimboldo.

A-Arcimboldo...anda cá...anda cá a baixo ver isto.

(risos)

F-Onde estará ele...

A-Anda cá, anda cá....vem cá ver isto...

5ª Sessão (Dia 11 de Dezembro de 2015, 48 min)

L-O que é que para aqui está?

Lz-Que é isto?

A-Ahm!? Isto é um carro?...um xilo...um xilodra...ai! como é que se diz aquilo?

E-Tem uns carros. Aquilo ali parecem rodas.

L-Tem rodas mas não é carro. Tenha paciência.

E-Não é carro?

A-Deixa-me cá virar isto ao contrário. Já agora! Deixa ver se é como o outro que tinha outra coisa. Ora assim...assim...ou assim.

E-É assim. Ora vê lá.

A-Assim?

E-Porque está aqui uma rosa. Está aqui outra e ali outra.

A-Mas a outra também estava com o vaso assim e com tudo assim e depois fomos a ver dava da outra. Era uma coisa cozida e ficou assada e uma pessoa já não sabe...uma pessoa já não sabe nada se é para cima se é para baixo.

E-Eu acho que é assim.

A-Aqui tá a ver...assim estão as bilhas direitas. Tá a ver? Tá a ver como é que é?

L-Sim sim. Por que assim esta mulher também ficava de pernas para o ar e tem aqui um morango.

(risos)

E-Hoje não há cogumelos.

L-Pois...só um morango como eu tinha dito.

E-Há guitarras.

A-Pois há.

L-É para a mulher...

E-A mulher já traz o avental com morangos.

A-Ah! É...Parecem morangos.

(risos)

A-Isto parecem morangos.

E-Já traz o vestido cheio de morangos.

L-Pois. E isto que está aqui em baixo é para chamar a atenção ao que ela leva no regaço.

E-Parece como antigamente: “Quem quer comprar linguado...Linguado...Tão fresquinho a saltar...Saltar...Na nossa terra há bastante, não precisa vir do mar. E a língua da bisbilhoteira...bisbilhoteira...tem dois metros e quarenta...é feita de salamago misturada com pimenta.” Isto é do tempo da menina Ilda ainda. Foi ela que me ensinou a recita. E quem dizia isto era a Espírito Santo. Isto eram as calhandreiras que estavam a calandrar. Estavam as duas a vender o peixe e depois diziam isto assim... “Quem quer comprar linguado...” E ia com a canastra à cabeça.

A-Faziam umas recitas engraçadas... Naquela altura eu lembro de ir a essas recitas...de assistir vá. Faziam-se recitas muito engraçadas agora hoje em dia não...ei...

E-Yé!

A-Era na altura do Crespo e do padre.

E-Yé! Eu fui aí.

A-Eu aí também ainda fui.

E-Aí na altura do Crespo era mais a Alzira com a do barco. “Não vás ao mar Toino...”

A-Foi muito bonita essa.

E-“Não vás ao mar Toino...tá o mar ruim Toino...Fico sem ti Toino...” olha...não é bem assim... “comprar sardinha que agente adivinha”... agora não me lembro bem...

A-Bem...

E-Isto era no tempo da nossa mocidade...agora não se faz nada disto...

A-Agora é só computadores e jogos...

E-Só computadores e watch watch...

A-A minha sobrinha viu-me. Numa segunda feira. Não foi esta foi a outra. Viu lá no Canada pelo computador as nossas fotos.

C-Até as minha filhas.

A-Também nos viu quando fomos à praia. Vinha a correr do mar... Pois vinha ia-me molhando toda.

(risos)

E-Ontem?

A-Quando fomos no verão à Nazaré.

E-Ah. Yé!

A-Vá Ana Filipa Vamos lá ver, o que é que isto é? Pronto. O certo é que isto é jarras. Vá lá ver e o resto o que é? E porque é que as jarras tão ali? Isto é só para embelezar...não é para...não faz falta à música..

(risos)

A-Então aqui a dona é para abrir a porta ou o que é?

E-Não. A porta está aberta.

A-Tá aberta...

E-É para entrar no salão.

A-Isto é a guitarra...ou não é a guitarra? Ou não é assim o nome dela?

E-É uma guitarra.

A-Ela vai tocar guitarra e depois dão-lhe as flores.

(risos)

A-Pronto...isto, por exemplo, já não faz parte disto. E isto também já não faz parte daqui. Ou faz?

L-Não...isto também não.

A-Isto também é para para... para baixar a música.

L-Isto aperta-se assim.

A-O que é é que não sei se se toca assim ou assim.

E-Sabes o que é que isto é? É um quebra cabeças.

L-Mas é que já teve aqui uma coisa dessas.

A-Já teve?

L-Já. Já me disseram o que é que isso era...O que é é que eu...já não me lembro. Tinha assim um cano grande...e depois tinha umas coisas lá em cima assim... o que é é que eu não te sei dizer...olha não sei. Sei é que veio cá...os músicos com uma coisa dessas

E-Como este?

L-Sim.

F-Uma vez veio cá um rapaz com esses instrumentos...e depois cada um tinha de adivinhar o seu instrumento. E a mim quem me ensinou foi o Ti Menezes.

A-Mas isto aqui é guitarra. Eu posso pesquisar no Tablet. Se eu trazer para aqui isto apanha rede não apanha?

Inv-Só vendo...

A-A minha cunhada teve aqui a semana passada e teve-me a mostrar é porque dá...

C-Então mas isto não faz parte da guitarra.

A-Não faz parte da guitarra?

C-Isto está muito torto...

E-É uma guitarra mal enfeitada. Isto aqui são outros enfeites.

A-Isto tem aqui uma roda. É uma roda? Isto é um carro?

E-Olha! Ela tem ali qualquer coisa a trabalhar. É o gravador. (risos) Depois mete no Facebook. Olha já viram a gente aqui. (risos) depois vêm-nos no Canada. É assim (risos).

A-Já não sei ver mais nada.

L-Instrumentos isto são.

F-Este aqui parece.

A-Olha na festa de Natal do ano passado é que eu adorei. Foi ali no lado com música. Assim só com vozes. Adorei. Eu adorei. Olha foi tão bom tão bom tão bom...Eu sou apaixonada por essas vozes. Adora a música assim.

E-A outra é que tem jeito...mas vai-se embora...

A-Vai-se embora porquê?

E-Vai para fora com o marido.

C-Mas despediram-na?

E-Não o marido vai para fora e ela vai com ele.

L-Mas não vai para o estrangeiro. Ela vai para o Algarve. Então ela era de lá.

A-Pronto...isto aqui é uma coisa de arrumar a guitarra. Então não é? É o train da guitarra...não é? Ou é o quê?

E-não sei o que é.

A-Então? Não tem nada a ver?

Inv-Acham que a pintura está bem feita?

A-A pintura está bem a gente é que não sabe...

E-Não percebemos nada disto.

A-A pintura está bem. Está à maneira dele a gente é que não sabe...

Inv-À maneira dele? O que quer dizer com isso?

A-Então...então que está pintado a a a a ao raciocínio dele. Com certeza que ela sabe o que fez!

E-Ou ele ou ela (risos)

Inv-Foi um ele. Amadeo de Souza Cardoso. Foi um artista português.

A-Se é um português então fala. Fala português. Vá, diz lá. O raciocínio dele deve estar bem nós é que ainda...ainda não raciocinámos...

E-É artista!

A-Pintor que pintou Ana...

Inv-Então mas o pintor fez algo realista ou abstrato?

A-Quer dizer...abstrato...ele nunca podia pintar isto assim abstrato...só se tivesse uma imaginação assim de repente...acho eu...ele tinha de ter um foco.

E-A Lz também fazia isto...

A-Acho eu... ninguém de repente faz isto assim. Há muitos artistas bons...

C-Isto não deve pertencer ali.

A-O quê?

E-Isto. Isto não deve pertencer ali.

A-Não isto é a guitarra.

F-Isto é a guitarra.

E-E isto é o transportador dela.

A-Isto é que tem aqui muitas coisas e nós não conseguimos descobrir...Isto...a gente à nossa maneira isto é uma guitarra pronto.

E-Pois. E aquilo parece para transportar.

A-Isto pode até não ser mas à nossa maneira...à nossa imaginação é.

E-É o que está lá...

A-Pronto. Agora isto é uma boneca. Ninguém pode dizer que não...
(risos)

A-Agora o que ela faz aqui não sabemos.

E-Isto aqui é uma coluna e ali é uma telha ali e aqui estão vasos...

A-Agora a boneca aqui não sabemos...

E-O vaso tem uma flor ali em cima.

A-Isto assim acho que isto faz...faz parte de uma montra...não sei...

C-Mas isto não tem aqui estas coisas...

A-Agora estes riscos aqui...vá lá ver vamos a descobrir...não sei...isto aqui...o que é isto?
Tem aqui tanta chaminé. O que é isto? São quê?

E-Iso são jogos.

A-É tudo coisas de música...a gente não sabe.

E-São jogos. Não sei como é que se diz este jogo. Isto é uma mesinha de jogos o que está ali.

A-E estes triângulos aqui?

E-Iso é uma mesinha de jogos o que está aí.

A-O que é que faz aquilo ali? Três...

E-É para jogar com os bonecos...mas não é um boneco que lá tem...Aquilo é uma mesinha de jogos.

A-A onde?

E-Aqui.

A-Aqui? Isto é que é uma mesinha de jogos?

E-É.

(silencio)

A-Então para que é que são as chaminés? E aqueles picos?

E-São aquelas pecinhas dos jogos que se mudam de um lado para o outro. (risos)

(silencio)

E-Tanta parvoeira que já se disse...tanta mentira (risos)

A-Aqui parece outra música parece outra coisa. Mas aqui só se vê preto!

E-São mais, são mais aparelhos (risos) não são?

(silencio)

Inv-E este quadro acham que ficava bem pendurado por aqui?

L-Ficava...Todos os quadros são bonitos.

A-Unhm...não diz muito...

E-Não diz muita coisa não.

A-Não diz muito...estamos aqui a gastar energia...

E-A mandar larachas...

(passa uma pessoa)

A-Olha lá! Chega aqui o que é isto? Dou-te cinco tostões se descobrires já isto.

E-Que imagem é essa?

Ps-Cá para mim é um violão...

A-Pois. E mais quê? Vá rápido! E é se quer ganhar cinco tostões.

Ps-Epá assim...tirando aqui umas cantarinhas...não sei...

A-Pois e tem aqui uma mocinha...ou cigana.

Ps-Aqui...parece uma indiana ou como elas se chamam...não sei...

A-Nós precisamos aqui de uma ajuda vá....

Ps-Olha...um coração...aqui em baixo.

A-O coração já está muito foleiro aqui. Já está aqui gasto.

Ps-Não interessa! É um coração.

E-É um coração que já está cansado. Já está velho.

A-Então? Como é que é? O que é isto?

Ps-Isto para mim é um alvo.

A-Um alvo?

Ps-Não? Ou será a parte de trás de uma guitarra...será? Aquilo onde se prendem as cordas.

A-Ah! Não sei...

Ps-Não sei...

C-E isto não deve pertencer aqui...

A-É. Isto pertence aqui.

Ps-Não...ela está a falar disto aqui... Bom...vá...até já.

A-Esta não pertence aqui? Pois não. O que é que isto parece aqui...

E-Parece um saco.

A-Isto parece aqui de por em cima de de de...

E-De transportar.

A-Pois. É. Parece...não sei...é para por a guitarra às costas...não sei. Se calhar é...Mas não sei...isto também para se por às costas não sei se tem muita coisa a ver...não sei.

C-Isto até parece mais uma roda...

Lz-Não sei...

E-Vá! Descarregue lá a cabeça destas mulheres. Diga o que é?

Inv-quer que eu diga o título?

E-Yé! Sim.

Inv- O título desta pintura é: Parto da Viola.

A-O parque?

Inv-Parto.

A-O parto? Ah! O parto da viola...Olha! Quanto mais uma pessoa olha...olha temos de aprender até morrer..

(risos)

A-Aprender até morrer. Ora sim senhora. O parto da viola...Também temos agora um parto da viola. Quem é que faz esses partos? É o pintor? O pintor que pintou Ana.

(risos)

E-O pintor que pintou Ana e que pintou bem.

A-O parto da viola...ora, se é o parto da viola então vamos lá ver o que ela trouxe no parto. Então mas o parto da viola não trazias as cantaras nem a mulher! Então?

E-Então um parto...um parto como antigamente?

A-Antigamente? Então como é que se faziam os partos antigamente...Então...era em casa...Então...isto diz-lhe alguma coisa?

L-O quê?

A-O parto da viola...Olha, se nada sabias também não ficas a saber mais... (risos)

L-Isto é instrumentos de música. Lá o resto não sei.

A-O parto da viola? O parto da viola?...Antigamente era em casa...então?!

E-Então meteram a viola lá dentro...e agora vê-se só uma parte.

F-Só se isto for outra coisa. Outro instrumento. Só que eu não sei como é que ele é feito.

(silencio)

A-Antes de se fazer o parto trabalha-se com o coração.

(risos)

F-Estas pecinhas aqui naturalmente fazem todas parte da viola...

E-Está em casa aqui da mulher...

A-Será que é numa festa, numa paisagem assim....onde estejam todos a tocar? Num bar? Só assim! Agora a gente...diga agora...não sei. Não sei, não sei pronto. Vá digam...

Inv-Quando olham para esta imagem o que é que ela vos transmite?

(silencio)

A-Para mim...transmite...olha, que gostava de tocar. Ficamos alegres. A gente quando ouve música, instrumentos de música, a gente espera música.

(risos)

F-Mas isto não toca.

(risos)

E-Não está lá o tocador. (risos)

A-Não toca mas a gente tem de imaginar... olha...não toca não toca...mas isto é é é...não sei...isto é o lugar da música. O som que a viola pode dar. Olha! Olha ali o Sr. Padre! Vamos lá ver o que ele diz sobre isto.

(risos)

E-Shiu! (risos)

A-Oh Sr. Padre venha aqui ajudar se faz favor.

(risos)

A-O que é que isto indica Sr. Padre?

(risos)

E-O que é isto?

A-Nada? Nada nada? Isto é que é! É que estamos aqui a gastar imaginação e não sai nada...

Pe-Eu também não vejo grande coisa não...

A-Isto é assim.

Pe-É uma viola mas...

E-É uma viola é (risos)

A-Pois é!

(risos)

Pe-Mas não tenho cabeça para essas coisas...

A-Como é que a gente ade ter cabeça também...

(risos)

Pe-Eu ainda olha para as coisas antigas onde as cabeças são muito redondinhas e tal... com os olhinhos...

E-Pois é. (risos)

Pe-Não é assim um risco...

Inv-Já apresentamos uma imagem assim...

Pe-Já? Pois...assim era melhor.

(risos)

Pe-Eu acho que é melhor deixar-vos a trabalhar...

(risos)

A-Obrigada Sr. Padre.

F-Deve ir trabalhar...

A-Pois. Olha mas ele disse que era uma guitarra viste.

L-E é uma guitarra. Há aqui coisas que eu não sei dizer mais isto aqui é uma guitarra.

E-Pois guitarra ou viola.

A-E aqui isto parece um burrão. Isto aqui...Eu não sei...não sei se isto pertence a alguma música. Isto aqui? É uma música também?

F-Não sei.

L-Isto aqui vem daqui.

A-Isto faz parte da guitarra. A parte de baixo.

L-Isto deve ser feitio...não sei... Eu é que não sei o nome do instrumento. É assim pequeno aqui em baixo mas dá para aumentar para apoiar o instrumento aqui em baixo. Bom...agora como se chama...

(silencio)

Inv-Então gostam desta imagem ou nem por isso?

A-Eu gosto...

L-É de música...chama a atenção da gente. "Então que é isto?" e assim ficamos a ver melhor...

A-Eu gosto.

E-Eu gostava de a ver a tocar.

A-Eu gosto. Eu gosto de ver a tocar uma guitarra.

L-Pois...mas esta não toca...

E-Olha está ali a passar a M... Oh M chega aqui...vê lá se descobres o que é isto.

A-Vê lá se descobres. À outra prometi cinco tostões a ti prometo dez tostões. Já é mais vá.

M-Se eu vejo aqui alguma coisa?

A-Sim vá.

M-Então vejo muita coisa...o que é é que eu não sei ajuntar isto... vejo uma jarra de flores ali é uma senhora, uma princesa ou lá o que é. Aqui é um coraçãozinho.

A-A Ps Também só viu uma jarra o coração.

M-Aqui um carro...

L-Um carro?

M-Aqui parece um carro.

Lz-Não é nada.

L-Não...

A-Issso é uma viola.

M-Ah! É viola é...

(risos)

M-Pois é...eu também não tenho óculos...

A-Pronto já está desculpada.

(risos)

M-Eu ao longe vejo bem mas ao perto é uma desgraça.

E-É uma viola...

M-É que eu com o raíça dos ocúlos não vejo. É aqueles de ver ao perto e ao longe...quê é que eu não me consigo habituar a eles...Mas agora vou comprar uns à minha maneira e acabou porque eu não me consigo habituar a estes.

A-Com os bifocais habituas-te agora se for dos outros que são progressivos é mais difícil.

M-Então ainda agora fui lá ao Sotôr e não consigo ver nada com estes.

A-Pois pois eu com os progressivos também não consigo.

M-É que estou sempre a tirar e pôr, tirar e pôr...

A-Pois pois. Os bifocais a gente habitua-se bem agora ou outros nem por isso. Estes aqui são bifocais. Já são velhos...mas eu os outros também não consigo usar.

E-Mas também andar a tirar e pôr não vale nada.

M-Pronto...mas não...isto é bonito sim. É uma imagem bonita.

L-Issso é uma coisa só de música...agora os instrumentos é que eu não sei dizer.

M-Pois sim sim... mas é bonito!

L-Tem para ai uns três ou quatro...

E-Falta ai um tocador...

A-Não sei não sei...não sei dizer mais.

L-Este aqui em cima é mais pequeno...

A-E isto está pousado aqui... deve ser o fundo da guitarra. Mas o que é esta barra preta aqui?

F-É uma faixa que vem daqui.

A-E este aqui?

C-E isto tem aqui rodinhas...

Lz-Pois...

A-Olha isto aqui é os botões de outro instrumento...O saxofone... Será? Saxofone?? Olha aqui! Parece o funil onde se sopra...

F-Ah sim...

A-Instrumentos de sopro. Não é? Não parece? Parece...Não sei se é se não...

M-Pronto então vá...continuem a descobrir que eu descobri pouco vá...até logo...

A-Até logo...

L-Até logo.

F-Isto parece...parece vir daqui.

A-isto tem aqui muitas coisas...tem muitas coisas...tem muitas coisas que eu não sei descobrir. Tem aqui muitas cores...preto, cinzento azul...tem muitas coisas...não sei...

E-Também não sei o que isto será...

C-Isto não será também um instrumento?

A-Um instrumento?

C-Sei lá!

L-Porque é que não põem aqui batatas, bacalhau...

(risos)

A-Não sei. O homem que fez isto devia estar com a imaginação muito muito...muito ativada...

L-Nabos, cebolas...

(risos)

L-Isto é para quem tem muita imaginação. Vocês nunca viram o meu sobrinho a desenhar? A fazer desenhos? E depois só no fim daquilo estar feito é que a gente percebe o que é. Um dia estava lá em baixo e disse: “Olha parece que estás a fazer um olho” e depois ele ofereceu-mo. E era mesmo o meu olho que ele estava a desenhar...

(risos)

L-Eu disse assim: “Olha! Já tenho um olho a mais.”

A-Qual foi o olho?

L-Olha o do c*...

(risos)

A-Ah não sei...não sei..Não explicou...se fosse uma vista...eu sabia...mas era um olho...

L-Era um olho era...

A-São três...

L-Pois. Olha fiquei com um a mais.

(risos)

L-Fiquei com quatro.

A-Pronto olha está feito.

E-Já ganhamos o dia.

A-Já ganhamos o dia. E hoje vens ai com o quê? Com feijões e massas?

6ª Sessão (Dia 16 de Dezembro de 2015, 49 minutos)

L-Então mas o que raio é isto? É peixe?

E-São peixes...

A-Isto é o sol...Isto parece o sol.

C-Isto parece um barco...

Lz-E aqui parece um patinho.

A-Isto parece um lago...parece ser num lago...não sei. Não é nos Olhos de Água?

(risos)

Lz-Não...

L-Mas que raio é isto?

A-Isto parecem peixinhos mortos! Isto aqui é um lago...

E-Isto é só peixes só peixes....

A-Deixa cá ver se tem aqui alguma coisa de pernas para o ar...não... não.

E-Unhm...ali só me parece ver peixes e mais peixes.

A-É..a imagem deve ser assim.

E-Este aqui é que me parece ser um grande peixe.

C-Qual?

A-Pois.Aqui é peixe, aqui é peixe.

F-É.

C-E aqui também parece.

E-Ai? Ai não é.

L-Ai são gaivotas. Gaivotas ou lá como isso se chama.

A-Gaivotas?

L-Pois. Isto aqui....

A-As gaivotas querem-se no mar. Na praia...

E-Pois....mas é...

L-Andam ali em cima da água.

E-Mas isto parece ser lago...é lago, é lago é.

A-Eu lá em Luanda via muitas gaivotas. Foi a primeira coisa que eu vi quando cheguei. Era tanta gaivota, tanta gaivota...

L-Aqui estão gaivotas e ali vai uma pessoa...

E-Vocês sabem o que é que isto parece?

A-O quê?

E-Ito é onde se esconde a lagueira..

Inv-A lagueira? O que é?

E-A lagueira? É o que a gente chama o crocodilo. (risos) Que é perigoso...é perigoso nestas matas assim. Depois veem mostrar-se assim com as cabecinhas na ponta. Via-se muita lá na Florida. Tinha de se ter muito cuidado. Havia um sitio onde a gente não podia lá ir...Apareciam lá com as cabecinhas ao sol.

A-Isto isto...isto parece um pântano.

E-Quando eu lá estava ia lá um homem para lhes dar de comer. Mas tinha de ter muito cuidado.

A-Isto parece mesmo um pântano...com a água debaixo....assim é um pântano! Isto parece isso.

E-É. É um pântano é. Onde passa uma ribeira e depois tem os crocodilos. (risos)

A-É a água..

E-É. E depois eles metem-se aqui nestes regozinhos assim á borda onde dá o sol... Metem-se assim com a cabecinha ao sol...mas estão metidas na água. Estão escondidas...

A-Isto aqui é arvoredo...Isto aqui é verde...

F-E isto aqui...

A-Pois não sei...aqui é água...isto aqui...isto aqui são peixes... Isto são peixes de água doce? Deve ser com certeza...

E-Isto aqui parecem ser sapos.

F-Não...não.

A-Onde?

F-isto aqui parece-me peixe...

E-Isto aqui parece que ardeu. Ali é fogo.

J-Isto parece que vai aqui o barco para cima.

E-Aqui parece uma chama de fogo.

A-Olha! Pois parece! Ou é chama de fogo ou é sol.

E-Mas o sol era mais em cima...

A-O sol...

E-Tem mais a ver com as chamas de fogo.

A-Isto são queimadas?

E-Yé! Se calhar...

A-Isto é queimadas!

E-Isto é o fogo é...isto já vai queimado aqui. Olha isto agora...Os velhos estão na escola. (risos)

A-Então isso é bom.

L-Ai ai...o que é que isto parece...

A-Isto parece uma queimada...

E-É uma queimada é. Isto é o fumo aqui. Isto vai assim e depois assim.

A-Pronto. Isto parece uma queimada. É uma queimada ou não é? Isto aqui já está queimado.

F-É...parece.

An-Para mim não é.

A-Não?

L-isto são peixinhos que andam aí.

A-Está bem...aqui é um lago.

F-É.

E-Mas se for assim não é um lago...Não tem árvores.

F-Isto aqui está queimado.

L-Isto aqui...isto aqui são os peixinhos...

A-Opá, às vezes isto...

E-As árvores estão todas queimadas, isto está tudo queimado.

F-Isto aqui também me parece.

A-Isto aqui...parece ser um lago...mas aqui isto parece que está queimado...

L-Olha mas eu aqui vejo um barquinho.

E-Mas aqui isto já está queimado.

L-E este aqui?

E-Isto tem as chamas aqui para cima.

L-Isto aqui é um barco.

A-Um barco?

L-Sim. A mim parece-me.

E-Não. Ai não é não.

L-Olha! A mim parece-me. Ou um barco ou aquelas coisas de eles andarem a fazer aquilo com os remos.

E-Não não não. Não é barco nenhum. Para mim é queimada.

L-Não me parece nada...

A-Unhm...parece uma queimada aqui...aqui parece.

E-Yé.
A-Agora aqui assim...aqui parece-me água.
F-É. É agora é...
E-Agora aqui assim é parece o céu...
F-Pode não ser um céu azul...
A-Isto aqui é água.
F-E isto pode estar a refletir-se ali.
A-Um pôr do sol?! Mas um pôr do sol...
E-mas está isto preto atrás.
A-Pois...isto aqui...
E-Ela é que sabe. (risos)
F-Mas não diz...
Inv-Pois...Assim acabava-se logo com a brincadeira...
(risos)
A-Oh escritor, o escritor que pintou...ai! Como é?
F-Pintor.
E- “O pintor que pintou Ana...”
F-E para ti Lz o que é?
Lz-Eu sei lá!
A-Á dias tu é que adivinhastes. Eram os cogumeis. Cogumelos.
Lz-Isto aqui parece-me um patinho.
A-Como é?
E-Peixinhos?
Lz-Um patinho.
A-São peixinhos...
F-Isto parece peixe.
A-É...este está meio de lado...
F-Parecem muitos peixes.
L-Aqui parece uma rã.
F-É ai parece uma rã!
C-Mas isto não é mesmo o feitio de um peixe?
(risos)
E-Não. Uma rã uma rã.
A-Ai pha! Até tou cheia de calor (risos) ai ai...ou peixe ou sardinha...(risos)
F-Ou carapau.
A-Parece peixe ou sardinha? Peixe ou carapau?
E-É um sapo. É um sapinho ali.
C-Olha é um sapinho?...mas o sapinho não tem rabo.
(risos)
E-Não tem rabo? Tem aqui as pernas...
C-É um peixe. Tem aqui a cabeça.
(risos)
A-Se tem cabeça também tem de ter rabo.
E-Olha oh J vê lá o que é que isto é. É uma queimada ou não é?
J-É mais que fogo...
A-É...a mim parece-me mais uma queimada. Primeiro fui para o sol mas depois...realmente pareceu outra coisa.
E-Parece queimada! A minha coisa parece que é uma queimada.
A-Pois mas isto aqui ainda não ardeu bem...
E-não.

C-Então mas... Mas não está aqui um peixe? Então não se vê bem!
E-Isto é o fumo aqui a vir para cima.
A-Mas está aqui água...
(silencio)
E-Mas atravessa...O fogo quando dá assim atravessa.
A-Se calhar isto aqui são os carros dos bombeiros.
(risos)
F-Issso não são.
E-Não vêes que isso vem dali! E depois vai atravessar. Vem tocado dali.
A-O vento tá daqui e vai para ali.
E-Vai a atravessar para cá.
(silencio)
C-Então mas o que é isto aqui? Aqui não tá preto.
A-O fogo acabou aí.
E-Ai está branco porque...porque ficou por pintar.
A-Aqui se calhar estava a receber a água dos bombeiros lá atrás.
(risos)
E-Yé! É a água que vai no ar.
L-Deve ser o tanque dos bombeiros aqui.
E-Os bombeiros aqui?
A-Deve ser a mangueira (risos) Olha aqui! Uma coisa comprida...(risos)
(silencio)
C-Mas aqui parecem peixes.
A-São os peixinhos que se vão a esconder da queimada. Não acertamos uma pois não?
E-Isto está por cima da água...vai assim por cima e não queimou! (risos) A água estava por baixo e aqui como tem aquela...aquele arvoredo...aquela relva...aquela coisa alta...o mato queimou...e a água ficou por baixo. E assim ficou lá aquele regadio assim. É ou não é? Eu digo que é.
(silencio)
F-E isto aqui? Está aqui a fazer o quê?
E-Issso é a água que ficou...tinha o mato por cima. Depois queimou..
A-Pronto...isto assim de repente parece uma queimada mesmo. Para ser o pôr do sol...acho que não é o sol... Não...o sol não é.
E-Não não o sol não é.
A-Parece mais uma queimada...o que é...é...o que é é porque é que estão aqui os peixes? Deve ser à beira rio.
E-Foi o fogo que queimou em cima...queimou por cima.
A-Se calhar foi fogo posto. (risos) Foi fogo posto à beira rio que era para apagar logo o fogo.
E-Não parece bem rio..
A-Então? Então há peixes...
F-Onde há peixes tem de haver água.
A-Pois! Onde há peixes tem de haver água.
C-Isto aqui tem mesmo o feitio do peixe.
A-Isto é os carros dos bombeiros aqui e vem apagar isto tudo (risos)
E-O carro dos bombeiros aqui? Assim tão pequenino?
A-Então ele está lá ao longe por isso é que está em miniatura.
(risos)
Lz-Não...isto são patos...
A-Anhm?
F-Ela diz que são patos.

A-São patinhos?
Lz-Sim...
A-Isto aqui parecem passarinhos...parecem...
L-São gaivotas.
A-Aqui isto branco.
Lz-São patinhos.
A-Patinhos? Ou então são peixinhos.
F-Unhm...não...aqui não são peixes.
A-Aqui é.
F-Aqui é. Mas aqui não...
A-E aqui?
F-Mas esta coisa aqui é que eu não sei.
A-aqui parece um...
F-Esta coisa aqui preta...
E-Issó é da queimada. Quando temos uma árvore e ela queima não fica tudo sem erva à volta e fica só o pau da árvore? É isso.
F-Mas isto parece lodo.
A-Lodo?
E-É bom para o presépio.
A-Lodo?
F-Não. Isso é musgo.
A-Ah! Musgo sim.
F-Lodo é aquilo que cheira muito mal.
A-Pois...mas o lodo tem muitas malgas. Malgas não é?
F-Lodo na Praia das Paredes tinha muito...
A-Por isso é que é bom estarem para lá algumas pessoas do hospital.
Inv-Algas. Não será?
A-Issó. Algas. Não é malgas. É algas.
Inv-Mas algas é do mar não é do logo.
A-Pois pois do mar. Aquelas algas dizem que faz bem à pele.
(silencio)
F-Agora isto aqui não percebo...
L-É um barco?!
A-Isto aqui parece um cavalo branco.
(risos)
E-Cada vez é uma coisa.
(risos)
A-Então é até que apareça alguma coisa certa. Daqui a nada são cogumelos.
(risos)
Lz-Não...cogumelos não são. Isso não está aqui.
A-Quem é o nome do pintor. O pintor que pintou...o que pintou esta coisa.
Inv- William Turner.
A-Não é o mesmo.
Inv-Não, não é o mesmo.
Lz- Eia...
(silencio)
A-Isto aqui parece uma perna ou um braço.
L-O quê? Isto aqui?
(risos)
A-De algum que já morreu no fogo ou quê?

F-Mas aqui tem mais...

E-Assim visto de lado dá mesmo a ideia de que é uma perna (risos)

A-Parece uma perna não é?

E-Uma perna para o ar. Ficou com as pernas ao ar ali (risos)

A-Sim...

E-Está mesmo de pernas ao ar como estou a dizer.

C-E a mão aqui está preta?

A-Está preta? (risos) Isto é que tá preto... (risos)

E-A coisa está preta está. (risos)

A-Pronto...já acertamos algumas...

F-Ai...

E-Isto quanto mais se olha...agora estamos aqui com uma perna no ar...

A-E aqui parece um cavalo branco.

E-Olha e tem um sapato aqui.

A-Aqui a onde?

E-Olha, aqui. Vê-lo aqui?

F-Ai meu Deus! Isso é tão miudinho...

A-Então foi desse que morreu.

F-Então e ali?

E-Iso foi outro que morreu queimado.

L-É igual.

A-aqui são dois patos..(risos)

E-Na na isso foi uma pessoa que morreu.

A-Então uma perna está tapada e a outra ficou à mostra. (risos)

E-Pois. Está tapada no meio daquela porcaria toda!

A-Esta está tapada e aqui só se vê a pontinha... Esta está à mostra. Ela já morreu e agora se calhar os peixes andam a come-lo. (risos)

F-Pode ser esta perna daqui...

A-Pois é isso que eu estou a dizer. Este vem daqui mas esta perna está tapada e esta vê-se mais. E os peixinhos devem andar aqui de volta dele a come-lo. Se calhar...já deve estar ali à muito tempo...

E-Só se vê a perna mais nada...

Inv-Então é mar ou é fogo?

A-É fogo.

E-É fogo yé.

A-Mas os peixes não andam no fogo...Isto não poe ser queimado do fogo...Isto aqui é mar! Ou rio...

Lz-Isto é água.

A-É rio ou o que é?

E-É ao pé da água e tem estas ervas por cima.

Inv-Querem ver assim mais longe?

L-É bonito é. É bonito para meter aqui na parede.

A-Eia já temos muitos quadros para meter.

L-Mas é para meter aqui na parede.

E-Se fizermos agora uma pintura cada um já enchemos as paredes (risos)

L-Não mas podemos começar por este e com os outros que já acabaram.

E-Os outros que a gente já fez e já viu...

L-Pois! Sim. Já enchíamos isto aqui.

C-Se isto aqui é uma perna esta é a outra.

(risos)

A-Pois é. Isso é uma perna (risos)

L-Isto tem pernas tem braços...tem tudo.

A-Mas isto é...é...os peixinhos andam aqui...os peixinhos devem de andar aqui a fazer alguma coisa...

L-Então isto aqui são peixinhos...andam todos juntos...

C-Aqui são peixinhos são.

A-Então o homem morreu aqui afogado e os peixinhos ficaram aqui ao pé.

Lz-Aqui são patos.

E-Isto aqui? Unhm...não isto aqui não são patos..

C-Mas onde é que estão as pernas? Então não se vê que aqui é um peixe? Tem aqui a cabeça e olhinho...

A-Os olhos?

L-Olha, homem é que não é nem mulher isto aqui...

E-São ervas.

A-Aqui parece estar um individuo a puxar o outro para cima do barco.

F-É...

A-Olha ali...não parece? A livra-lo do mar...

L-Olha filha não sei explicar...

A-Não parece? Olha aqui este pequenininho e o homem está a puxa-lo.

E-São ervas...

A-aqui atrás...

E-São ervas...São ervas que estão aqui no meio.

A-Não é nada. As ervas não são brancas. As ervas não são brancas! Erva é isto...isto verde.

E-Verde? Isto já está tudo seco. Já está tudo preto.

A-Mas isto é branco (risos)

L-Olha tens aqui umas alunas que é qualquer coisa (risos)

E-Isto está preto..

A-Olha mas aqui não é verde...

E-Na na na...

A-Opá isto aqui está mau.

C-Mas isto parece ter uma pedra aqui.

A-É uma pedra aqui outra aqulá...

L-Isto aqui sã pernas olha...um, duas, três, quatro, cinco, seis e com estas oito.

A-Isto dá a impressão que é alguém que caiu do carro e este está a ajudar do perigo. Não parece? É.

F-Unhm...

A-É! Não parece que é alguém que vai no carro...

L-Em cima do carro não. Que isto é um barquinho que aqui está.

A-E está a puxar o menino...ou uma pessoa...está a puxar para cima. Se calhar foi como lá aconteceu nos Açores.

F-O quê?

A-Foi lá aquilo que aconteceu um fundão...um tufão...olha como é?

L-Isto são as aves que vão aqui para apanhar os peixinhos. Como é que se chama? Não é gaivotas?

A-São as gaivotas são. As gaivotas andam sempre de volta do peixe.

L-São gaivotas mesmo. Pois...olha e aqui isto está cheio de gaivotas. Isto tudo aqui assim é gaivotas. Gaivotas que estão aqui em cima para apanhar os peixes que estão por aqui.

E-As gaivotas voam bem alto.

A-As gaivotas aparecem onde há cardume. As gaivotas adivinham...adivinham onde há...

L-Não sei. Só sei que quando era garota e andava a descarregar os carros andava por lá essa passarada toda.

A-Quando estamos ao pé do mar e depois vemos muitas gaivotas a gente sabe logo...deve de haver ali um cardume.

E-Andam à procura do peixe. Lá na Florida quando eu fui numa coisa assim por ai a dentro e nós mandamos uma rede ao mar e os peixes veem mas as gaivotas irrompem por ai a dentro para apanhar o peixe.

L-Abalam logo com ele...

E-Tiram-no logo. Nem chega às mãos das pessoas.

(silencio)

A-Isto parece que está aqui um homemzinho e este está a pedir socorro.

E-Há assim umas colunas grandes de madeira com as redes para apanhar os peixes mas se as gaivotas vão primeiro ficamos sem ele.

A-Está aqui esta mancha branca isto deve ser alguma coisa.

C-Mas isto aqui não se vê que é um peixe?!

A-Este parece que tem aqui um olho...

L-Parece um olho parece. Mas eu tenho cá comigo que este olho pertence aqui à passarada.

A-Parece que tem aqui um olho parece...

L-Pois está e vê se aqui a passarada toda.

A-Parece que tem um bico e um olho.

Lz-Isto parece um pato.

F-É um pato?

A-Um pato? Um pato qua qua qua...

E-É um pato que está de rabo para o ar é? (risos)

F-Um pato de rabo para o ar? É?

E-Aqui está com o rabo no ar.

L-Isto são as patas?

A-É lá! As patas chegam longe!

E-“Os patinhos sabem bem nadar a cabeça para baixo o rabinho a dar a dar” já não sei como era (risos)

F-Isto aqui...isto aqui não estou a ver.

E-O J não ajuda a gente? Diga coisas.

J-não sei nada...

A-Isto é gente humana não é?

E-Vá veja lá o que é isto J...

A-Isto é gente humana. É.

J-Isto parece um barco no meio de não sei o quê...

A-E aqui vêem-se as pessoas.

L-Isto é alguém que está a puxar alguma coisa...ou peixe ou não sei...

A-Está a puxar está. Será um peixe para cima? Com alguma rede? Ou a ajudar alguém...a defender do perigo ou alguma coisa...Tá a puxar e bem...

L-Olha está a puxar por mim por um braço...

E-Deve ser um barco que vai a passear...vai a passar...ele teve medo foi de queimar-se.

A-Isto aqui é o homem...é gente. É gente é.

E-Olha a mangueira! A mangueira vai ali.

A-Este deve estar a puxar. A puxar para cima uma criança ou quê...portanto deve estar em aflição. Deve ser em aflição.

(silencio)

A-Olha já sei! São os emigrantes refugiados.

(risos)

E-Vai a atravessar o feno.

A-São os refugiados.

F-Já estão a vir para cá.

A-Já. Vinte e quatro famílias que veem agora estes dias. Já cá estão deles.

E-A gente já saiu tanto daqui para fora que agora veem deles cá para dentro.

A-Agora veem muitos refugiados.

E-Eu já levei uma família grande daqui para fora. Agora veem outros para o lugar deles.

A-Isto são os refugiados que estão a chegar a Itália e depois são distribuídos. Aqui é o que talvez seja...se calhar é!

C-Então mas isto não é desse tempo.

A-Não é desse tempo?

C-Isto não é desse tempo.

A-Então é o atual. Nós estamos no atual. O atual é isto.

C-Mas isto não é dos refugiados.

A-Os refugiados é...os refugiados estão a chegar.

E-Estão a passar os Pirenéus.

A-É o que está a acontecer no presente não é? No atual...pronto.

C-Então mas isto já foi feito há tanto tempo.

A-Tanto tempo?

Inv-A pintura.

A-Ah! A pintura. A pintura já foi feita há muito tempo? Foi quando?

Inv-Foi em 1840.

A-Ah pois! Então assim já tem razão...

E-Foi no tempo da invasão dos franceses.

A-Então se a pintura foi feita nessa altura são outros refugiados.

(risos)

A-Já não são os da Síria. Isto é assim...por isso é que isto é engraçado. Cada cabeça cada sentença. Depois vamos concluindo e a coisa apanha-se assim no ar. Pois é...

C-Olha eu só vejo peixes e mais isto...

A-Pronto é desse tempo não é de agora. Portanto refugiados...

F-Não são.

(silêncio)

A-Pois é. Refugiados acabou. Desistiu. Não é nada disso.

(risos)

(silêncio)

Inv-Acham que está bem pintado?

L-Pintou bem.

A-O pintor pintou bem. Á maneira dele pensar.

E-Yé! Á maneira como ele viu.

A-Á maneira como ele entendeu que devia pintar.

E-Isto deve ser uma paisagem onde ele foi e vi. E gostou e pintou-a. É uma paisagem não é?

A-É que agora um risco para aqui e outro para lá é que...é...pode ser um desenho e a gente não sabe...é que antigamente as pinturas com o menino, o São José e tal era tudo real e agora é uma bola aqui é a cabeça ali é outra...uma palha aqui é uma braço e ali é outro....hoje em dia faz-se tudo com um risco aqui e outro para lá e pronto. Por isso a gente hoje já não sabe.

L-Isto aqui parecem dois postos.

A-Dois postos? De luz?

L-Não digo de luz...

E-É as árvores!

L-Isto são árvores?

F-Não é nada.

L-Isto árvores aqui não é.

A-Pois árvores secas...as folhas já não tem. Ora bem. Isto é um homem. Um homem é um homem.

E-Homem ou mulher. (risos)

F-“Um homem é um homem e um gato é um gato. Corta-se o rabo e ficava bicho.”

(risos)

A-“É o bicho é o bicho vou-te ta ta ta...” Como é que é? Como era a música?

L-Olha menina! Estás aqui a perder o teu tempo e não te safas.

(risos)

A-Não não se safa.

L-É um homem é um gato...olha tem de se ver se tem pi...

(silencio)

A-Bom, isto para ser um pôr-do-sol também dá a ideia que tem muita coisa...está tudo muito espalhado...a gente não sabe...

F-Aqui há peixinhos...

A-Aqui, se isto foi queimado é uma queimada e são as labaredas que se veem amarelas...isto aqui como ar e este aqui parece que se está a afogar e este esta a livrar o coiso do mar.

F-Parece fogo no mar.

A-No mar?...Pois...também há também há.

F-Pode ser do barco..

A-Pois. Ainda não foi há muito tempo que se queimou um barco no mar.

F-Dá a impressão disso.

(silencio)

Inv-E gostam desta pintura.

E-Está bem feita.

L-Eu gosto!

A-Isto parece mesmo ser uma queimada. Agora olhando para estes pormenores...

E-Para mim é.

A-Parece que é uma queimada.

Inv-Quando vocês olham para esta imagem como é que se sentem?

L-Eu sinto calor.

A-Eu sinto até triste. Sinto-me assim...que está qualquer coisa que não está bem. As cores não são...não são cores assim...fortes...

E-Mas está bem feito.

A-Pois...na na ideia dele que ele pensava. Está bem. Se ele pensava que realmente fosse uma coisa...

E-Foi o que ele viu. Foi o que viu.

A-Isto isto devia ser a defesa dele...ele a defesa de um homem perante o perigo.

C-Onde é que o homem tem aqui as pernas?

E-Anhm?

A-Onde é que o homem tem as pernas? (risos) Então o homem tem as pernas lá dentro. Estão escondidas pelo coiso...Não se veem as pernas.

E-Vocês não veem que está tudo queimado já.

A-Isto até pode ser que seja um barco aqui queimado aqui assim...As coisas do barco...estas coisas estas antenas. Até pode ser! Que seja o barco que esteja queimado.

E-Está queimado.

A-E e e...e explodiu e Boom!...ardeu. Se calhar até é. Dá a impressão disso. Depois de darmos a volta à cabeça...depois assim dá a impressão que isto foi o barco que ardeu...e isto são as coisas do gasóleo e essa coisa toda...

F-O fumo não é assim.

E-Aqui assim o céu está todo diferente.

A-Isto é isto é o fogo...depois chega aqui espalha-se e fica assim.

E-Mas só que a cor do céu é mais azul...

A-Então foi do fumo. O fumo é branco...é cinzento. Então não é? E estes estão aqui querem safar-se...Isto deve ser barco. E isto aqui devem ser as antenas do barco.

E-Pois... As velas.

(silencio)

L-Isto era um barquinho...não vemos as velas porque já arderam. Eram de pano (risos)

A-E isto eram pessoas a tentar sobreviver...

F-E isto aqui são os que já caíram.

A-Isto deve ser do barco ainda.

E-“Oh barco à vela...Nossa senhora vai nela. E os anjos a remar” (risos)

A-E depois o barco vai aqui...

E-E depois já não me lembro como era mas o São José era o piloto e mais não sei quem era o general e depois que bandeira levam? “A Bandeira de Portugal.” Mas eu já não sei como era. Era da minha escola quando eu aprendi isso. Lá vai o barco à vela.

A-Yé. Nós até fazíamos recitas. “O cabeça do bodelho, podia ir à história, com tudo o que lá passou oh aí, por ter ganho a vitória.” ...É muito bonito! Isto passou-se aqui. Foi o D.Nuno ali na Batalha que ganhou a vitória.

E-E depois em S.Jorge é que ficou a espada (risos)

A-Passou-se passou-se. Por isso é que existe a história. A gente...eu eu fui cantar isso porque alguém antigo nos ensinou... na escola.

E-A mim era a Ilda Manecas que ensinava.

A-A mim quem me ensinou não foi a Ilda Manecas. Nós tínhamos de estudar um um um cântico, uma coisinha, para introduzir...eu era uma, mas éramos muitas, e cada uma tinha que fazer uma frasesinha para cantar para depois de recitar. E sabe quem é que me ensinou? Sabe?

E-A mim era a Ilda Manecas...

A-Não. Mas a mim não. A gente dantes trabalhava de costura e na altura a gente tinha de saber, de escolher, uma frase de um cântico e sabe quem me ensinou isso? Era a Sapatora. Sabe quem era a sapatora? Ela disse-me assim: “Eu vou-lhe ensinar uma e esta é boa.” E sim senhora! Depois até foi gabada por muitas pessoas. E depois ela cantou. E eu aprendi.

E-Essa era a senhora que vivia ali ao pé da pastelaria. Assim numa casinha pequenina ao pé.

A-É é. A gente trabalhava ali de costura e ela ia ali para ao pé e aprendíamos com ela.

C-Essa era a costureira?

A-Era era...eu comecei a aprender com ela. Pois é...e essa senhora é que me apresentou esse cântico que nós tínhamos de apresentar lá...

E-Eu tinha um poema muito bonito que a minha Célia me ditou...como é que era... “Três espigas de trigo...” não sei quê e eu era uma personagem...não sei quê “entre enfeites e folhados...”

A-Bom e isto aqui ainda pertence ao largo que está queimado...

F-Isto?

A-Ai isso é que é. Aqui. E este morreu. Ou foi queimada ou morreu afogado.

E-Queimou-se pronto. Ardeu.

A-Pois.

F-E os peixes estão todos aqui...

E-Já ardeu. Está tudo ardido.

A-Pois os peixes não sei... Isto aqui está...mas aqui estes estão todos juntos.

E-No meio de tanta verdade tanta mentira tanta mentira. (risos)

A-Mas é ou não é? Isto não é uma pessoa que está aqui morta?

E-É.

A-Isto é o barco.

E-“O barco enrola na areia...”

A-Este está vivo. Este está morto.

E-Esse tá vivo.

Lz-Isto parece uma serpente.

A-Uma serpente? (risos) Oh raio! Serpente? Não queremos nada com as serpentes. Olha que as serpentes não gostam das mulheres. A gente também não gosta delas.

(silêncio)

A-Bom...isto parece que foi tudo queimado realmente.

L-Foi tudo queimado foi.

A-Pois foi...

E-Para mim é uma queimada.

A- É que este homem aqui está morto! Só se vê aqui uma ponta da perna. E este também...

E-Morreu tudo.

A-Não...mas este está vivo.

E-Esta-se mesmo a ver que ele ainda está a mexer.

A-Este está vivo. Portanto isto é uma queimada. Uma queimada não...uma queimada mas de barco. É fogo no barco. Foi fogo no mar...

(silêncio)

L-Abre a boca Filipa...

(risos)

Inv-Querem que eu diga o título?

E-Pois. Desembucha.

A-Pois.

Inv-O título é: O Navio Negroiro.

A-Então é navio mas queimou-se. Negroiro? Tá negro?

E-Tá negro.

A-Pois... Isto é um navio, são as coisas de um navio.

(silêncio)

F-Mas coitadinho está muito despedaçado.

A-Pois está. Nada disto se aproveita...

L-Isto dá para matar a cabeça.

E-Tá negro (risos)

Inv-Mas chegaram lá.

(risos)

A-A muito custo. Com uma ponta daqui e outra de acolá. (risos) Assim vai-se... Mas estão aqui umas coisinhas para nos atrapalhar.

F-Os peixinhos estão mortos.

A-Ou então, se o homem está morto, os peixinhos foram... depois já de morto (risos) ter com ele para o comer... Ele está com os olhos fechados.

E-Isto está bonito está...

A-Ora bem. Se é o navio negroiro é porque queimou! Está queimado. Exatamente.

E-Ardeu e queimou-se.

A-Queimou-se todo.

L-Ficou arrumado.

A-Isto tem jeito de ser queimado das chamas.

E-Queimou-se! E depois ficou todo negro.

A-Mas aqui dá a impressão...

F-na na na...

A-Então o que é isto? Isto é o navio que ficou todo estilhaçado, todo desfeito...

E-Ficou tudo negro.

A-(risos) Não aqui ficou encarnado.

C-E o que é isto aqui?

A-Isso é o resto do barco.

C-Não...estão duas pernas só aqui.

A-Duas pernas...

E-Isto não são pernas. São duas velas aqui para o ar.

A-Isto aqui é o barco. Isto aqui é o fogo...e depois espalhou-se. Mas o homem está a fugir para aqui...

E-Olha ardeu e queimou-se. Pronto. Ficou todo negro. Ficou em carvão.

A-As pessoas que iam no porão...

L-Agora não sei o que é isto...

A-Pronto...tá dito...

7ª Sessão (Dia 21 de Dezembro de 2015, 28 minutos)

E-Isto é uma cabeça (risos) o que está aqui. Ali parece uma árvore.

C-E aqui é outra cabeça.

E-Issso ai é uma árvore. Tem duas aqui...só se...aqui está outra cabeça.

L-Está aqui mais pequenina.

C-Esta aqui é fácil.

L-Pois..é é...esta aqui é uma cabeça. Tem aqui o pescoço, as orelhas...Só se vê uma orelha mas é aqui...a outra deve ficar para ali...o pescoço é aqui...isto aqui é aquela coisa que a gente tem a meio, a espinha...

A-Isto dá a impressão que é o pescoço e a cabeça...mas aqui se a gente vir aqui parece que é os miolos da cabeça, parece que é o cérebro...

L-Issso para mim é uma cabeça.

A-Parece assim os feitios do cérebro, da cabeça...

E-O que há nos cérebros é os miolos yé. Os miolos é isto...

C-Issso a mim parece é cabelo. Aqui em baixo

E-Também é capaz de ser.

A-Esta aqui é igual a esta...o que é é que é mais pequena.

E-É a cabeça e os membros.

A-É...Parece a cabeça com os membros, não sei...assim de lado.

E-É a cabeça, tronco e membros.

F-Isto aqui dá a impressão de duas árvores.

A-Isto aqui? Pois...parecem duas árvores. Aqui parecem duas árvores mas aqui também parecem outra cabeça...Mas isto também não sei se é para ver assim.

E-Ai é uma cabeça. Faltam é os membros aqui.

L-Esta aqui tem o formato de cabeça mas não é cabeça. É uma árvore.

C-A onde? Aqui?

L-Essa sim.

C-Pois. Aqui é. A cabeça tem outra forma.

L-Pois, não é uma cabeça. É uma árvore.

C-Pois é.

L-Eu já vi assim uma árvore. Já não me recordo foi onde foi...que eram as duas assim...

E-são gémeas.

L-Eram separadas e a parte de cima estavam coladas.

E-São gémeas (risos)

F-Esta parte parece os ombros...

A-Pois parece...pois parece...mas isto já vem daqui...

L-aqui parece mesmo um...

E-Parece uma pessoa.

L-Uma senhora que está de costas. Uma senhora que está de costas e vê-se assim os ombros.

A-Pois, aqui parece.

E-Parece que está assim meio de lado.

A-Percebe-se que são as costas...mas tem isto aqui. Isto pode ser uma montanha...o coiso da...sei lá um monte de areia...

L-É uma senhora que está de costas. Esta percebe-se as costas mas esta não dá para ver.

A-Aqui não se vê as costas.

E-Esta vê-se.

L-A mais pequenina é diferente.

A-Dá a impressão que são as costas mas também tem aqui...

E-É os ombros.

A-Istovê-se mais para aqui por isso também pode ser uma montanha...não sei...uma coisa...aqueles montes de areia...não sei.

L-Isto faz uma pessoa estar aqui a moer os olhos...

E-Isto parece uma cabeça...ali o pescoço....

(silêncio)

L-Isto eu digo que é uma cabeça. Por causa desta parte aqui.

A-Unhm...o cabelo está muito esquisito.

L-O Cabelo?

E-Parece coisa da mioleira...

F-Uma touca...

A-Ou uma touca...pois...

L-Não...é o que a gente trás cá dentro da cabeça...

A-E isto são uns sobreiros?! Não?

F-Não me parece...

(silêncio)

C-Isto parece mesmo o pescoço. O que é é que não se veem as costas.

L-Ela...ela pode ser uma árvore também...

A-Se calhar é uma árvore e afinal é é...

E-É o quê Lz?

Lz-Uma árvore.

A-Seé árvore juntaram-se.

F-Pois foi.

A-Juntaram-se aqui...

F-Tem aqui dois...

A-Tem aqui dois troncos tem...ou então é um tronco muito velho...muito roído.

E-Mas a árvore tem um coisa destes assim.

C-Pois é tem o feitio da cabeça.

E-Yé! Tem o feitio da cabeça.

(silêncio)

A-A mim a primeira impressão que me deu foi a a...o cérebro lá dentro, os miolos...esta coisa toda assim...tipo nozes.

E-Não tens nozes no pescoço (risos)

A-Aqui...nesta parte aqui. Mas aqui...esta parece que está mais perfeita a cabeça e o pescoço.

L-Esta é pequenina.

A-Tem esta parte...isto aqui não faz parte dela. Porque isto aqui, isto aqui é uma sombra das coisas que aqui estão isto. Isto...uma barreira...é uma barreira de quê?

C-Pois...pode ser também que seja uma cabeça.

A-Pois...

(silêncio)

C-Podem ser só cabeças...

A-Aqui parece que tem o cabelo russo. Mas isto aqui...para ser uma cabeça o cabelo também...

E-Isto é o cabelo.

A-Não, não...isso não é cabelo...

J-Issso parecem macacos.

(risos)

E-Não...Macaco não é.

L-Tu é que és um macaco.

(risos)

L-Então um macaco isto? Aí meu Deus!

J-Então estão a subir por ai a cima..
L-Subiram por aqui a cima...ai ai...
E-Oh macaco, macaco... Não macaco não. Macaco isto não é.
L-Isto aqui por um lado parece a parte que a gente tem dos miolos...isto aqui assim. Aqui, aqui eu já vi árvores assim abraçadas...
A-Parece-me que era mais fácil descobrir-se na outra ultima do que nesta. E no entanto esta parece mais simples. Esta parece mais simples que a outra ultima...
E-A que tinha o barco e o seu desastre.
A-Pois, a do barco.
E-Isto é difícil por causa do cabelo.
Lz-Isto parece o crânio.
A-Sim sim o crânio.
E-Pois parece pois parece.
F-Tem aqui isto...
E-Isto é a mesma coisa que aquele o que é é que muda o feitio.
C-Pois tem..
Lz-Isto parece-me uma árvore agora.
C-E aqui até parece as nozes das costas.
E-É a parte de trás. Não se vê bem o rosto mas...não sei...Pode ser o tronco mas não sei se é...
(silêncio)
L-Isto parece uma pessoa assim de lado. Tem olhos, tem nariz, tem boca...
E-Será uma árvore com neve? (risos)
L-Aqui assim de lado vê-se...
A-Esta é uma árvore no verão esta é no inverno se calhar...esta está é cheia de sede se calhar.
E-Não é bem no verão. É no outono que é quando começam a cair as folhas e é meio amarela. Lá na América é assim. As árvores começam a amarelar, estão tão bonitas naquela altura, depois cai tudo. Cai tudo. E depois torna a arrebentar.
C-Mas esta também tem o jeito de cabeça.
A-Quando está snow lá fica tudo branquinho.
E-Pois...aqui parece o snow que está ali plantado. Está tudo branquinho.
A-E este é uma árvore onde não cai snow...
Lz-No Alentejo vê-se árvores assim.
A-Porque é que esta está aqui aberta e as outras estão juntas?
L-Estas pegaram-se depois uma à outra...Aqui é um pé e este aqui é outro...olha não vou lá...
F-É diferente é.
(silêncio)
C-Na verdade esta parece uma cara.
A-Uma cara?
L-A agarrar ali de longe...ali assim parece uma cara.
A-Parece uma cara de um macaco de facto.
(risos)
L-Cara de macaco não.
A-Aquela ali...
L-Ah! Essa aí de lado...
A-Olha aqui. Aqui parece o nariz, aqui os olhos...parecem aqueles macacos...não são macacos é...uns bichos que há...
E-“É o bicho é o bicho”...
A-É uns bichos...aqui os olhos, aqui a testa...
L-E aquela parece que se virou assim para que lhe fotografassem esta parte.

A-Parece.
L-Aqui está parece-me.
A-E então para que é que elas estão aqui com isto?
L-Olha aquela também tem aquilo ali parece um pavão.
(risos)
A-E este risco encarnado?
E-Parece água...
A-Água não...
F-Não pode ser água. A água não é encarnada.
C-Água não.
L-É sangue.
(silêncio)
L-Olha quem te fez que te diga quem és.
E-Tá metido na lama. Tá lá cravado.
A-Isto está uma bagunça. Este aqui está aqui ao pé de uma barreira ou não sei do quê...
E-Esta está a apoiar-se todo e tá a ficar toda cravada para baixo.
F-não parece que seja.
A-Água não é porque para ser água era azul...
F-Pois não é.
E-se for é lama.
A-O azul?
E-Se fosse o azul tinha que ser como aquele.
Lz-Isto será possas de água?
A-Ali?
E-Ai talvez. Aqui só se for lama.
A-Esta coisa aqui é estranha. Isto assim parece o pescoço de uma cabeça.
F-Pois...
E-Isto parece que está a cravar-se ali...ali assim.
(silêncio)
A-Esta está assim a cortar-se pelo pescoço...
E-Se não é água...
L-Se não é água é vinho.
Lz-Isto aqui é o crânio.
A-É o crânio? Eu parece-me!
E-Pois parece.
A-Mas se for o crânio...isto aqui também parece o cabelo... Se o pescoço teve-se mais descoberto...Parecia melhor se tivesse mais inclinado. Agora isto está encarnado...
E-Está-se a cravar.
A-Ainda não dissemos uma pois não?
L-O que é que isto está aqui a fazer?...
C-Então, está a fazer sombra.
(risos)
L-E este risco vermelho...
A-Isto aqui é uma taça? Está a pousar aqui e depois está a fazer o género de uma cabeça que puseram num prato. A cabeça de S.João Batista (risos)
E-E isto é o sangue. Foi o sangue da cabeça cortada. (risos)
A-Pois é. Está na taça...pois é...se calhar...
E-E é o crânio...
A-Pois o crânio...
E-Yé.

F-E isto é sangue?

E-Yé.

A-E isto aqui? Está aqui uma coisa claro o que é que é? O que é que isto quer dizer? Tem aqui um sinal qualquer...Será um homem?

L-Aqui é mulher.

A-Não sei não sei.

E-Aqui parece uma mulher...

L-Aqui este pequenino...

E-Parece uma mulher.

A-Aqui parece uma mulher.

E-Este parece um homem.

Inv-Porquê?

A-Tem o pescoço largo.

L-Aqui é mulher porque nota-se...ela tá parece com um vestido.

E-aqui é um tronco....

E-será que lhe abrissem isto tudo?

A-Então se lhe abrissem isto tudo abriam-lhe o pescoço.

L-Esta vê-se aqui o pescoço todo e esta vê-se os ombros despidos.

F-Dá a impressão isso.

L-parece que tá assim coiso...

E-Cortaram a cabeça ao homem...

(silêncio)

L-Parece que lhe cortaram a cabeça com aquilo (faz o gesto da guilhotina) Eu já vi! Está no madeiro em pé e aquilo cai e corta a cabeça. Já vi um filme assim com isso. Eu mais o meu filho que gostava de ver os filmes... Uma vez eu disse-lhe: "Olha vou-me deitar", "Oh! Mãe eu vou já que estou a ver aqui este filme" e eu deu-me coiso de espreitar e fiquei a ver.

C-Isto tem jeitos de ser uma cabeça.

E-Isto visto assim parece uma cabeça de alguém.

F-Ali sim...Mas aqui não é ramagem...

L-Isto parece um bicho...

E-Não sei já...já fazem tudo e mais alguma coisa...

(silêncio)

Inv-acham esta imagem bonita?

L-Quer dizer...eu para mim não era uma das imagens mais bonitas para pôr numa parede...Assim da maneira que está eu ponho-me assim: "É lá! O que é aquilo?"

C-Mas esta até tem o pescoço bonitinho.

L-Mas não gostava de ter na parece.

E-Esta parece uma árvore...Mas não...não é...árvores não são.

L-Quer dizer, eu não gastava dinheiro para comprar um quadro assim.

E-E esta eu também já não sei. Já duvido que seja árvore também.

L-Isto fas-me lembrar o filme da cabeça cortada que eu vi....

E-E está aqui isto branco...

L-Isto aqui branco eu cá digo que é esta coisa daqui, é esta coisa aqui da espinha...esta coisa que a gente faz por aqui a baixo nas costas. Aquele ali ainda não se nota porque ainda é muito pequenino.

C-Pois, só falta a roupa dela.

(silêncio)

C-Agora esta não é o feitio da cabeça.

L-Esta não e nenhuma árvore.

E-E nesta eu ponho duvida....pode ser que seja...

L-Esta parte aqui não é igual.
E-Isto pode ser...pode ser que haja alguma...
L-Isto que aqui está feito é feito como esta.
E-É feito desta.
(silêncio)
L-Olha Filipinha...
Inv-Então o pintor pintou bem ou não?
L-Pintada ela tá bem pintada o quê é que eu não dizia assim: “ Olha, está ali um quadro que vou comprá-lo.” Não dizia.
F-Não compravas.
L-Pois!
E-Eu também não.
F-Também não.
Lz-Não...
Inv-O que é que vos transmite?
L-Transmite-me que foi um assassino...que foi cortar a cabeça.
F-E ficou só assim com o pescoço...
L-Pois.
(silêncio)
E-Isto é capaz de ser os miolos é.
L-Isto...ist ainda passa tantas vezes na televisão...estas coisas das pessoas. Se tivesse aqui a minha An...ainda talvez fosse capaz de dizer o que isto era. Anda lá a abrir homens e a abrir mulher...e ratos e caramba...
E-Pois é. Esfolam tudo.
(risos)
L-Ela diz: “Oh vô estar a abrir um rato ou um homem é mesma coisa.” Olha isto são macacos pronto. Vai na volta o meu marido é que tinha razão. Isto está tudo a macacar.
E-sabem o que isto é? É é o buraco roto.
(risos)
F-É a queda de água.
(risos)
C-Isto parece que tem o feitio do pescoço.
E-É o buraco roto. (risos)
C-Passei por lá muita vez...
L-Fui nascida e criada aqui e nunca fui a esse sitio.
E-Issso parece o cabeço do malhadouro... No tempo do Pe. Zé é que diziam que se escondiam lá os mouros....
F-Issso é no cabeço dos ossos.
E-Pois sim é isso.
L-Eu só conheço a pia da ovelha.
E-A gente quando passa a pia da ovelha primeiro a gente sobe e depois desce e vai andando, mais a diante é aí.
C-Olha...isto tem mesmo é o feitio do pescoço.
L-Tem...
E-Oh pescoço pescoço...
F-Tá mau isto.
L-Pintor que pintou...
F-Pintou Ana...
L-O pintor que diga...
E-Como se chama?

Inv-As Três Esfinges de Bikini.

L-As três...

F-Então quer dizer que esta também é.

L-Pois...

C-Vê-se bem o feitio da cara e aqui as costas.

F-Nesta vê-se...

C-E aqui o pescoço.

E-Aqui tem o feitio de umas chamas.

L-Aqui vê-se, esta também...

C-A que se conhece ainda melhor é esta.

F-Esta vê-se o pescoço.

L-Olha querida, está tudo muito bem....mas não vendes nenhum quadro que eu não compro.

(risos)

E-Isto são coisas que a gente não passou por elas...

L-Não posso dizer que achei bonito e comprei... Agente olha assim e parece mesmo a cara de uma pessoa. Assim. Assim vê-se o nariz, a boca, os olhos, as sobrancelhas...a boca aqui meio aberta.

E-A boca está mais para aquele lado. Não dá para ver.

L-A Boca? Ali?

E-Ai não tem boca nenhuma ai.

L-A gente está a ver a boca.

E-Não. Está de costas.

L-A gente está a vê-la de lado. Ela estava assentada e fez isto assim.

F-Iso é uma orelha.

(silêncio)

L-Olha...Fica com ela que eu não a compro.

F-Eu também não...

L-Olha podíamos ver coisas mais bonitas. Para ver misérias já vimos muitas...Olha mostra lá à tua mãe para ver se ela gosta e ver se ela dá mais ideias.

(risos)

(silêncio)

Inv-Não há mais nada a dizer?

E-Não não.

F-Não.

L-Não menina.

C-Esta vê-se bem que é uma cabeça o resto não sei...

E-É melhor contares a história.

L-Pois! É melhor é.

ANEXO II – NOTAS DO DIÁRIO DE BORDO

Notas de campo: 1ª Sessão (Dia 23 de Novembro de 2015, 36minutos)

Identificação	Presenças	Início da sessão	Fim da sessão
J.	P/P	Apresenta-se em baixo devido a uma queda	Participou em ambas as atividades
L.	P/P	Apresenta-se em baixo devido a uma constipação	Participou em ambas as atividades
E.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
F.	P/P	Apresenta-se um pouco em baixo pois foi operada	Participou em ambas as atividades
A.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
An.	P/F	Encontra-se bem de saúde	Participou apenas na primeira atividade
Lz.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
C.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades

Notas:

O Sr. An. tem limitações motoras e é uma pessoa de poucas palavras (gosta de ficar no seu espaço).

A Lz. apesar das suas limitações motoras e dificuldade na fala mostrou interesse em participar nas atividades.

Existe sempre alguma resistência em participar em atividades novas e, como tal, na atividade prática ninguém queria pegar no lápis. Por fim 8 elementos acabaram por fazer algo.

Perante a atividade prática surge a consolidação da matéria.

Alguns apanhados durante a atividade prática:

“...conforme o nosso estado de espírito é como desenhamos...é como o artista se calhar...”

“Eu até gostei...ajudou a passar o tempo...”; “Pois é! Uma pessoa entretém-se”

Notas de campo: 2ª Sessão (Dia 26 de Novembro de 2015, 52minutos)

Identificação	Presenças	Início da sessão	Fim da sessão
J.	P/F	Apresenta-se em baixo devido a uma queda	Participou apenas na primeira atividade
L.	P/P	Apresenta-se melhor de saúde	Participou em ambas as atividades
E.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
F.	P/P	Apresenta-se melhor de saúde	Participou em ambas as atividades
A.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
An.	F/F		
Lz.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
C.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades

Notas:

O Sr. An. devido às suas limitações prefere ficar no seu espaço. Contudo, se lhe mostrarmos a imagem fica a olhar atentamente e diz algo sobre ela.

Não conseguem discernir a diferença entre uma imagem de uma obra de arte e uma fotografia.

Denota-se os poucos conhecimentos na área das artes.

Notas de campo: 3ª Sessão (Dia 30 de Novembro de 2015, 41 minutos)

Identificação	Presenças	Início da sessão	Fim da sessão
J.	P/F	Apresenta-se muito em baixo	Participou apenas na primeira atividade
L.	P/P	Apresenta-se em baixo	Participou em ambas as atividades
E.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
F.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
A.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
An.	F/F		
Lz.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
C.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades

Notas:

Apesar do Sr. J se encontrar debilitado faz questão de participar pois “Ajuda a passar o tempo” “Desculpe não participar mais mas a cabeça não dá. Hoje fico só a ver e a fazer companhia”

Quando surge alguém estranho ao grupo o Idoso mostra a imagem e questiona o que é que esta vê.

Gostam de saber a opinião dos transeuntes e depois tentam explicar algumas coisas que foram aprendendo.

Existe dificuldade em expressar o que sentem e, como tal, para expressarem alguns sentimentos fazem vários gestos para compensar a falta de vocabulário.

Devido ao estado de saúde do Sr. J. a sessão foi interrompida algumas vezes, das quais os idosos aproveitavam para falarem sobre o seu estado de saúde, medicamentos e médicos.

Notas de campo: 4ª Sessão (Dia 3 de Dezembro de 2015, 58minutos)

Identificação	Presenças	Início da sessão	Fim da sessão
J.	P/F	Encontra-se um pouco melhor	Participou apenas na primeira atividade
L.	P/F	Encontra-se bem de saúde	Participou apenas na primeira atividade
E.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
F.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
A.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
An.	F/F		
Lz.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
C.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades

Notas:

A Lz. saiu bastante satisfeita da sessão (e participou mais na atividade prática) pois foi a primeira a adivinhar alguns elementos na análise de imagem.

A L. não participou na atividade prática pois teve de se ausentar no fim da sessão. No fim do dia viu as fotos da atividade prática e ficou satisfeita com o trabalho dos colegas.

A imagem foi dada aos participantes de forma a apresentar o rosto. Todos viraram, automaticamente, a imagem ao contrário para ver a composição do “arranjo de cesto”.

Alguns apanhados durante a atividade prática:

“Obrigada por nos aturar. Só dizemos parvoíces mas olha...”

“Só tu! Inventas tudo. Metes-nos a trabalhar com pouco para fazer tudo”

Notas de campo: 5ª Sessão (Dia 11 de Dezembro de 2015, 48minutos)

Identificação	Presenças	Início da sessão	Fim da sessão
J.	P/F	Encontra-se bem de saúde	Participou apenas na primeira atividade
L.	P/F	Encontra-se bem de saúde	Participou apenas na primeira atividade
E.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
F.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
A.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
An.	F/F		
Lz.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
C.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades

Notas:

Esta sessão sofreu alteração de data. Os idosos mostraram-se triste questionando se a atividade ia deixar de existir.

Embora a imagem tenha sido entregue na posição correta os idosos rodaram a folha por ordem a ver se noutra perspetiva lhes faria mais sentido.

Ao longo da sessão rodaram várias vezes a imagem na tentativa de observarem melhor certos elementos.

Alguns apanhados durante a atividade prática:

Constata-se que ao participarem nas atividades práticas os idosos reconhecem o trabalho do artista. Tomam consciência das dificuldades de cada material e da labuta de composição. Ao mesmo tempo que trabalham vão falando da imagem observada e tentam relacionar o título da obra com as suas ideias.

“Mesmo com as nossas aselhices cá vamos andando. Isto até é engraçado.”

“Não é fácil não é fácil...O que não lembra ao diabo lembra a ela...”

Notas de campo: 6ª Sessão (Dia 16 de Dezembro de 2015, 49minutos)

Identificação	Presenças	Início da sessão	Fim da sessão
J.	P/F	Encontra-se bem de saúde	Participou apenas na primeira atividade
L.	P/F	Encontra-se bem de saúde	Participou apenas na primeira atividade
E.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
F.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
A.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
An.	F/F		
Lz.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
C.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades

Notas:

Mais uma vez, ao longo da sessão os idosos foram rodando a imagem por ordem a descobrir/descodificar alguns elementos.

Cada vez mais, o Idoso torna-se autónomo na leitura de imagem adquirindo uma atitude mais crítica.

Alguns apanhados durante a atividade prática:

“Isto é bom porque faz puxar pelos nosso miolos...”

“Devíamos dar um nome à nossa universidade sénior”

“Isto aqui é só artistas! Qualquer dia ainda nos convidam para fazermos uma exposição.

Meta lá isto para o Facebook que vai ver... Ficamos famosos num instante.”

Notas de campo: 7ª Sessão (Dia 21 de Dezembro de 2015, 28minutos)

Identificação	Presenças	Início da sessão	Fim da sessão
J.	P/F	Encontra-se bem de saúde	Participou apenas na primeira atividade
L.	P/F	Encontra-se bem de saúde	Participou apenas na primeira atividade
E.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
F.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
A.	P/P	Encontra-se em baixo	Participou em ambas as atividades
An.	F/F		
Lz.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades
C.	P/P	Encontra-se bem de saúde	Participou em ambas as atividades

Notas:

Devido ao falecimento de um familiar de um dos participantes, todos os idosos estavam solidários perante tal.

Neste sentido, a sessão não decorreu de forma descontraída e alegre, como em todas as outras sessões, e durando pouco tempo.

Desta vez os idosos não simpatizaram muito com a imagem.

Alguns apanhados durante a atividade prática:

Ao contrario da parte “teórica” a parte prática prolongou-se.

Os idosos mostraram-se empenhados no seu trabalho.

“Sempre se passa melhor assim o tempo...”

ANEXOS III –

Tabela: Estádios de Desenvolvimento de Parsons

	Primeiro Estádio	Segundo Estádio	Terceiro Estádio	Quarto Estádio	Quinto Estádio
Tema	Importância da cor; O tema é o foco natural.	Importância do tema e não da técnica utilizada (beleza = realismo)	Importância do tema prende-se com a expressividade do objeto representado		
Expressão	A expressividade do quadro reside nos sentimentos das pessoas representadas	Expressividade reside nos sentimentos das personagens e nas cores aplicadas; Visão mais objetiva (o observador tem a percepção que o artista se esforça para trabalhar o tema)	O observador toma consciência que o artista tem a intenção de comunicar “algo”, mas, as ideias do observador também são válidas.	O observador toma consciência que existem várias interpretações tendo em consideração o contexto do artista e o contexto social.	
Meio, forma e estilo		Arte realista= artista com domínio nos materiais; Arte abstrata= artista sem maestria, sem domínio da técnica.	Interessa ao observador a expressividade contido, tem-se em consideração o domínio da técnica do artista embora o observador não domine a linguagem	Quadro é visto num contexto social, histórico; A técnica é que transmite expressão.	
Juízo	Observador não distingue gostar de julgar; Conta a preferência do observador.	Observador verifica se a obra de arte corresponde à sua expectativa ou não.	Maior consciência de responsabilidade enquanto observador (apreensão do espírito interior)	Maior uso dos dados artísticos; Importância de usufruir da mesma cultura para explicar raciocínios.	Observador formula juízos por conta própria (sem base na tradição); Respeito pelo juízo dos Outros

Carta de petição feita à instituição:

Data: Outubro 2015

Assunto: Autorização para desenvolver um projeto de investigação-ação

Exma Senhora Diretora:

Estou a desenvolver um projeto de trabalho, no âmbito do Mestrado em Intervenção para um Envelhecimento Ativo, que tem por objetivo averiguar de que modo a observação de imagens de obras de arte (pintura) pode promover um envelhecimento ativo.

Neste sentido, pretendia obter autorização de V^a. Ex^a para realizar este trabalho na sua instituição, de novembro a dezembro.

Os dados recolhidos serão de carácter anónimo, apenas pretendendo recolher informação relativa a um pequeno número de idosos.

Para a realização da investigação serão estruturadas 7 sessões, em que os idosos explorarão diferentes imagens de obras de arte (pintura) e posteriormente, poderão participar em pequenas atividades práticas se assim o desejarem.

Na expectativa de melhor acolhimento deste meu pedido, e sem outro assunto de momento, apresento os meus respeitosos cumprimentos.

Ana Cunha